

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

CLODINE JANNY TEIXEIRA

**O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar
de jovens em conflito com a lei**

São Paulo

2009

CLODINE JANNY TEIXEIRA

**O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar
de jovens em conflito com a lei**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof^{ta} Dr^a Maria Júlia Kovács.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

**São Paulo
2009**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Teixeira, Clodine Janny.

O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com a lei / Clodine Janny Teixeira; orientadora Maria Júlia Kovács. -- São Paulo, 2009.

185 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Morte 2. Adolescência 3. Violência 4. Adolescente em conflito com a lei I. Título.

BF789.D4

TEIXEIRA, C. T. O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com a lei. Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Júlia Kovács, pela oportunidade que me proporcionou de ser sua orientanda. Por ser uma pessoa tão humana, sincera, sensível, atenciosa e disponível. Sua confiança me faz buscar ser uma pessoa melhor.

Ao CNPq, pela Bolsa de Estudos que me possibilitou dedicação exclusiva a esta pesquisa.

Ao meu pai, Hélio Janny Teixeira, pelo apoio seguro que permite continuar crescendo e aprendendo, confiante em assumir novos desafios e responsabilidades.

À minha mãe, Maria Aparecida Pereira Janny Teixeira, pelo carinho, pelo incentivo e por estar sempre disponível a participar. Por me ajudar tanto com sua força, vontade e dedicação.

Ao Miguel, por ser um verdadeiro companheiro, sempre atencioso, cuidadoso e paciente. Por ter me auxiliado nos momentos de pânico tecnológico.

Aos amigos: Cíntia Honda, Kátia Cherix, Liliana Prado Lima, Ana Clara Hermógenes, Cíntia Vasques, Maria Claudia Coelho, Felipe Scatambulo, Daniel Polo.

À minha terapeuta, Jurami Mazza, que me ajuda a estar mais livre dos condicionamentos inconscientes e a transmutar as energias do passado. Graças a você, sou uma pessoa mais disponível para viver o presente de forma alegre e amorosa.

À Débora, psicóloga e cuidadora do Hospital Première, e ao Alex Peron.

Às queridas Ana, Clau, Jana, Carol, Carolina e Silvana, companheiras do grupo de orientação da professora Maria Júlia, pelos encontros dentro e fora das reuniões, pelas risadas, palpites e conversas. Aos mais antigos, Tissi, Vani e Lucélia, e aos mais novos companheiros do grupo, Candido, Aurélio e Karina.

À, Olívia, por toda a ajuda e prontidão, e à Nancy, pela presença sempre calma e serena.

Ao Mario César da Silva por todo apoio.

À Janete e à Rosa, coordenadoras de instituições de apoio ao menor, e a todos os colaboradores desta pesquisa, sem os quais ela não seria possível e aos quais ela se dedica.

À Elaine Cristina Domingues pela ajuda técnica e ao Carlinhos pela revisão.

RESUMO

TEIXEIRA, C. T. **O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com a lei.** 2009. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Apesar da diminuição dos índices de violência na última década, o número de mortes por causas externas, não naturais, ainda é muito elevado na cidade de São Paulo. Os mais atingidos são jovens do sexo masculino moradores das periferias. Nesta pesquisa foram entrevistados adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em meio aberto em duas casas de Liberdade Assistida, nas periferias sul e norte da cidade. O objetivo foi verificar como os jovens em questão percebem o fenômeno da morte na adolescência, que causas e que soluções atribuem a ele. A abordagem foi qualitativa, tanto para a coleta quanto para o tratamento do material obtido. Em seus relatos, os colaboradores denunciam a exposição constante a situações de violência, risco de morte e perda de pessoas queridas em conflitos com a polícia ou assassinadas por vingança. Apontam como uma das principais causas da morte de jovens a falta de valor dado à vida. Como solução, recomendam a ampliação do número de vagas de emprego, a eliminação das armas de fogo, do tráfico de drogas, e a urbanização das favelas; ressaltam, assim, a importância da inclusão social e da valorização da vida. Este é um tema que demanda pesquisas para embasar políticas públicas que visem a minimizar o desperdício de vidas de adolescentes e estabelecer uma cultura de paz através da inclusão social.

Palavras-chave: Morte; Adolescência; Violência; Adolescente em conflito com a lei.

ABSTRACT

TEIXEIRA, C. T. The phenomenon of death during adolescence under the look of teenagers conflicting with law. 2009. 185 f. Monograph (Master's degree) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

Although the decreasing rates of violence in the last decade, the number of deaths by external, not natural, causes is still elevated in São Paulo. The most affected are male teenagers and young adults living at the edges of the city. In this research teenagers that were placed into socio-educational measure in freedom at two facilities for Accompany Freedom of southern and northern edges of the city were interviewed. The target was to verify how they observe the phenomenon of death during adolescence, its origins and causes, and solutions for it. The approach was qualitative, for both collecting and analyzing data. In their narrations, the interviewed teenagers denunciate constant exposure to violence situations, risk of death, and loss of their beloved ones during conflicts with police or murdered as vengeance. They point the lack of value of life as one of the main causes for those deaths. As solution, they recommend increasing the number of available jobs, eliminating fire guns, illegal drug trade, and restructuring shantytowns (*favelas*); thus, they remark the significance of social inclusion and worth of life. This subject demands more researches to ground public policies that aim minimizing the waste of teenager's lives, and establishing a culture of peace through social inclusion.

Keywords: Death; Adolescence; Violence; Teenagers in conflict with Law.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Da morte domada à morte escancarada	14
1.1.1 Mortes escancaradas no Brasil e no mundo	16
1.2 São Paulo: cidade murada.....	18
1.3 Violência, um mal social.....	20
1.3.1 Diminuição dos índices de violência em São Paulo.....	26
1.4 Adolescência em conflito com a lei.....	30
1.4.1 História das instituições de apoio/punição do menor	34
1.4.2 Trajetórias no cumprimento de medidas socioeducativas	36
2 OBJETIVOS.....	38
3 RECURSOS METODOLÓGICOS	39
3.1 Abordagem da pesquisa	39
3.2 Colaboradores	40
3.3 Local.....	40
3.4 Coleta dos dados	40
3.5 Procedimento	42
3.6 Compreensão dos dados obtidos	43
3.7 Aspectos éticos	44
4 RELATOS E ANÁLISES.....	45
4.1 Introdução aos depoimentos.....	45
4.2 Análise das entrevistas	46
4.2.1 Entrevista com Letícia.....	46
4.2.2 Entrevista com Bruno.....	68

4.2.3	Entrevista com João	76
4.2.4	Entrevista com Carlos	84
4.2.5	Entrevista com Diego.....	90
5	DISCUSSÃO: TEMAS CENTRAIS E SUAS IMPLICAÇÕES	99
5.1	Valores: polaridades.....	99
5.2	Trajetórias de vida	111
5.3	Conflito com a lei	116
5.4	Violência	122
5.5	Morte.....	130
5.6	Reflexões sobre a morte na adolescência	137
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS.....	146
	ANEXOS	153
	ANEXO 1 – ROTEIRO TEMÁTICO DE QUESTÕES PARA AS ENTREVISTAS	153
	ANEXO 2 – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS ENTREVISTADOS	154
	ANEXO 3 – MODELO DE TCLE PARA AS INSTITUIÇÕES	155
	ANEXO 4 - ENTREVISTA COM LETÍCIA.....	156
	ANEXO 5 – ENTREVISTA COM BRUNO	164
	ANEXO 6 – ENTREVISTA COM JOÃO	174
	ANEXO 7 - ENTREVISTA COM CARLOS.....	178
	ANEXO 8 - ENTREVISTA COM DIEGO	181

A sensação é de desespero quando chega o fim do mês e você não tem dinheiro para manter a dignidade. Só queria ter isso, só queria ter aquilo, ter de tudo pra não dar mais tanto valor apenas pro pão com manteiga.

No corpo cansado é visível o desgosto, o olhar perdido ao longe, o desemprego é o assunto da maioria, a falta de dinheiro já é rotina.

Policiais petulantes passeiam gastando a gasolina do Estado, com arma na mão apavoram o mais humilde, dão estiletada na cara, rasgam a barriga do menor, que não soube dizer por que estava naquele horário na rua, talvez tenha vergonha de dizer que está ali porque seu pai chega bêbado e o espanca toda noite.

O tráfico continua, o homicida continua, pois a justiça aqui tem um preço.

Pode vir a civil, pode vir a rota, rajada, rajada mesmo só se não tiver idéia, porque o resto o dinheiro compra.

Qual o lado real dessa guerra? O das reportagens policiais numa TV que aliena mais o povo ou o desfile do ladrão de carro importado e ouro no pulso, que com sua aparência convence o menino de que a escola não é o caminho?

A cultura criminal já se apossou das nossas vidas, difícil é falar de amigos sem dizer a palavra finado na frente, difícil não falar de cadeia, de briga, de pistola.

O que plantaram pra gente? Desesperança. O que vão colher? Uma geração inteira de psicopatas que no começo da vida não tiveram outro caminho a seguir. Sendo empurrado como um boi para o matadouro.

A escola é quatro horas, a vida é 24, o pai não cria o filho, a rua sim, a elite financia a miséria, e no final todos se trombam na guerra aí fora.

É muita treta morar num lugar em que ninguém se respeita, onde os ratos desfilam pelas ruas, onde seu filho brinca com a água do córrego, e no final querer competir no mercado de trabalho com o filho da elite que fez inglês desde os 5 anos de idade.

O que estamos plantando para nossos filhos aqui? Não temos nem a consciência de uma cultura, não temos nem como contar nosso passado, então como olhar o futuro?

A vida é um retorno ao grande nada aqui na zona sul de São Paulo. A vida é uma grande piada, embora a gente quase nunca dê risada dela. Assim como em todas as periferias de São Paulo e do Brasil em geral, as leis são outras.

Homens nervosos, com armas na mão, que nunca olham no olho da população, despreparados e desorientados, quantos eu já vi com o sintoma da droga, cheirados até ficar mordendo, aquela arma engatilhada, apontada para um suspeito que no máximo deve ter 12 anos de idade...

Uma coisa gera a outra, e o campo de concentração moderno não tem diversão, é paranóia o tempo todo, ficar sentado na frente do bar, fumar um cigarro e, quando tiver mais idade, ir para o baseado e dali para a farinha.

O traficante distribui a droga que a televisão já vendeu há muito tempo, convencendo durante anos que por mais que a gente se esforce nunca vai ser como eles.

Eu no meu pequeno mundo não julgo ninguém, porque sei como é duro viver como um zé-ninguém, e tantos optaram por viver como rei pelo menos até os 20 anos. Vida de ladrão não dá aposentadoria, mas a rapper já fala: quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar.

A periferia não é um bloco. Somos vivos, somos diferentes, e no fundo temos o mesmo sonho, um futuro melhor, sem covardia, sem drogas, sem sofrimento e sem mortes.

Mas o homem prostituiu tudo e hoje a felicidade não é gratuita.

Ferréz, 29 anos, é morador da favela Santiago (Capão Redondo, zona sul – SP), autor dos livros Capão Pecado, Manual Prático do Ódio e Amanhecer Esmeralda (Objetiva).

Extraído do Relatório de Desenvolvimento Humano – Brasil 2005, p.89.

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória rumo ao Mestrado inicia-se em 2006.

Estava no quinto e último ano da Graduação, ano de transformações e emoções, no preparo para a vida profissional.

Junto à Graduação, concluía minha Licenciatura; nesta, tive a chance de estagiar em uma escola pública, assistindo a aulas de Psicologia para o Ensino Médio.

A única profissional que não tinha como hábito depreciar os alunos nas reuniões de professores era a professora de Psicologia; felizmente, seriam as suas aulas as que eu viria a assistir, pois, nelas, pude perceber sua sensibilidade em face das necessidades dos alunos, propondo discussões em aula sobre temas pertinentes à realidade por eles vivida. Dentre as aulas, merece destaque aquela em que foi proposto que os alunos montassem suas árvores genealógicas e que buscassem histórias de seus bairros; a aula em que falaram sobre o futuro, as profissões e o vestibular; e a aula sobre preconceito, violência e inclusão.

Sugeri que tivéssemos uma aula sobre o tema da morte, no mesmo formato das aulas anteriores, com discussão em grupos pequenos e produção de um texto reflexivo ao final. Professora e alunos se interessaram. Então, fui buscar, no vídeo “Falando de morte com o adolescente”, produzido pelo LEM - Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (KOVÁCS et al, 1999) - o instrumento disparador. Duas questões foram colocadas para reflexão: “por que há tantas mortes de jovens?” e “como acham que poderiam mudar essa realidade?”. Enquanto os grupos pensavam e respondiam, eu ia assessorando os alunos, dirimindo suas dúvidas.

Quando me chamavam, sentava-me entre eles e ouvia seus relatos. Contaram-me sobre situações de perdas de amigos e parentes que se envolveram com drogas, com o tráfico, com roubo e com acidentes relacionados a armas e brincadeiras fatais. Eles se ressentiam com os traficantes - que matam por dívidas, com a violência policial, e com o consumismo - que leva à cobiça e à ambição.

Conversando sobre suas experiências e sofrimentos, viram que não estavam sós, pois muitos tinham vivências semelhantes. Pedi que os grupos compartilhassem suas conclusões com o restante da sala. Suas respostas apontaram para a necessidade de o jovem

ganhar consciência de seus atos; de encontrar limites, pela educação escolar e familiar; de conseguir estabelecer diálogos com os colegas e com os pais; de receber afeto.

Como solução para diminuir as mortes na adolescência, sugeriram a implantação de medidas amplas, como a realização de campanhas governamentais, palestras e apresentação de vídeos nas escolas; por fim, ressaltaram a importância do papel do psicólogo nas questões sociais, considerando que este profissional deveria estar mais presente e inserido no contexto escolar.

Foram respostas ricas e reflexões importantes.

Para concluir a aula, levei alguns dados estatísticos sobre os índices de mortes na adolescência. Os dados mostraram que se trata de um fenômeno complexo, que se estende para além dos muros da escola e das casas dos alunos, e, ao atingir uma parcela considerável da população, pode ser avaliado como um problema social.

Meu trabalho de conclusão da matéria “Psicologia da Morte”, da professora Maria Julia Kovács, que cursei no final da Graduação, foi fruto da experiência de aula aqui descrita; a mesma experiência também me motivou a escrever meu projeto de Mestrado.

O foco inicial do projeto foi investigar, através de grupos vivenciais e multiplicações dramáticas, o que os jovens estudantes pensam a respeito do fenômeno da morte na adolescência.

Quando da aprovação do projeto, fiz certas reestruturações.

Ousei sair da pesquisa em escolas para adentrar no universo das ruas, faróis e abrigos; infrações, drogas e internações. Fui me aproximando de situações-limite, de vidas vividas bem próximas do risco de morte. Eram mortes da infância, de projetos de vida, de amigos, colegas e parentes, mortes simbólicas e concretas.

Neste trabalho, busco ouvir de adolescentes que passaram ou passam por situações extremas e resistem, vivendo, seus relatos e histórias a respeito do tema da morte, da adolescência, da vida, do presente e, quiçá, do futuro.

O tema da morte na adolescência envolve a complexa questão da violência nos centros urbanos. A cidade de São Paulo, como grande metrópole mundial, apesar de ter conquistado muito na diminuição dos índices de violência na última década, ainda é frequentemente palco de mortes de jovens que seriam evitáveis; os mais atingidos são adolescentes pobres moradores das periferias.

Aquilo que acontece aos jovens diz respeito a todos os cidadãos, pois, em suas biografias pessoais, os jovens dramatizam os conflitos de uma coletividade num determinado momento histórico. Os colaboradores desta pesquisa, adolescentes em conflito com a lei, sofrem diretamente os impactos da violência urbana que denunciam através dos riscos que assumem em suas vidas; seus relatos e testemunhos são fonte rica de material para intervenção de políticas públicas e civis no combate ao desrespeito dos direitos humanos.

A pesquisa qualitativa possibilita aproximação humana entre pesquisadores, colaboradores e leitores. Nesta aproximação, é possível que sejam afastados preconceitos e mitos enraizados culturalmente e que, com isso, seja fortalecido o sentimento de solidariedade democrática de percepção do outro como igual em seus direitos e deveres.

Com este tipo de pesquisa, são registrados e analisados, também, dados da história viva, protagonizada por atores sociais; esses dados devem ser combinados aos obtidos em levantamentos quantitativos para que embasem o aprofundamento na compreensão de questões relevantes à sociedade, o que é um dos principais papéis da Universidade Pública.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um tabu para o comum das pessoas, em especial para os jovens, os quais, pelo curso natural da vida, viriam, antes, a envelhecer; contudo, refletir sobre ela é mister, devido ao fato de ter se tornado um problema social grave entre os adolescentes, principais alvos de mortes por causas externas, não naturais. Trata-se de um tema urgente, que exige pesquisas específicas que sirvam de subsídio a políticas públicas capazes de intervir no processo, evitando perdas desnecessárias e a conseqüente dor dos familiares e amigos das vítimas.

Parcela considerável da população jovem tem seu futuro negado. São milhares de vidas desperdiçadas e outras tantas que sofrem indiretamente com o impacto da violência, uma ferida aberta para quem mora numa grande cidade como São Paulo.

Os meios de comunicação costumam privilegiar a divulgação de uma imagem da adolescência como agressora, destacando o envolvimento com a violência manifesta através do vandalismo, da criminalidade e da delinqüência; assim, a figura do menor deixa de causar compaixão e passa a gerar medo.

O outro lado, no entanto, é esquecido. Adolescentes são agentes, mas também são as principais vítimas da violência, que, em muitos casos, se caracteriza como uma reação a um cenário de exclusão e de coerção estrutural, como uma forma de sobrevivência.

Para ampliar a discussão sobre o assunto, conto, neste trabalho, com a colaboração de jovens em conflito com a lei submetidos à medida socioeducativa em meio aberto - Liberdade Assistida (L. A.); desse modo, busco dar voz aos principais afetados pelo problema.

Esses jovens falam sobre o significado que para eles tem a morte, sobre as razões que vêm para as mortes na adolescência, sobre que soluções poderiam ser dadas e sobre como sofrem com o contexto que os circunda.

É um assunto complexo, que pertence a distintas áreas do saber, com múltiplas determinações, interfaces, interrelações e conexões; por isso, recorro à articulação de referenciais e de áreas de conhecimento que possam contribuir para a compreensão do fenômeno. As contribuições vêm de autores da Psicologia e, também, de diversos

pensadores e pesquisadores que tratam da temática em questão partindo de outras abordagens ou de outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Filosofia.

No item “**1.1 Da morte domada à morte escancarada**”, faço algumas considerações sobre a história da morte no Ocidente e sobre os índices de mortes violentas - escancaradas - em São Paulo, no Brasil e no mundo.

Sigo, no item “**1.2 São Paulo: cidade murada**”, abordando a ocupação histórica de São Paulo e os processos de exclusão e violência que levaram a cidade a murar-se.

Em “**1.3 Violência, um mal social**”, abordo as definições do termo e as explicações que os autores dão sobre a intensificação contemporânea da violência extrema que leva à morte.

No último item do capítulo introdutório, “**1.4 Adolescência em conflito com a lei**”, busco apresentar definições de juventude e adolescência que instrumentalizam esta pesquisa e trato sobre a inserção social do jovem pobre num contexto violento através da exclusão social e do conflito com a lei.

1.1 Da morte domada à morte escancarada

Para o historiador francês Philippe Ariès (1977), a história da morte no Ocidente pode ser separada em dois momentos: o primeiro vai da Idade Média ao final do século XIX; o segundo se estende do início do século XX aos dias atuais.

Na Idade Média, o processo de morrer era vivido como algo natural. Ele era compartilhado pela família, que se colocava ao redor do moribundo em sua casa para a realização dos rituais de despedida. A morte podia ser considerada, segundo Ariès, como “domada”, pois era percebida como parte da vida e era um evento social.

Já a partir do século XX, com os avanços tecnológicos da medicina, ela deixa de ser um evento social para ser algo a ser escondido e isolado nos quartos dos hospitais. O doente é cercado de tecnologias, mas fica longe da visão e do afeto da família. O médico não aceita a “perda do paciente”, cuja morte é percebida como um fracasso, privando “o homem de seu processo de morrer naturalmente, quando chega a sua hora” (KOVÁCS, 2003, p. 71).

Falar sobre morte torna-se algo vergonhoso, um tabu tal qual era o sexo no século anterior. Os que ficam não têm direito de viver o luto em público, e têm que voltar a produzir logo. Há falta de comunicação entre paciente e familiares, ambos sabem que a morte está próxima, mas um não comunica ao outro esta consciência. Isso pode dificultar os processos da morte e do luto, que seriam facilitados se o morrer fosse visto como parte da vida. É o que Ariès chama de morte “interdita” ou “invertida”.

Ainda no século XX, surge um movimento para rehumanização do processo de morrer. Nele, a proposta é que médicos e profissionais da saúde favoreçam que tal processo ocorra com qualidade e dignidade. Elisabeth Kübler-Ross e Cicely Saunders tiveram, em locais diferentes, papéis semelhantes e contribuições muito importantes para esse movimento.

Em 1980, Kübler-Ross começa a organizar palestras nos EUA com o intuito de mostrar a importância da proximidade entre médico e paciente e da comunicação entre a equipe médica, familiares e entre todos eles e os pacientes. Para a autora, o processo do morrer deve envolver troca de informações e sentimentos e o respeito ao ser humano que passa por essa etapa da vida, e esse respeito inclui o direito de fazer escolhas, a

possibilidade de dizer o que não havia sido dito, e de se desculpar ou fazer recomendações, o que permite que se tenha os aprendizados necessários e pertinentes à vida.

Esse é o movimento da “boa morte”, numa rejeição à medicalização que impede a comunicação e na busca por maior preparo para o processo de morrer, sem prolongar a vida desnecessariamente - distanásia - e/ou antecipar a morte, no caso de eutanásia. Kübler-Ross (1996) ressalta a importância do toque físico e da escuta atenta, numa postura de acolhimento. Defende que crianças também devem participar e partilhar das informações a respeito do luto e da morte, porque a falta de comunicação não significa ausência de sofrimento. Nesses casos, favorecer a conversa e o compartilhamento de sentimentos é tido como a melhor saída de acordo com Kovács (2003).

Outra importante contribuição para a rehumanização do processo de morrer ocorre na Inglaterra, quando, em 1959, Cicely Saunders inicia a construção do St. Christopher’s Hospice. *Hospice* “abrigo para viajantes”, daí, “hospedaria”, era o local destinado ao atendimento de pacientes com problemas oncológicos graves, que necessitavam de urgente diminuição do sofrimento e da dor. O conjunto de cuidados destinados a pacientes graves ou crônicos passou a ser chamado de Cuidados Paliativos.

No *Hospice*, pacientes e familiares têm abertura para participar das decisões junto à equipe de profissionais para a condução do tratamento e são respeitados os valores e necessidades de cada pessoa, nas esferas física, psicológica, social e espiritual de sua vida e da doença. Esta compreensão ampla dá origem ao conceito de “dor total”. Na proposta de Saunders, são ressaltadas a importância da dimensão espiritual na busca do sentido da vida e da morte e a importância da retomada dos ritos na elaboração do luto, por estes trazerem o lado mítico da existência, podendo dar sentido a certas experiências e dar “expressão simbólica a certos sentimentos de uma pessoa ou de um grupo” (KOVÁCS, 2003, p. 137).

A morte “interdita” (ARIÈS, 1977) convive, no início de século XXI, com o movimento de rehumanização e com uma forma de morrer chamada por Kovács (2003) de “escancarada”, por se dar na rua, às vistas de todos. São exemplos os homicídios, suicídios e acidentes de carro, atentados, chacinas, guerras e trocas de tiros entre traficantes, entre esses e os policiais, e nas mortes por balas perdidas. Ela está muito presente nos filmes, na TV, nos jornais, nos documentários e nos jogos de *videogame*, invadindo a vida das pessoas repentinamente, sem que estas possam se proteger ou se preparar, pois ocorre de forma

violenta e inesperada. É um tipo de morte que aumenta em proporção a cada ano nas grandes metrópoles, tendo como principais vítimas os jovens.

1.1.1 Mortes escancaradas no Brasil e no mundo

Desde a década de 80, tem aumentado o número de mortes por armas de fogo. Frequentemente, os jovens são responsabilizados por este aumento, mas é relativamente pequena sua participação nesses crimes; por outro lado, esta é a parcela da população que mais morre por causas externas, não naturais.

Estima-se que, em 2000, tenham ocorrido 199 mil homicídios de jovens entre 10 e 29 anos de idade em todo o mundo. Pode-se multiplicar esse número por 30, aproximadamente, para se obter o número de vítimas de violência não fatal (PERES, CARDIA e SANTOS, 2006).

Este é um fenômeno mundial, mas, no Brasil, o número de mortos se equipara ao de países em guerra. Em 2005, o número de mortos por armas de fogo chegou a superar o número de vítimas da Guerra Civil de Angola e da Guerra do Golfo; de acordo com reportagem do Jornal “O Estado de São Paulo”:

De 1979 a 2003, foram 550 mil mortos, o suficiente para o Brasil ficar atrás apenas da Venezuela entre os países campeões de mortandade a tiro na população em geral e em terceiro lugar quando se observa a população jovem (15 a 24 anos) - depois de Venezuela e Porto Rico. [...] Entre os jovens, é pior: a população entre 15 e 24 anos cresceu 43,2%, mas morreram assassinados 742,9% a mais (GARBIN, 26 jun. 2005).

O número de homicídios varia entre cidades e dentro delas, afetando os moradores das áreas mais pobres dos grandes centros urbanos. Essa distribuição específica no espaço é indicativa de como está a saúde social.

A região Sudeste do Brasil concentra aproximadamente 40% da população de 0 a 19 anos e 60% dos homicídios ocorridos nessa faixa etária entre 1980 e 2002. São Paulo e Rio

de Janeiro são os estados com maior ocorrência de mortes, respectivamente, com 60,9% e 38,3% dos casos da região (PERES, CARDIA e SANTOS, 2006).

Dados levantados pela UNESCO mostram que, na cidade de São Paulo, 79,1% das mortes de jovens registradas em 2002 foram devidas a “causas externas”, classificação do CID-10 para as mortes por acidentes de transporte, homicídios, suicídios ou óbitos por arma de fogo; enquanto isso, para a população não-jovem, esse índice é de 9,7% (WAISELFISZ, 2005). Em São Paulo, os homicídios por armas de fogo são responsáveis por aproximadamente 70% das mortes por causas externas: em 2002, foram 2.349 homicídios.

Em relação aos índices de homicídios, o estado de São Paulo passou por três fases: a primeira, de 1993 a 1999, de incremento acelerado destes índices em todas as áreas do estado; a segunda, entre 1999 e 2000, quando os números pararam de crescer na capital e na Região Metropolitana, mas continuaram aumentando no interior, num processo de interiorização da violência; e a terceira, de 2000 aos dias atuais, em que o número de homicídios vem decrescendo em todas as regiões, contudo, mais lentamente no interior, e se mantendo ainda mais elevado entre os jovens.

De acordo a Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo (SEMPPLA, 2007):

[...] as políticas públicas voltadas ao controle da violência devem, necessariamente, levar em consideração o fato de que, se, por um lado, observa-se uma redução nas taxas gerais de homicídios nos últimos anos, por outro, nota-se que as mortes por homicídio mantêm-se em patamares elevados entre a população jovem. (p. 58)

Adorno (2002a) aponta que as principais causas dos homicídios são conflitos entre quadrilhas, confronto de policiais com civis, ação de justiceiros e grupos de extermínio. A maior parte dos jovens assassinados não tem relação com o crime, mas esta relação aumenta a chance de serem vítimas de violência fatal.

De acordo com Waiselfisz (2005), os mais afetados pelas mortes violentas no estado de São Paulo são jovens do sexo masculino (92%), com idade entre 15 e 24 anos. Drumond Jr. (2002) complementa que esses jovens são em geral negros ou pardos, com baixa instrução e moradores das periferias.

Segundo a SEMPLA (2007), a maioria dos homicídios ocorre perto do local de moradia da vítima. As regiões que oferecem maior risco de homicídio, de acordo com o jornal “Folha de São Paulo” (CARAMANTE; SPINELLI, 06 ago. 2008), encontram-se na zona Sul, formando o que foi chamado de “triângulo da morte” - Jardim Herculano, Capão Redondo e Parque Santo Antônio -, onde aproximadamente 30% dos domicílios têm renda de até três salários mínimos.

Dados do Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade do Município de São Paulo (PRO-AIM) indicam que é ainda maior o número de regiões onde é frequente o assassinato de jovens, incluindo além das regiões citadas anteriormente, o Jardim Ângela, com 108 homicídios por cem mil adolescentes em 1995; Cachoeirinha, com 88; Jardim São Luiz, com 70; Vila Curuçá e Sacomã, com 66; Jardim Helena, com 62; Brasilândia, com 61; e Santo Amaro, com 60. (DRUMOND JR., 2002)

Conforme Adorno (2002b, p. 124):

[...] Trata-se de bairros onde é precária a infra-estrutura urbana, onde são elevadas as taxas de mortalidade infantil, onde a ocupação do solo é irregular e, quase sempre, ilegal e onde é flagrante a ausência de instituições públicas encarregadas de promover o bem-estar, sobretudo acesso a lazer para crianças e adolescentes, como também de instituições encarregadas de aplicar lei e ordem. A presença destas agências é, não raro, associada aos fatos que denotam violência desmedida, repressão incontida e descaso de atendimento nos postos policiais.

Assim, apesar de um provável aumento da qualidade de vida das populações urbanas gerada pelo progresso tecnológico, nessas periferias, ainda é restrito o acesso às instituições que promovem o bem-estar e a cidadania.

1.2 São Paulo: cidade murada

São Paulo é uma cidade plural, com amplo território, diversidades regionais e grandes desafios. A cidade desenvolveu-se rapidamente nos últimos cinquenta anos, e, hoje, possui a maior concentração populacional do Brasil, com 11 milhões de habitantes em

2007, de acordo com dados da SEMPLA (2007), sendo uma das cinco maiores aglomerações urbanas do mundo.

De sua fundação até o século XVIII, era difícil o acesso a ela, predominava a população indígena e se falava a língua tupi. Sem produtos de agro-exportação, seus moradores fizeram incursões pelo interior do país em busca de minérios, nas chamadas Bandeiras; no século XIX, inicia-se o cultivo do café, e a realidade local se modifica, transformando São Paulo num pólo econômico do país. A cidade enriquece, se urbaniza, e vê multiplicado seu contingente populacional com a vinda de estrangeiros (DUARTE, 2008).

No início do século XX, São Paulo passou por acelerado processo de industrialização, que, até 70, década do milagre econômico, absorveu a maior parcela dos trabalhadores da cidade; outra parcela era absorvida, como hoje, pelo mercado informal e pelo sub-emprego. Já nos anos 80, com a chamada “década perdida”, a crise mundial atinge o Brasil trazendo inflação e desemprego, perda do poder aquisitivo e aumento das desigualdades sociais. Na década seguinte, quando ocorre o processo de globalização e internacionalização do mercado, com a flexibilização das leis de trabalho, terceirizações e privatizações, o desemprego aumenta, minando ainda mais as esperanças de ascensão social, aumentando a exclusão, a violência e os índices de homicídio que vitimizam principalmente as camadas mais pobres da população (DRUMOND JR., 2002).

Durante este percurso, o padrão de distribuição da população se inverteu de centralização para a periferização. O censo de 2000 mostra que são os distritos dos “[...] extremos sul, leste e norte do município que passam a concentrar os maiores contingentes demográficos, com sérias implicações de ordem socioambiental.” (SEMPLA, *idem*, p. 10)

As periferias foram formadas através de loteamentos, em sua grande maioria clandestinos, com casas próprias autoconstruídas. Nas áreas de risco e de proteção de mananciais, formam-se também as favelas, que concentravam em 1993 um quinto da população do município (CALDEIRA, 2000, p. 23).

Muitos dos moradores das favelas e das periferias ainda carecem de acesso a saneamento básico, coleta de lixo e iluminação pública, de assistência médica, educação, opções de lazer e de áreas verdes; são excluídos dos bens materiais, culturais e sociais.

Muitos buscam inserção econômica através da informalidade; outros, através da ilegalidade; e outros sobrevivem com os baixos salários, quando não estão desempregados.

Pobreza e exclusão se chocam contra os muros da cidade. Com medo da violência crescente, as classes média e alta buscam proteção dentro dos *shopping centers* e dos condomínios fechados, com seguranças particulares nas portas selecionando aqueles que entram. “A imagem do suspeito é feita de estereótipos, e, conseqüentemente, o sistema de triagem discrimina especialmente os pobres e os negros”. (CALDEIRA, 2000, p. 317); no entanto, os muros e a própria segurança privada perpetuam a violência e a exclusão, sem que seja resolvido o problema em sua origem: “[...] arquitetura e o planejamento defensivos promovem o conflito em vez de evitá-lo, ao tornarem explícitas as desigualdades sociais e a falta de referências comuns” (*idem*, p. 340), o que é contrário à liberdade democrática, que parte do princípio de que todos são iguais perante a lei, ou seja, são dignos de terem os mesmos direitos.

Além da segregação espacial, esses mecanismos reproduzem um discurso social de criminalização e culpabilização do pobre pela violência, que autoriza seguranças e policiais a cometerem abusos à integridade física e moral do suposto suspeito.

Para Endo (2005), essa forma de manter as desigualdades é uma herança colonial viva, enquanto aquele que é discriminado, assim como ocorria com os escravos, não é visto como um igual, como cidadão, e, dessa forma, fica exposto a todo tipo de abuso e violência por parte dos “outros” cidadãos.

1.3 Violência, um mal social

Ao tratar de um assunto complexo como a violência relacionada à morte de adolescentes, é mister ter cuidado para evitar fatalismos e determinismos, e, na tentativa de mapear a realidade, convém traçar caminhos e soluções possíveis.

Este é, de acordo com Trassi (2006), um assunto com múltiplas determinações, que revela as transformações da cultura e dos padrões de relações humanas, em nível singular - da biografia do indivíduo - e coletivo - estrutural e conjuntural - num dado momento

histórico. A autora defende que o conhecimento produzido não seja isento, mas solidário: “[...] aquele que se aproxima, que está ali onde a dignidade humana está ameaçada, onde não existe a palavra.” (p. 17).

De acordo com Chauí (1999), violência é toda e qualquer atitude exercida contra uma pessoa, ou situação que a retire de seu lugar de sujeito e a coloque no lugar de objeto. Suas formas de manifestação são múltiplas e complexas, indo do abandono à agressão física.

Minayo (2003) encontra no imaginário social três definições de violência:

[...] no centro de tudo, a “violência física”, que atinge diretamente a integridade corporal e que pode ser traduzida nos homicídios, agressões, violações, roubos a mão armada; a “violência econômica”, que consiste no desrespeito e apropriação, contra a vontade dos donos ou de forma agressiva, de algo de sua propriedade e de seus bens. Em terceiro lugar, a “violência moral e simbólica” é aquela que trata da dominação cultural, ofendendo a dignidade e desrespeitando os direitos do outro. (p. 26)

Ainda segundo Minayo, a violência externa classificada como delinquência é apenas um sintoma, uma forma de expressão humana, de comunicação, uma “dramatização de causas”. A autora cita o pensamento de Hanna Arendt ao afirmar que reduzir a violência à sua forma mais visível e incomodante, que é a delinquência, “pode corresponder a dar analgésico para combater a dor provocada por uma doença grave” (*idem*, p. 32). Compreende-se que a violência física está relacionada a outras formas de violência, como a econômica, a moral e a simbólica, não havendo assim uma forma única de violência, mas violências.

A exclusão é uma forma de violência, pois ela representa o desrespeito a uma série de direitos. Aqui, enquanto há modernização e ampliação do acesso a bens materiais e simbólicos, há discriminação, segregação espacial, e diferenciação no acesso à justiça. No paradoxo da democracia brasileira, convivem conquistas e retrocessos. A violência é, também, por vezes, reação à exclusão.

Minayo *et al.* (1999) afirmam que há uma série de fatores da vida moderna que, somados, geram falta de perspectivas de futuro e de segurança para o exercício da cidadania; dentre esses fatores, estão a pobreza, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, as demandas cada vez maiores de escolarização e preparo profissional, o medo

diante das crises diversas por que passam o Brasil e o mundo, o crescimento da indústria do tráfico, a impunidade e a perda de confiança na efetividade do sistema judiciário. Fenômenos como os citados contribuem para sociabilizações específicas e aparentemente fáceis e imediatas, mas que costumam ter um preço social e particular muito alto.

Adorno (2002a) faz ressalvas à associação entre pobreza e delinquência; porém, uma associação direta pode ser feita entre a pobreza e a probabilidade de se ser vítima de violência contra a vida ou contra a integridade física. Os grupos que mais sofrem com a violência são aqueles desprovidos de proteção, que habitam áreas com múltiplas carências sociais, com elevados conflitos com desfechos fatais, carentes de garantias com relação aos direitos humanos e, muitas vezes, culpabilizados pelos problemas de toda a sociedade.

Levantamentos do NEV (Núcleo de Estudos sobre a Violência) sobre o contexto de crescimento da violência urbana mostram que as principais vítimas de mortes por causas violentas são os adolescentes e os jovens adultos do sexo masculino, em especial os procedentes das chamadas classes populares urbanas. A pesquisa indica que a maioria dos crimes não chega a ser registrada e que, dos que são, apenas uma parte se transforma em inquérito policial e pouquíssimos chegam ir ao tribunal; mesmo entre os casos que chegam ao tribunal e são julgados, há grandes índices de impunidade (ADORNO, *idem*).

Segundo Cardia (1999), a impunidade é fator determinante na violência urbana, pois “é como se houvesse uma espécie de licença para matar adolescentes e jovens adultos, sobretudo procedentes dos estratos sócio-econômicos desfavorecidos que habitam os bairros da periferia urbana da capital do município.” (p. 2).

A distribuição espacial dos crimes violentos contra a vida se concentra nas regiões onde há maior exclusão. Na cidade de São Paulo, é nos distritos mais afastados da região central onde ocorre a maior parte dos homicídios e é onde se concentram, também, os piores índices de exclusão social (ENDO, 2005).

Nessas regiões, apesar do processo de democratização, ocorrem graves violações dos direitos humanos cotidianamente, incluindo desde torturas e detenções sem mandado a execuções.

No início dos anos 80, os crimes violentos representavam cerca de 20% do total de crimes registrados; depois de 1984, eles passaram a representar cerca de 30% do total, chegando a 36,28% em 1996, quando houve o pico, com destaque para o homicídio doloso.

Desde 1989, as mortes violentas - acidentes, homicídios e suicídios - têm sido a segunda causa de morte no Brasil (SOUZA e MINAYO, 1995, p. 90).

Nos primeiros anos logo após a virada do século, a segurança pública e o medo passaram a ser considerados, pela opinião pública, o principal problema da cidade de São Paulo, superando os problemas econômicos e de desemprego. (WASELFISZ & ATHIAS, 2005)

A violência, enquanto mal social, tem diversas determinações e implicações. Em geral, para controlar esse mal, a sociedade dispõe da cultura e da mediação do Estado para estabelecer as leis e fazer com que elas sejam cumpridas, determinando punições aos infratores. Quando a cultura e a autoridade fracassam no controle a esse mal, ele passa a invadir espaços, e, de forma reativa, são adotadas medidas de encerramento e de controle simbólicas - preconceito e estigmatização - e materiais, que não resolvem o problema, reproduzem-no.

Chauí (1989)¹ em entrevista concedida ao programa Roda Viva afirma que, no Brasil,

[...] as leis sempre foram armas para preservar privilégios e o melhor instrumento para a repressão e a opressão, jamais definindo direitos e deveres. No caso das camadas populares, os direitos são sempre apresentados como concessão e outorga feitas pelo Estado, dependendo da vontade pessoal ou do arbítrio do governante. Situação que é claramente reconhecida pelos trabalhadores quando afirmam que ‘a justiça só existe para os ricos’, e que também faz parte de uma consciência social difusa, tal como se exprime num dito muito conhecido no país: ‘para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei’. Como consequência, é uma sociedade na qual as leis sempre foram consideradas inúteis, inócuas, feitas para serem violadas, jamais transformadas ou contestadas. E onde a transgressão popular é violentamente reprimida e punida, enquanto a violação pelos grandes e poderosos sempre permanece impune. (p. 28)

De acordo com Caldeira (2000), além das variáveis econômicas e de urbanização, há valores socioculturais difundidos no Brasil que identificam a ordem e a autoridade ao uso da violência, e, desta forma, reproduzem-na. Os discursos sobre o medo “incorporam preocupações racionais e étnicas, preconceitos de classe e referências negativas aos pobres e marginalizados” (p. 9) e levam adiante esses valores fazendo com que pessoas de todas as classes apoiem a ação policial violenta ou a adoção de medidas ilegais e privadas para

¹ Informação verbal.

combater a criminalidade ou para fazer “justiça” através da vingança, devido ao descrédito em relação à eficiência da polícia e a deslegitimação do sistema judiciário como mediador de conflitos.

Esse descrédito tem bases sólidas segundo Mingardi (1992, p. 57, citado por Caldeira, 2000, p. 107), investigador da Polícia Civil na década de oitenta, que, em sua etnografia mostra que, além de suborno, corrupção e tortura, os atendimentos de denúncias são feitos com má vontade e nem sempre são notificados. “Quem apanha é pobre; colarinho branco não apanha, faz acerto”. Assim, a prática policial criminaliza os pobres e deixa de punir ricos mediante pagamento de suborno. Roubos e furtos a propriedades de pequeno valor tendem a não ser registrados, enquanto são investigados apenas os casos que acometem as classes altas. O “acerto” é o valor pago à polícia para que esta não instaure inquérito e que o registro seja limpo; com esses acertos e limpezas, as estatísticas são distorcidas.

Para Endo (2005, p. 36) “abrir mão da violência significa quase abrir mão de privilégios, os reais e os fictícios, os de que se usufrui e os que se pensa, um dia, poder usufruir.”.

A polícia teve, historicamente, no Brasil, um caráter repressivo de proteção dos ricos contra pobres; dentre as técnicas “corretivas”, eram utilizados espancamentos e prisões arbitrárias sem julgamento, e, mesmo depois que o poder judiciário foi separado da polícia, essas práticas continuaram existindo.

Em 1969, a polícia foi dividida, pelo Regime Militar, em duas corporações, a Polícia Militar, para o policiamento uniformizado de rua, e a Polícia Civil, responsável pela parte administrativa; ambas sob a autoridade da Secretaria de Segurança Pública do Estado. Durante a ditadura, ambas cometeram abusos, torturas e assassinato de prisioneiros. Em 1978, a constituição democrática mantém essa divisão e a violência das ações. Conforme Caldeira (2000):

Em 1991, apenas a Polícia Militar matou 1.140 pessoas no estado de São Paulo durante ‘confrontos com criminosos’; em 1992 o número de mortes foi de 1.470. Este último número inclui 111 presos massacrados na Casa de Detenção, a maior prisão de São Paulo, em 02 de outubro. (p. 135)

Ainda segundo a autora, grande número de mortes provocadas pela Polícia Militar é registrado pela Polícia Civil como “resistência seguida de morte”, e não como homicídios, e depois classificado como “outras ocorrências” nas tabulações finais do crime. Estima-se que as distorções tenham sido constantes ao longo dos anos, por isso os dados estatísticos são, de certa forma, comparáveis. Das mortes registradas pela Polícia Civil no município de São Paulo, a maioria aconteceu nos bairros pobres da periferia, tendo como vítimas jovens do sexo masculino, em sua maioria negros, entre 15 e 25 anos, e poucos dos casos resultam em instauração de inquérito.

Dados da Corregedoria da Polícia Militar publicados no Diário Oficial do Estado mostram que estes números continuam subindo. Em 2008 a polícia militar matou 21% mais que no ano anterior (FOLHA DE SÃO PAULO, 26 jul. 2008).

De acordo com Adorno (1996) em seu estudo sobre a justiça criminal de São Paulo, os negros são mais molestados pela polícia do que os brancos, apesar de estes cometerem crimes na mesma proporção, e enfrentam maiores obstáculos ao acesso ao sistema judiciário e a terem seus direitos garantidos por defesa adequada, e, por isso, acabam sendo mais condenados que os brancos. Outro tratamento judiciário desigual, garantido pela legislação, são os privilégios carcerários a quem tem diploma de curso superior.

Este último benefício não deverá durar por muito tempo, pois foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado em março de 2009, proposta que prevê seu fim. A proposta entrará em vigor se for aprovado pelo plenário do Senado e sancionado pelo Presidente da República.

Para Peralva (2007), há relação entre o crescimento da criminalidade e a desorganização da polícia, pois esta, apesar de ser responsável pela ordem pública, comete atos de violência contra a população civil e compromete-se, constantemente com o crime; assim, a polícia contribui para o sentimento de risco de morte da população mais vulnerável e para o medo de sofrer sua ação violenta, que pode gerar, como reação, o engajamento no narcotráfico:

Evidentemente, a polícia não é a única causa do risco, que a simples presença do tráfico potencializa. O risco tem, na verdade, uma dupla cara — a da instituição policial e a da comercialização ilegal da droga, que um mercado cidadão alimenta. Mas a dificuldade para quem mora na favela, e mais particularmente para os jovens, é de se manter a igual distância de uns e de outros. E a força de atração do narcotráfico é tanto

maior, à medida que a polícia não é um elemento de proteção; ela, é ao contrário, causa de revolta. (p. 133)

Endo (2005, p.41) cita o livro de Caco Barcelos, lançado em 2001, que trata sobre a atuação da ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) de São Paulo, modalidade do Batalhão de Choque da Polícia Militar para patrulhamento motorizado. O livro citado mostra que, dentre os que foram assassinados pelos policiais da ROTA, os civis sem relação com crimes representam a maioria.

Dados da pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha² sobre a percepção que a população tem acerca da violência mostram que esta passou a ser a primeira preocupação dos paulistanos, apesar de os índices oficiais de violência virem diminuindo na última década. O estudo aponta como causa dessa percepção o grande impacto causado por casos divulgados pela mídia, que, somados à descrença na capacidade de reação do poder público, geram sensação de insegurança. Como melhores formas para combater o crime, a pesquisa aponta que “mais da metade da população brasileira (51%) defende a pena de morte (51%), a prisão perpétua (72%) e a convocação do Exército para combater a violência (84%)”.

A pesquisa do Instituto Datafolha mostra que a população apoia soluções imediatistas de combate à violência, as quais visam, apenas, a eliminar os sintomas, sem alterarem as causas do problema; além disso, “soluções” dessa natureza autorizam ações de desrespeito aos direitos humanos, à democracia e à própria legislação, que realimentam o mesmo mal social que desejam combater.

1.3.1 Diminuição dos índices de violência e morte em São Paulo

Quatro fatores são citados por Waiselfisz e Athias (2005) e Waiselfisz (2008), pesquisadores, para explicar a diminuição dos índices de violência na cidade de São Paulo ao longo da última década: a criação do Fórum Metropolitano de Segurança Pública; a

² Folha Online, Caderno Imprescindível da Semana, Semana de 11/03/2002 a 17/03/2002, <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/imprescindivel/semana/gd110302a170302.htm>>, acessado em 21/04/2009.

aprovação do Plano Nacional de Segurança Pública; a criação do Sistema de Informação Criminal (Infocrim); e a ação da sociedade civil.

O Fórum foi criado em 2001 em parceria com o Instituto São Paulo Contra a Violência — órgão da sociedade civil — e passou a integrar Prefeituras Municipais, deliberando medidas com caráter preventivo como a expansão do policiamento municipal e a Lei Seca.

Já o Plano Nacional de Segurança Pública, aprovado em junho de 2000, compreende ações e compromissos envolvendo desde o combate ao narcotráfico e ao crime organizado, ao desarmamento e controle de armas, capacitação da polícia, eliminação das chacinas e das execuções sumárias e a atualização da legislação sobre segurança pública, para implementação pelo Estado de São Paulo.

O banco de dados do Sistema de Informação Criminal (Infocrim) foi lançado em setembro de 2000 contendo informações informatizadas e ligadas em rede referentes às ocorrências policiais.

Em relação à sociedade civil, os autores citam organizações voltadas à segurança e à paz, como o Instituto São Paulo Contra a Violência (SPCV) — que criou o Fórum Metropolitano de Segurança Pública, o Disque Denúncia, e a Rede de Observatórios de Direitos Humanos, junto ao Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo e as secretarias de Estado de Direitos Humanos e de Assistência Social — e o projeto Abrace seu Bairro, direcionado ao estímulo do protagonismo juvenil. Citam também a Campanha Sou da Paz pelo Desarmamento, com o símbolo da pomba da paz feita com as mãos, lançada por estudantes de Direito da Universidade de São Paulo em parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil, a União Nacional dos Estudantes e o Ilanud (Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente), dentre outras organizações, e apoiada pela agência de publicidade DM-9, artistas e personalidades.

Além desses, outros fatores podem ser relacionados à diminuição do índice de mortes violentas em São Paulo. Segundo Trassi (2006) uma variável importante é o aumento da organização do crime. A autora obteve relatos dos colaboradores de sua pesquisa que mostram que há acordo entre as facções criminosas para que não haja mortes

de rivais, cabendo aos chefes mediar os conflitos, e apenas estes têm autorização para matar:

[...] Os trabalhadores de um programa de liberdade assistida na longínqua zona leste (*sic*) da cidade relatam, em 23/9/2005, que há uma ordem dos chefes locais do crime ‘de dois anos para cá’, que ninguém está autorizado a ‘matar’, só eles. (p. 201)

Recentemente, também, a mídia tem noticiado casos de violência policial em que o abuso foi punido com prisão dentro da própria polícia, afastamento do cargo, e julgamento, como foi o caso do tenente Vinicius Ghidetti Moraes de Andrade. O policial militar está preso em unidade militar e foi indiciado por homicídio triplamente qualificado por ter entregue três jovens moradores do Morro da Previdência, no Rio de Janeiro, a morro controlado por facção rival (da Mineira), onde foram torturados assassinados. (DANTAS, 22 jun. 2008).

Com a interiorização da violência que vem ocorrendo desde 1999, a conquista da diminuição nos índices de mortes obtidos pela cidade de São Paulo deve ser investigada e melhor compreendida para que se possa verificar quais dos aspectos observados podem ser reproduzidos nas demais cidades do interior e quais aspectos ainda precisam ser melhorados na capital.

Na sequência, apresento algumas recomendações feitas por autores que estudam o tema da violência e da morte de adolescentes para ampliar as conquistas por cidadania e por uma cultura de paz.

Do trabalho realizado por Castro *et al* (2001), intitulado *Cultivando vidas: desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*, em parceria com a UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, destaco as seguintes indicações para políticas públicas:

26. Investir nos projetos político-pedagógicos e curriculares da rede pública, visando a um modelo de educação oficial mais integrador e que seja compatível com as necessidades da formação geral das diversas juventudes contemporâneas.

27. Incluir nos projetos pedagógicos as experiências das ONGs e instituições governamentais de trabalho com os jovens.

28. Valorizar a arte e a cultura tanto como meios efetivos de resgate da dignidade dos indivíduos e de seus desejos positivos, quanto como caminhos de reconstrução das perspectivas individuais coletivamente elaboradas.
29. Estimular o debate permanente entre a sociedade e os meios de comunicação, no sentido de discutir temas como violência, cidadania e valores democráticos em confronto com o conteúdo das programações e propagandas veiculadas.
30. Dar ênfase aos espaços que possibilitem a socialização dos esforços positivos de emancipação e individualização dos jovens, considerando-os fundamentais para a universalização da consciência da cidadania.
31. Criar, por parte dos poderes públicos, programas de sensibilização e prevenção à violência doméstica.
32. Elaborar políticas de acesso para os jovens em situação de pobreza a espetáculos culturais, como cinema, teatro, debates, museus, bibliotecas, *shows* etc.
33. Desenvolver atividades direcionadas à incorporação dos jovens, vinculadas a programas sociais que possibilitem uma maior sensibilização em relação à tolerância e à solidariedade. (p. 528).

De acordo com as autoras, ações como essas contribuem para o resgate da cidadania, da auto-estima e de valores positivos da vida dos jovens.

Peres, Cardia e Santos (2006), integrantes do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, destacam a necessidade de se melhorar a qualidade das informações disponibilizadas sobre a morte de crianças e adolescentes; criar sistemas integrados de informação; desenvolver atividades de treinamento e capacitação de policiais para a preservação da vida; apoiar novas pesquisas quantitativas e qualitativas na área para ajudar a realizar um diagnóstico preciso sobre o problema e embasar ações específicas de prevenção da violência; e, por último, planejar políticas públicas para a difusão do uso das informações geradas por estudos e pesquisas realizadas pelas universidades e grupos de pesquisa, como instrumento de trabalho, desenvolvimento, monitoramento e avaliação de ações para os gestores locais.

Peralva (2000) sugere a criação de uma lei de diretrizes e bases da segurança pública nacional, assim como existe hoje uma lei equivalente para a educação, e ressalta a necessidade de controle, boa formação e boa remuneração da polícia para que esta seja mais respeitada e respeitável.

O protagonismo juvenil é defendido por Minayo (1999); para a autora, é importante a valorização dos espaços, ideias e práticas dos jovens e as soluções para os problemas que

os atingem, que são, na realidade problemas de toda a sociedade, e devem ser pensados de forma dialógica.

Endo (2005) fala sobre a importância dos testemunhos da sociedade civil, como ocorre no Fórum Metropolitano de Segurança Pública, para que o medo e a dor não sejam tratados apenas por especialistas nos consultórios particulares, ou permaneçam guardadas para si enquanto trauma, mas que ganhem proporções políticas através da participação da população envolvida pelos abusos:

[...] os testemunhos são parte do conhecimento imprescindível nesse processo de reconhecimento e compreensão das violências, uma vez que sem eles corre-se verdadeiramente o risco de produzir reflexões e ações genéricas, preconcebidas e mais violentas. (p. 290)

Finalizo com as recomendações feitas pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2005). No *Relatório de Desenvolvimento Humano – Brasil 2005*, é destacada a necessidade de ampliação da autonomia das camadas mais pobres da população através da educação para a cidadania, e a policidade, termo utilizado por Paulo Freire para designar a qualidade política:

Qualidade política implica a capacidade de construir consciência crítica, organizar-se politicamente de modo a transformar-se no sujeito da própria história e arquitetar e tornar possível um projeto alternativo de sociedade. Mas, para a construção de adequada qualidade política, existem outras dimensões fundamentais, como o acesso à informação e à comunicação social. Há necessidade, ainda, o cultivo de identidades e de oportunidades culturais. Sem falar no papel que o Estado deve cumprir, não como promotor e menos ainda como condutor da cidadania, mas como instância delegada de serviço público, cuja qualidade depende, antes de tudo, do controle democrático. (p. 44)

1.4 Adolescência em conflito com a lei

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2007, havia 2.956.211 pessoas entre 15 e 29 anos na cidade de São Paulo, correspondendo a 28,3% da população (SEMPLA, 2007).

Para a Organização Mundial da Saúde (WAISELFISZ, 2005), a adolescência vai dos 10 aos 19 anos, incluindo um período de pré-adolescência (10 aos 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos). A mesma organização considera que a juventude vai dos 15 aos 24 anos, de acordo com conceito sociológico, como período no qual se realiza o processo de preparação dos indivíduos para assumirem o papel de adulto na sociedade, tanto no plano familiar quanto profissional.

Já segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é considerada adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade, sendo aplicado também o estatuto até os 21 anos de idade incompletos, idade que o Estatuto delimita para os jovens (BRASIL, 1991).

Existem vários critérios para classificar a adolescência, de acordo com a maturação neuronal, fisiológica, a puberdade, os papéis sociais e aspectos culturais. Há consenso entre médicos, psicólogos e antropólogos de que ela se inicia na puberdade, com as mudanças orgânicas que apresentam no corpo, mas o critério para definição de seu término varia de autor para autor e de acordo com as abordagens teóricas.

A antropóloga Margaret Mead (1945) revela que a adolescência é vivida de forma diferente em cada cultura, sendo que, nas sociedades tradicionais, ocorrem os ritos de passagem demarcando os limites entre a infância e a vida adulta.

Seguindo a perspectiva psicanalítica, Dolto (1990), Erikson (1976), Aberastury e Knobel (1981) e Calligaris (2000), cada um com suas particularidades, tratam a adolescência como fase de mutação, de nascimento do adulto e morte da infância, em que ocorre busca pela própria identidade, muitas vezes através da rebeldia, flutuações de humor, comportamento grupal e atitudes anti-sociais, período de moratória em que o indivíduo, apesar de ter aparato físico equivalente ao do adulto, não é reconhecido como

tal. O risco dessas abordagens é a patologização da adolescência e a determinação de um *script* do que deve ser seguido como profecia auto-realizadora.

Além dos aspectos biológicos e pessoais, há os fatores culturais, mas também os sociais presentes na caracterização da adolescência, pois ela é vivida de formas variadas pelas diferentes classes sociais: nas classes pobres, a necessidade de inserção no mercado de trabalho leva a adolescência a ser mais curta; já nas classes ricas, ela é prolongada pelos anos de estudo (TRASSI, 2006).

Vicentin (2005) fala da adolescência como protagonista de transformações sociais e de movimentos culturais desde a segunda metade do século XX e do cuidado que se deve ter para evitar representar a juventude como problema e defende uma postura contrária, de olhar para suas potencialidades.

Para este trabalho, adoto a definição de adolescência dada pela Organização Mundial de Saúde para delimitação da faixa etária dos colaboradores. Emprego como sinônimos adolescência e juventude, com o intuito de dar maior fluidez ao texto, mas dou preferência à concepção sociológica de juventude, sem perder de vista a vivência subjetiva do indivíduo ao inserir-se na sociedade ou ao ser excluído dela.

De acordo com Mapeamento Nacional realizado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH-PR) citado por Trassi (2006), no ano de 2004, dos 25 milhões de adolescentes brasileiros com idade entre 12 e 18 anos, 40.000 (0,2%) cumpriam medida socioeducativa.

Novo levantamento estatístico realizado em 2006 pela SEDH-PR e divulgado pelo Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD/BRASIL, 2007, p. 47) mostra que:

[...] no conjunto de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas no Brasil o perfil típico deste jovem é gênero masculino (88%), idade entre 15 e 19 anos (84%) e nível fundamental de escolaridade (53%). Do ponto de vista da medida socioeducativa em execução, as mais comuns são as de meio aberto, como LA (39%) e PSC³ (30%). Associadas a tais medidas em cumprimento, destacam-se os atos infracionais correspondentes aos crimes contra o patrimônio (53%).

³ Prestação de Serviço à Comunidade.

O número de casos registrados em São Paulo é significativo, concentrando metade do total dentre os 25 Estados brasileiros e o Distrito Federal para o qual foram obtidas informações.

Apesar da pequena participação da população jovem no total de crimes praticados, os incidentes envolvendo adolescentes noticiados pela mídia causam grande alarde e reações públicas de demanda pela redução da maioridade penal ou pena de morte. Jovens pobres moradores das periferias e favelas são criminalizados e responsabilizados pela violência no discurso do crime e do medo, e acabam sendo vítimas de violência policial, humilhação, discriminação e até espancamentos e execuções. Dessa forma, o conflito com a lei pode ser compreendido

[...] como protesto, como revolta, como estratégia de sobrevivência e como estratégia de subjetivação. Nesse contexto, conflito e criminalidade, violência e protesto compõem, muitas vezes, fronteiras indiscerníveis. (VICENTIN, 2005, p. 19)

Ou seja, fazer parte de uma gangue pode ser uma forma de resposta ao risco e ao sentimento de vulnerabilidade. Diante da intensidade da violência e de mortes de pessoas próximas, os indivíduos em questão optam por controlar os riscos através de sua antecipação:

O engajamento de jovens favelados no narcotráfico parece-me em grande medida ligado a essa familiaridade com o risco de que o cotidiano deles é fabricado. Não se trata tanto de obter recursos capazes de lhes permitir uma melhor integração à sociedade de consumo, [...] mas sim de responder ao risco do entorno, mediante condutas de risco. (PERALVA, 2000, p. 126).

Nesses casos, o tráfico funciona como forma de inclusão, pois, através dele, há novas formas de reconhecimento social, de poder estabelecido pela relação de medo e da posse de dinheiro e bens materiais, ao mesmo tempo em que a exclusão do direito à vida é intensificada.

O conflito está presente também na ambiguidade entre inclusão/exclusão social presente na escolha por trajetórias de trabalho com baixa remuneração e qualificação e com baixo reconhecimento, porém, com aceitação social.

Em suas pesquisas, Bombardi (2008) obteve as seguintes informações em relação à ocupação de jovens em cumprimento de medida socioeducativa: 34% trabalhavam antes da medida, e, destes, apenas 13% tinha carteira registrada; 36% havia trabalhado como ajudante; 10%, como ajudante de pedreiro; 18%, como entregador; e 8% como vendedor, dentre outros.

Dados da SEMPLA (2007) mostram que as maiores taxas de desemprego do município encontram-se na faixa entre 18 a 24 anos e distribuem-se de forma desigual espacialmente. O desemprego é maior nas regiões periféricas e menor nas regiões centrais, chegando a atingir a taxa de 25% para jovens de algumas regiões da cidade. A evasão escolar também é alta nessas regiões: “Observa-se, nas periferias sul, leste e norte, a ocorrência frequente de áreas onde, em 2000, entre 25% e 35% dos jovens de 15 a 19 anos de idade não estavam estudando e nem trabalhando.” (p. 36).

1.4.1 História das instituições de apoio/punição do menor no Brasil

Antes da elaboração do ECA, em 13 de julho de 1990, que defende a proteção integral de crianças e adolescentes, reconhecidos como sujeitos de direito, crianças e adolescentes pobres, órfãos, abandonados, carentes ou que tivessem cometido algum delito eram tratados de forma assistencialista e retirados do contexto familiar, como se este fosse produtor de delinquência.

Bombardi (2008) cita Couto e Melo (1998) no que se refere à primeira participação do Estado nas questões sociais de crianças e jovens com a criação, em 1861, do “Instituto de Menores” na “Casa de Correção da Corte”. Esta instituição existiu por apenas cinco anos e tinha por objetivo tutelar jovens abandonados, supostos “vagabundos”, ou aqueles que necessitassem de educação para correção de condutas consideradas inadequadas. A autora se refere à instituição como local de encarceramento de pobres.

Em 1927, foi criado o Código de Menores Mello Mattos, para proteção e amparo de menores de 18 anos vítimas de maus tratos e para confinamento, repressão e disciplinamento daqueles que tivessem cometido delitos. Este código difundiu o uso do

termo “menor” para designar crianças e adolescentes pobres supostamente privados de condições adequadas de desenvolvimento físico e moral (BOMBARDI, idem). O termo é utilizado novamente em 1941, quando é criado o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), com o objetivo de organizar instituições e realizar encaminhamentos aos “estabelecimentos correccionais” (p. 168), e volta a ser utilizado em 1964, quando o SAM é extinto com o golpe militar, e é criada a Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor (FUNABEM), à qual vai estar ligada a FEBEM (Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor).

A FUNABEM é órgão federal que estabelece as diretrizes nacionais para as políticas e programas de atendimento às crianças e adolescentes pobres, os menores. A FEBEM executa suas determinações criando unidades de cumprimento de medida em privação de liberdade que reproduzem o modelo prisional.

Em 1985, é fundado o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, pelo Fórum Nacional Permanente de Entidades Não-Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente em parceria com Outras Organizações Não-Governamentais. Este Movimento tem importante papel na aprovação dos artigos 227 e 228 da constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8069 de 13 de julho de 1990)⁴.

Após uma série de rebeliões de internos contra a superlotação e os maus tratos nas unidades da FEBEM, a instituição foi rebatizada de Fundação CASA - Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Para adequação ao que é previsto pelo ECA e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), a mudança de nome tem a ver com processo de resgate do projeto pedagógico, descentralização, regionalização e internação de um número menor de jovens, que vem ocorrendo desde 2005.⁵

Mas ainda há muito esforço a ser feito para o efetivo cumprimento das determinações do ECA, pois ainda ocorrem casos de violência e maus tratos, como relatado por Roman (2007), principalmente nas Unidades de Internação Inicial e nas Unidades de Internação Provisória, assunto do item “**1.4.2 Trajetórias no cumprimento de medidas socioeducativas**”.

Do ECA, destaco o Artigo 5º (Título I – Das Disposições Preliminares):

⁴ <<http://www.forumdca.org.br/>> acessado em 22/04/2009.

⁵ Dados obtidos através do site do Governo do Estado de São Paulo: <<http://www.casa.sp.gov.br/site/home.php>> acessado em 12/09/2008

Art. 5º) Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.⁶

E o Artigo 90º do Livro II, Parte Especial (Título I – Da Política de Atendimento, Capítulo II – Das Entidades de Atendimento. Seção I – Disposições Gerais):

Art. 90. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção sócio-educativos destinados a crianças e adolescentes, em regime de:

- I – orientação e apoio sócio-familiar;
- II – apoio sócio-educativo em meio aberto;
- III – colocação familiar;
- IV – abrigo;
- V – liberdade assistida;
- VI – semiliberdade;
- VII – internação.

As entrevistas desta pesquisa foram realizadas em casas de Liberdade Assistida (LA), para cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, aplicada em alguns casos de prática de ato infracional.

1.4.2 Trajetórias no cumprimento de medidas socioeducativas

Muitos dos jovens que se encontram em conflito com a lei passam por uma sequência de instituições antes de receberem do juiz suas medidas.

Roman (2007) descreve a trajetória desses jovens após serem autuados. Eles costumam passar inicialmente por confinamento num tipo de cela chamada “corró”, e lá recebem as primeiras surras; em seguida, são levados para uma das superlotadas UAIs – Unidades de Atendimento Inicial, onde permanecem mais tempo que o previsto por lei, sendo punidos com violência caso seja desrespeitada a norma imposta de não olhar para os lados. Depois, ou são soltos ou encaminhados para uma UIP - Unidade de Internação

⁶ <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>> último acesso em 24/05/2009.

Provisória, onde a reclusão é de até 45 dias, período durante o qual esperam a decisão do juiz e devem, segundo relatos, andar sem erguer a cabeça e dizendo “licença senhor” ou “licença senhora” quando passam pelos funcionários da Unidade. O Poder Judiciário decide se haverá ou não imposição de medida socioeducativa, e, em caso afirmativo, se será de liberdade assistida, semiliberdade ou internação.

Nas Unidades de Internação, há relatos de que, apesar da mudança de nome da antiga FEBEM para Fundação CASA (Centro de Atendimento Sócio-Educativo ao Adolescente), continua havendo violência física como forma de disciplinamento, punição ou manutenção do controle dos internos por parte dos funcionários.

De acordo com Roman (*idem*, p. 59), no processo de internação, os adolescentes são separados de seus objetos pessoais, têm suas cabeças raspadas e são submetidos a “pancadaria”, “não parecendo haver necessidade de mecanismos mais sofisticados de controle ou disciplina.”

Segundo Noguchi (2006), esse tipo de comportamento, marcado por autoritarismo e heteronomia, é reproduzido entre os internos. Eles estabelecem regras de conduta que, caso sejam desrespeitadas, acarretam punição com tipos variados de violência física, até a morte. Para separar os ameaçados de morte dos demais, existe um setor na instituição chamado de “Seguro”, que é onde a autora realizou sua pesquisa sobre o universo moral e as relações de poder entre os adolescentes internos.

Em julho de 2008, o Estatuto da Criança e do Adolescente completou sua maioria. Foram dezoito anos de vigência em que ocorreram ampliações de práticas seguindo suas determinações que visam à garantia dos direitos humanos, mas houve também alguns estremecimentos relativos à intenção de redução da maioria penal. O Conselho Regional de Psicologia se coloca claramente contra essa redução, ressaltando a importância da aplicação do ECA e a atuação de psicólogos nas medidas socioeducativas e em questões sociais, para eliminar ou, senão, diminuir situações de violência que envolvem os jovens (JORNAL PSI do CRP-SP, junho de 2007, p. 2).

2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivos:

- a) Investigar se os jovens colaboradores em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, já tiveram contato com situações de violência e risco de morte.
- b) Verificar como se comunicam sobre estas situações e sobre a morte no seu grupo etário.
- c) Analisar as causas do tipo de morte violenta identificada pelo grupo.
- d) Identificar e analisar os meios e as políticas públicas que possam reduzir o elevado nível de morte violenta nesta faixa etária.

3 RECURSOS METODOLÓGICOS

3.1 Abordagem da pesquisa

A abordagem que escolhi para a coleta dos dados e para sua compreensão foi a Qualitativa, pois entendo tratar-se da abordagem mais adequada para abranger a complexidade do foco que esta pesquisa suscita, qual seja o homem em sua subjetividade e intencionalidade, visto que ela possibilita a percepção e a análise das várias dimensões e significados envolvidos.

Segundo Lüdke e André (1986), a proposta da pesquisa qualitativa é estudar aquilo que se mostra em seu ambiente natural, o fenômeno, tendo como principal recurso o próprio pesquisador, que descreve o que percebe e investiga os significados atribuídos pelas pessoas à suas vidas e experiências.

Busca-se, nessa abordagem, a relação sujeito-sujeito (pesquisador e colaborador), e o envolvimento não é evitado, mas observado, permitindo que o campo seja determinado mutuamente. O processo passa a ser mais valorizado que os resultados, e a preocupação deixa de ser focada nas generalizações para voltar-se àquilo que é singular, único e humano de cada processo nos fenômenos observados.

É uma abordagem em que são reconhecidas a importância e a inegável presença da subjetividade, das experiências pessoais e de certa “angústia mobilizadora” (TURATO, 2003) do pesquisador, na escolha que faz de seu foco de pesquisa e nas relações que estabelece com a teoria e com seus colaboradores.

De acordo com Esslinger (2004), na pesquisa qualitativa, “o pesquisador é parte presente e importante da pesquisa, sendo que seu referencial teórico-técnico e seu sistema de crenças e valores estarão o tempo inteiro presentes” (p. 90). O reconhecimento dessa presença permite uma pesquisa qualitativa mais objetiva, pois é exposto o local de onde fala o pesquisador, permitindo que o leitor se situe de maneira crítica.

Nesta abordagem, escolhi a metodologia de pesquisa clínico-qualitativa proposta por Turato (2003), para quem trabalhar qualitativamente significa estar implicado em:

[...] entender/interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, através de técnicas de observação ampla e entrevistas em profundidade, em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do setting natural do sujeito [...] a pesquisa qualitativa não tem como objeto estudar a realidade enquanto o ‘mundo das coisas’, externo às pessoas, ou os fatos, mas estuda justamente o significado que os sujeitos dão aos fenômenos, e, portanto, para ela, as opiniões são também, e justamente, dados de valor. (p. 162)

3.2 Colaboradores

Os colaboradores foram jovens com idade entre 10 e 19 anos, de acordo com a definição da Organização Mundial de Saúde para a adolescência (OMS, 1975).

Estavam cumprindo Medida Socioeducativa em Meio Aberto (MSE-MA), sendo voluntários aqueles que se dispuseram a participar da pesquisa após a apresentação do projeto, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após a leitura deste.

3.3 Local

A pesquisa foi realizada em duas casas de Liberdade Assistida, situadas nas periferias sul e norte da cidade de São Paulo.

3.4 Sobre a coleta de dados

Para este trabalho, havia pensado, inicialmente, na coleta de dados em dois tempos: o tempo inicial, para familiarização e reconhecimento do ambiente da instituição, do seu

cotidiano e singularidades, para que ambos, pesquisador e usuários da instituição, pudessem construir um processo de conhecimento e reconhecimento mútuos (ESSLINGER, 2004); e o segundo tempo, de entrevistas com os colaboradores voluntários da pesquisa.

Não foi possível realizar o primeiro tempo de coleta de dados devido a algumas restrições, por exemplo, na casa de Liberdade Assistida, a permanência é restrita aos dias marcados em que há conversa com os técnicos ou grupos temáticos; assim, tomei a decisão de manter o segundo tempo e agendar as entrevistas com os interessados após a apresentação inicial.

As entrevistas foram “abertas”, de acordo com a proposição de Bleger (1980), para quem

[...] a entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em Psicologia. Como técnica, tem seus próprios procedimentos ou regras empíricas com as quais não só amplia e verifica como também, ao mesmo tempo, se aplica o conhecimento científico (p. 9).

A postura do entrevistador na “entrevista aberta” deve ser de abertura para a escuta, sem julgamento ou crítica. O intuito é possibilitar que se chegue mais próximo do sujeito, deixando que ele fale de si, através de uma compreensão empática do mundo particular do outro, mantendo o “como-se” e a habilidade de comunicação (ROGERS, 1961).

Além dessa, outra característica da postura do entrevistador deve ser a flexibilidade, particularidade que possibilita ao entrevistado configurar o campo da entrevista, de acordo com os dados de sua experiência e de sua personalidade. Bleger (1980) chama de “dissociação instrumental” o processo de aproximação da experiência do entrevistado e o simultâneo recuo para acesso aos próprios recursos e conhecimentos prévios.

Na relação entre os dois sujeitos da entrevista ocorre tanto a comunicação verbal quanto a não-verbal, dentro do campo total, da escuta, da vivência e da observação, e, também, do sentimento. Isso posto, me parece que a “entrevista aberta” está bem relacionada com a abordagem qualitativa, que inspirou este trabalho.

A escolha pelas entrevistas abertas não significa ausência de questões de interesse do pesquisador, mas estas são colocadas de acordo com a possibilidade, dentro do campo, mantendo o curso dado pelo colaborador. Esta pesquisa seguiu um roteiro temático em sua

abordagem, mas novas questões surgiram em determinados momentos, de acordo com o conteúdo trazido pelo entrevistado, e tudo o que configurou o campo foi aproveitado.

Procurando manter maior fidedignidade, as entrevistas foram gravadas, com a autorização dos adolescentes e responsáveis, e transcritas na íntegra, tomando os devidos cuidados com o anonimato e o sigilo das informações confidenciais do entrevistado; inclusive, antes de cada entrevista, o colaborador escolheu um nome fictício. Ao final de cada dia de entrevista, minhas impressões, reflexões e sensações foram registradas em um diário de campo.

3.5 Procedimento

Para entrar em contato com as casas onde foram realizadas as pesquisas de campo, procurei, através da internet, no site da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)⁷, o telefone das instituições cadastradas que oferecem os serviços procurados; além disso, também através da internet, procurei o telefone do Serviço de Assistência Social no Butantã, onde conheci a coordenadora, que me indicou novas casas. Foram feitos contatos também com funcionários da SMADS e com colegas de faculdade que realizavam trabalho em casas de Liberdade Assistida.

Inicialmente, entrei em contato com as instituições por telefone, procurando agendar uma visita para conversar com os coordenadores da casa; nessas visitas, levei o projeto de pesquisa impresso para apresentá-lo e explicá-lo. Nas casas onde o projeto foi aprovado, fui apresentada aos funcionários e aos jovens usuários, que foram devidamente avisados de que se tratava de uma pesquisa para Mestrado, com tema que envolvia morte e adolescência, e que, da pesquisa, os que tivessem interesse poderiam participar, sendo sua identidade mantida em sigilo.

⁷ <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/assistencia_social>, acesso em agosto de 2007.

3.6 Compreensão dos dados obtidos

Segundo Minayo (2000), os objetivos da análise são: verificar a validade do que se percebe; encontrar significados, conteúdos e estruturas latentes; incluir estes significados no contexto total, para ampliar a compreensão do contexto cultural a partir de significados que ultrapassam o nível espontâneo da mensagem e que, por isso, dizem algo do fenômeno estudado.

Para a compreensão dos dados obtidos, utilizei a Análise Temática, que, segundo Minayo (2000, p. 204), é uma das técnicas do método de Análise de Conteúdo que melhor se adequa à “investigação qualitativa do material sobre saúde”; inclusive, ainda segundo a autora:

[...] fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõe (*sic*) uma comunicação cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado, [...] [e, qualitativamente], a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso. (*idem*, p. 209)

Minayo divide — divisão operacional — a análise temática em três etapas: a “pré-análise”; a “exploração do material”; e o “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”; neste trabalho, segui a divisão operacional indicada por ela.

A “pré-análise” consiste em um primeiro contato exaustivo com o material por meio da leitura flutuante, para sua posterior organização; em seguida, acontece a formulação de hipóteses e objetivos, se determinado, também, a:

[...] unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise (*idem*, p. 210).

A “exploração do material” consiste em transformar os dados brutos em núcleos de compreensão do texto, para serem classificados e agregados nas categorias teóricas ou empíricas dos temas especificados.

Por último, no “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, realizei a tarefa interpretativa, reunindo os temas como unidades de fala, buscando os significados que o colaborador atribuiu ao tema pesquisado.

Cada entrevista foi submetida a este processo de análise, e os temas levantados foram relacionados com o material obtido através da observação e com o material dos jovens como um todo para as análises e relacionado a outras pesquisas já realizadas na parte da discussão.

3.7 Aspectos éticos

Inspiração em Rodriguez (2005), assinalo as seguintes considerações éticas que foram seguidas para garantir um risco mínimo aos colaboradores, com relação a danos e sofrimentos, de acordo com a Resolução CNS 196/96: respeito a todos e quaisquer dores e sofrimentos que os adolescentes possam estar vivenciando em relação aos temas abordados no trabalho; explicitação clara dos objetivos da pesquisa e respeito ao desejo dos colaboradores de participarem ou não dela; explicitação de que os colaboradores que não desejassem participar não seriam em qualquer hipótese prejudicados; solicitação de termo de consentimento livre e esclarecido para cada colaborador, autorizando a gravação das entrevistas e a utilização do material na pesquisa; respeito ao desejo dos colaboradores de vetar a gravação das entrevistas; garantia do sigilo da identidade dos participantes, assim como das pessoas por eles citadas; e respeito às informações relatadas, tanto durante as entrevistas quanto durante o processo de compreensão dos resultados.

Para caso houvesse necessidade de apoio psicológico, seria indicado o Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (LEM/IPUSP), onde há psicólogos cadastrados que realizam atendimento gratuito.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP em Abril de 2008.

4 RELATOS E ANÁLISES

4.1 Introdução aos depoimentos

O objetivo inicial deste trabalho foi investigar a percepção de jovens em situação de vulnerabilidade social no tocante ao fenômeno da morte na adolescência. Os colaboradores deveriam estar inseridos em medida protetiva ou cumprindo medida socioeducativa. Por recomendação dos membros da Banca Examinadora do Exame de Qualificação, optei por focar a pesquisa no segundo grupo de jovens, por estes terem relação mais profunda com o tema investigado.

Antes de definir esse foco, cheguei a manter contato com diversas instituições. Visitei Centros de Referência da Criança e do Adolescente (CRECAs) para jovens em situação de rua, e Casas-Abrigo. Em todos os locais, houve dificuldade de contato e resistência à aprovação do projeto.

Recebi, de um funcionário da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), indicações de casas de Liberdade Assistida na zona Norte da cidade. Entrei em contato com os coordenadores das casas, e um aceitou que a pesquisa fosse realizada em sua instituição. Nesta casa, a coordenadora decidiu que a entrevista valeria créditos para os jovens que consentissem em participar, como os que recebem quando vão conversar com seus técnicos sociais. Dois foram os voluntários dos oito jovens que estavam no grupo de orientação para o qual apresentei a pesquisa. Apesar de os créditos poderem representar um atravessamento institucional, entendo que os colaboradores tenham compreendido a isenção da pesquisa em relação a seus processos.

Outra parte da pesquisa foi realizada numa casa de Liberdade Assistida na zona Sul. Um colega de faculdade que trabalha na casa levou o projeto à coordenação, e ele foi aceito. A equipe da casa preferiu que o convite aos jovens fosse feito pelos próprios técnicos. Aqueles que demonstravam interesse vinham conversar comigo em sala reservada e obtinham mais esclarecimentos; no total, foram quatro interessados, dentre os

quais, três concederam entrevista. Um desistiu, por considerar não estar preparado para tratar do assunto morte.

Houve, com relação ao procedimento, algumas mudanças entre as duas primeiras entrevistas realizadas e as demais, foram excluídas perguntas relacionadas à razão para estarem cumprindo medida; passei a iniciar a entrevista diretamente com perguntas relacionadas ao tema da morte; e deixei de seguir uma sequência pré-definida de questões, possibilitando que os temas fluíssem com maior espontaneidade.

Em todas as entrevistas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido em voz alta e assinado em duas vias, uma para o colaborador e uma para a pesquisadora; em seguida, os colaboradores escolheram nomes fictícios e foi iniciada a gravação.

4.2 Análise das entrevistas

A análise de cada entrevista é iniciada com uma frase emblemática do colaborador e um breve relato do colóquio; em seguida, são analisados os temas destacados.

As falas transcritas para ilustração dos temas, grafadas em itálico, conservam o tom coloquial, para que seja mantida a fluidez da oralidade; algumas delas são confusas e trazem contradições e ambiguidades, que foram mantidas.

A transcrição das entrevistas na íntegra encontra-se em anexo.

4.2.1 Entrevista com Letícia

Você guarda aquilo, leva aquilo para o seu dia a dia. Tem gente morrendo do seu lado. Você é muito nova, não está preparada para ver aquilo. (Letícia)

Letícia tem 19 anos. Está cumprindo medida sócio-educativa em meio aberto numa casa de Liberdade Assistida da região sul da Cidade de São Paulo. Tem bom vínculo com sua orientadora social e participa de cursos oferecidos pela casa.

Bem articulada Letícia contou sobre situações que desde muito cedo vivenciou relacionadas à violência e à morte. Já sofreu com violência policial, familiar e de companheiro.

Não fala sobre o assunto morte em seu cotidiano, com medo de lembrar de cenas desagradáveis, mas estas se repetem durante seu sono.

Hoje acredita ser fácil para o adolescente entrar em situações que envolvem risco, nos momentos de diversão ou de contravenção, mas considera ser difícil sair delas com vida. Não vê muitas soluções possíveis para a diminuição dos índices de morte na adolescência, por considerá-la como um caminho sem volta, uma escolha pessoal. Aponta como saída acabar com as favelas e com as “pessoas ruins”.

Diferencia o trabalho no mundo regular e no mundo “louco” do tráfico. No tráfico, o dinheiro é obtido com maior rapidez, mas não há garantias sobre como será o tratamento dado pelo chefe, que pode agir com violência ou matar.

Diz não ter encontrado um grupo etário ou social de referência. Incomoda-se com a discrepância que nota existir entre suas experiências de vida e as de outras pessoas de sua idade.

Tem sonhos com relação ao futuro de voltar a estudar, fazer faculdade e trabalhar fazendo algo que gosta. Espera resistir e não entrar no tráfico - conquistando aquilo que deseja pelo seu trabalho e esforço diário.

● Temas: as unidades de sentido

A. Violência

Ah, tá⁸ sem limites. Violência, já não tenho o que falar, tá sem limites. Todo mundo, ninguém consegue mais. Se você fez aquilo, eu vou querer fazer pior que você, mas sem pensar. Não pára. E aí continua violência gerando violência.

⁸ A linguagem coloquial foi mantida para preservar a fluidez da fala oral.

Para a reação em cadeia, impensada, realmente não há palavras, ela não envolve a linguagem como mediação. A violência sem limite a que Letícia se refere diz respeito a um ciclo de vingança e lembra a Lei de Talião, olho por olho e dente por dente, com a diferença de que a reação sem limites é sempre pior que a ação. O limite à violência que não para é a morte.

a) Rivalidade entre gangues

Rivalidade. O produto que você vende tá melhor que o meu. Então por isso a concorrência tá ruim pra mim, porque tã indo na sua e não tã vindo na minha comprar, entendeu, aí eu faço o que? Te elimino. Por que? Porque é dinheiro. Envolveu dinheiro, são loucos por dinheiro, entendeu? Vou e mato você, fico com o dinheiro, seus clientes passam pra mim e assim eu vou crescendo. Aí eu vou botando outros em outros lugares e vou fazendo nome, nome e dinheiro, né.

Na lógica de mercado a concorrência é eliminada através de estratégias como a fidelizando clientes, a diminuição do valor do produto, e a quebra do concorrente que não consegue baixar mais ainda para competir.

No caso, estamos falando da lógica de mercado levada ao extremo e da eliminação de vidas humanas. A vida não vale, o que vale é o dinheiro.

O dinheiro em nossa sociedade significa poder de consumo e status. A maioria das pessoas quer enriquecer. Porém, no tráfico não vigora nem a Consolidação das Leis do Trabalho, o ISO 9000, Serviços de Atendimento ao Consumidor ou outras leis que regulem as trocas de serviços e de mercadorias. Sem impostos, e sem controle de qualidade, a mercadoria vai sendo adulterada e o lucro multiplicado.

A lei do mais forte e a lei do silêncio prevalecem. A concorrência vai sendo eliminada, todo mundo sabe, mas na impossibilidade de obter justiça por meios legais, ninguém diz quem foi ou ela é feita pelas próprias mãos no ciclo de violência sem limites citado por Letícia.

b) Ação policial

Se eles [policiais] têm alguma incompatibilidade, pegou. Entendeu? Eles não pegam ninguém que é pra pegar. Eles pegam quem não tem nada a ver, os mais trouxas. Porque se for pegar os mais fortes eles morrem, porque eles têm família também. Eles não são bestas também, né. São ruins, né. Se é pra pegar, pega o bandido mesmo, né, que está acabando... Que bandido faz bem o quê? Faz bem a ele, não a nós. Ele pensa nele, no dinheiro dele, na família dele. Bota você pra trabalhar lá ó, não ganha nada e ele tá enricando. Ele pensa nele, né? É isso que eu penso.

A ação policial repressiva apresentada ocorre sem critérios ou procedimento oficial padrão. É feita de acordo com o julgamento pessoal (“incompatibilidade”). O verbo “pegar” relacionado à violência fica ambíguo, podendo incluir surras e assassinatos. Quando “pegam quem não tem nada a ver”, não vão ao cerne da questão, não contribuem para a resolução da problemática social que envolve a violência e se inserem no ciclo de violência de forma perversa.

“Pegam” aqueles com menos poder com medo de terem ameaçadas as próprias vidas e a de seus familiares. Com a desarticulação e a ação individualizada ficam também desprotegidos e expostos ao ciclo de vingança.

Porém, mesmo no caso dos bandidos “mais fortes”, a ação policial prevista por lei é a de prender, e não de matar, como ocorre e chega a ser noticiado pela mídia. Quando um dos bandidos é preso, isso ocorre porque por alguma razão não pagou aos policiais taxas para permanecer soltos exercendo suas atividades relacionadas ao tráfico, uma das razões para a referida incompatibilidade.

Os policiais são tidos como “ruins” talvez por sua maldade ou incompetência. Ficam confundidos com os bandidos, que também são tidos como ruins por só pensarem neles mesmos, na própria família e em enriquecer através da exploração do outro, e talvez por estarem “acabando” com a vida dos concorrentes e dos subordinados que os traem.

Deve ser feita a ressalva de que não são todos os profissionais que agem de forma desrespeitosa ou desonesta.

É uma profissão muito delicada, que envolve a complexa temática social da violência, historicamente tratada no país através da repressão. Para uma mudança na forma de tratamento da questão, debates devem ser gerados para uma reflexão mais consistente

acerca do papel policial e suas possibilidades de atuação menos violenta, mais humana e preventiva.

c) Risco e regras de conduta na “biqueira”⁹

Aí vem morte e violência. Porque se você vai comprar e você não paga, ou do jeito que você chega lá pra comprar, se os caras estiverem loucos e te estranharem, você toma um pau. Além de comprar e pagar, você apanha. Só pelo fato de você chegar do jeito que você chega. Se você chega numa biqueira gritando, você vai apanhar. Chega lá com o carro acelerando, você vai apanhar. É violência, né? Sem querer acabou procurando violência. Sem querer não. Foi na biqueira, foi procurar o que? [rindo].

Letícia fala na entrevista sobre o risco de vida na perspectiva de quem trafica (concorrência), na perspectiva dos policiais (vingança) e na dos usuários ou compradores de drogas ilícitas.

Para estes últimos, há uma série de regras de como comportar-se na “biqueira”, local onde são vendidas as drogas. Caso essas normas sejam desrespeitadas, o comprador certamente sofrerá violência física e correrá risco de vida. A primeira regra é pagar em dia, a segunda é não chamar muita atenção e a terceira é ter consciência dos riscos envolvidos na exposição à variação de humor do traficante de acordo com a quantidade de substâncias psicoativas ingeridas por este. Não pode chegar ditando regras, tem que obedecer e tem que ser familiar, não podendo haver estranhamento.

A violência na “biqueira” parece ser esperada e é vista até com certo humor. Letícia responsabiliza o comprador pela violência que eventualmente sofre, pela escolha de expor-se ao risco indo ao local de venda de drogas ilícitas.

⁹ Ponto de venda de drogas ilícitas.

d) Vivência relacionada ao tema

Violência em relação afetiva

Troquei minha mãe pra ficar com homem pra apanhar. Novinha, dezessete anos, apanhar de homem. Aí também não é violência?

Letícia escolheu um namorado violento ou foi escolhida? Experimentar viver com o namorado pode ter sido uma forma de fugir da mãe, de quem relata ter sofrido violência física.

Agora, já distanciada da situação chama o ex-namorado de homem de forma mais impessoal, do feminino contra o masculino agressor. Esta é uma das experiências que a levou a desde muito jovem a perceber o mundo como cruel e romper com sua idealização de beleza (Item **8. Trajetória de vida - Momento atual**).

Apanhar é sim uma violência grave. Seu medo parece ser o de que seu relacionamento a tivesse levado às últimas conseqüências, como foi o caso de Eloá (garota de 15 anos que foi assassinada pelo ex-namorado de 22 anos em 18 de outubro de 2008), citado por Letícia durante a entrevista. O medo cresce conforme o risco chega perto de forma direta ou indireta. Aponta o “namorado errado” como uma das causas de morte de adolescentes.

Violência familiar

Em casa também já apanhei muito porque eu sempre fui rebelde.

A violência é utilizada como forma de conter a rebeldia, numa socialização violenta. A agressão física imposta pelos pais parece ser mais socialmente aceita como recurso educativo ou disciplinador do que é a imposta por outras figuras. A justificativa para ter apanhado é colocada no seu próprio comportamento, o que não ocorre no caso do namorado.

Violência policial

[...] a polícia também. Tive que ajoelhar. Se manda você colocar a mão na cabeça, você coloca. Ou é isso ou morte. Você guarda aquilo, leva aquilo para o seu dia a dia.

Letícia relata situações de submissão e impotência diante do abuso de poder policial. Essa sujeição é guardada e levada para seu dia a dia, como uma marca. Ao ser tratada como objeto ou privada dos direitos garantidos pela constituição por aqueles que estão ali representando o Estado, passa a carregar o estigma de quem não tem valor suficiente para receber tratamento humano. Se não obedecer, morre. Com policiais não dá para ser rebelde...

Testemunho de homicídio

Tem gente morrendo do seu lado. Você é muito nova, não tá preparada pra ver aquilo. Na balada teve um cara que morreu do meu lado. Eu fecho o olho assim, ainda escuto o barulho do eco. Dos tiros, sabe? Foi muito perto, eu não tava esperando aquilo. À noite, balada. O cara morreu de olho aberto, do meu lado, aquilo ficou na minha mente. Aquilo fixou, sabe? Às vezes eu deito e me dá uns tremeliques. É isso. A violência gera violência, não tem essa, não vai parar. [...] [traumatizou] tanto que eu não consigo esquecer.

A morte escancarada não dá a chance de preparo, nem de despedida prévia, é repentina. Rompe a ordem estabelecida e com o ciclo de vida, de desenvolvimento e envelhecimento. Esta morte ocorreu do seu lado.

É uma das coisas que enumera como violência sofrida: presenciar uma cena de homicídio. Considera que não estava preparada para ver o ocorrido por ser jovem. No entanto, dificilmente há preparo possível para lidar com as mortes violentas em qualquer idade. Soldados vão para guerras conscientes de que haverá mortes e muitos deles retornam com traumas, dificuldades de dormir e ecos na memória como os relatados por Letícia. Ela, assim como os soldados, está sofrendo com sintomas do que foi classificado pela medicina como estresse pós-traumático – a revivência da cena.

A cena fixou, não sai de sua mente, como no trauma. Fica muito próxima, pode acontecer com ela... Uma coisa é saber que a morte pode ocorrer, a outra é a vivência de concretude. Uma parte da sua energia está sendo gasta para tentar entender, elaborar aquilo que presenciou e que, enquanto isso, volta levando-a a um passado que se re-edita em suas lembranças todas as noites. Seu relato mostra o grau de sofrimento envolvido nesta experiência, o quanto precisa de atenção e cuidado.

Termina sua fala repetindo a frase do início da entrevista, “violência gera violência”, e fecha o ciclo que se retro-alimenta e parece não ter saída. A vingança pode também acontecer com ela.

B. Mortes violentas de pessoas conhecidas

[...] muita gente, Muita gente [conhecida que já morreu].

Tem a história do meu primo. Morreu. Foi roubar, roubou, foi pra casa, só que roubou aqui na região mesmo. Ele conseguiu. Tinha vendido. Chegou, tava no portão e mataram. Ele achava que ninguém sabia de nada. Ele se livrou dos polícia, se livrou de tudo. Morreu. Tinha dezoito anos, ia fazer dezenove três dias depois. Tava certo? Não tava certo, tava errado. Ele procurou e morreu... Né?

Apesar de a morte ser ainda considerada como tabu, escondida de crianças e vista como fracasso por médicos, a morte escancarada, por causas externas (não decorrentes de doenças) cresce em frequência e leva jovens, principalmente das camadas sociais menos favorecidas, a terem contato muito próximo com a morte. São muitas as pessoas que Letícia conhecia que já morreram.

Existe uma lei dentro do crime, de não roubar na própria região. Não ficou claro, mas a morte, nesse caso, não parece ter sido causada por policiais, de quem o primo já havia se desvencilhado, mas provavelmente por outros moradores ou talvez infratores locais, responsáveis por manter a ordem e a lei ilegal.

A morte de alguém próximo mostra a vulnerabilidade da própria vida. Seu primo morreu de repente, de forma violenta, sem aviso ou preparo. Mais uma vida tratada como descartável, sem valor. Por outro lado, fala sobre a consciência do risco em quem comete

um ato contravenitivo. Esta consciência leva Letícia a crer que o primo procurou a própria morte. Sofre com a perda do familiar, mas justifica o fato através da moral, do certo e do errado, misturando conformidade com revolta contra a inversão cronológica presente na morte de alguém que não completou nem dezenove anos de idade.

C. Risco de morte e mudança de vida

Podia ter sido eu – a morte muito próxima...

Então, na hora que caiu, todo mundo saiu correndo. Todo mundo saiu correndo. Eu parei! Eu tava aqui e ele tava ali, ó. Eu sou tão burra que eu tava do lado. Eu tava do lado. [...] ¹⁰ Se atirasse errado acertava em mim. Quem tava mais próximo dele era eu. Eu morria ali, sem saber. Podia ter sido eu. [...] Se disparasse vários tiros ali... ou se errasse a mira. Foram três tiros.

Um erro de mira poderia ter significado um tiro acertado nela. Acertar e errar, nesse caso, tem um limite muito tênue.

Desvaloriza-se, se considerando burra por ter permanecido estática enquanto todos correram fugindo. O susto que levou diante do inesperado foi tão grande que ficou paralisada na cena e a cena ficou paralisada em sua memória. É mais uma vez o contexto violento que se impõe, trazendo a banalização da morte, que acontece na balada, no meio de todos, num momento de lazer e pode pegar de surpresa. Hoje foi o amigo, amanhã pode ser ela...

Fim da invulnerabilidade

Ah, mudou minha forma de pensar. Eu saída de balada, sem me preocupar com nada. Era muita loucura. Minha mãe: ‘cuidado, minha filha, de repente acontece alguma coisa, alguém pode te pegar, cuidado com droga...’ E eu: ‘pára, que chata, quê que a pessoa vai fazer, eu com um monte de gente’. Eu vou falar o que? ‘Mãe, eu fiquei parada porque

¹⁰ Trechos de difícil compreensão na gravação.

eu fiquei assustada. Me assustei, fiquei pálida, verde, não sabia o que fazer. Entendeu? Aí eu pensei que minha mãe falou, ó para você ver, na mesma noite ela tinha falado para mim 'filha, ai, não vai filha, não vai' e eu 'mãe, pára de ser chata' [...] Morrer, tudo bem, e ficar aleijada, dando trabalho para os outros? Sai para curtir e voltar aleijado ou morto. Morto tudo bem. Não é? Eu penso assim.

Mudou o jeito de pensar, porque pra mim eu tava segura, 'nada acontece comigo, o que acontece com você não acontece comigo, não'. Foi até bom, Deus falou: 'ó, vamos pegar essa menina e vamos mostrar para ela que não é assim'.

Mudou sua forma de pensar, saía sem se preocupar com nada e agora passou a ter sua consciência direcionada para o risco. O período despreocupado è associado à loucura, seria uma dissociação do perigo, uma sensação de invulnerabilidade.

Paralisou-se porque ficou assustada e pode, igualmente, ter sido difícil mover-se por algo de si ter morrido junto com o corpo do rapaz assassinado. Morreram sua infância e sua adolescência, sua impulsividade e a ausência de medo. O lacre da invulnerabilidade foi rompido e ficou pálida, sem cor, sem sangue, verde, desnorteada.

Outra grande surpresa pode ter sido o fato de a mãe tê-la alertado contra algo de ruim que pudesse ocorrer, algo chato, desagradável. Desconsidera a mãe a princípio. A mãe torna-se poderosa e os medos aumentam, pois outros alertas poderiam ser igualmente reais. Letícia fica impedida de contar a realidade para a mãe talvez por sua crença de que a morte ocorre por escolha própria de exposição ao risco, e, por essa razão, ela fosse culpável, porque talvez tivesse que admitir que a mãe careta tinha razão.

O simples fato de sair e estar numa balada não é sinônimo de morte, o que amplia os riscos são uma conjunção de fatores, como o envolvimento com o tráfico e a possibilidade de ser alvo de vingança ou o envolvimento com namorados violentos e até o acaso, por erro de mira.

Situa a paraplegia – ficar dependente - como pior que morrer, devido ao trabalho dado a outras pessoas envolvidas no cuidado. No entanto, a morte violenta parece dar muito trabalho a Letícia, para conseguir dormir, para tentar esquecer, entender, se transformar e se separar da cena e do morto.

Segundo Letícia, a vida ou Deus, através da morte, dá nova chance de viver com maior consciência dos riscos e podendo escolher se expor ou não a eles.

Mortes indiretas, sofrimento e incompreensão

Tem seis meses agora. Eu tava grávida. Perdi.

Tava de quatro meses. Sei que eu perdi, eu tive aborto espontâneo. Minha mãe acha que eu matei o meu filho. [...] ‘mãe eu não matei não’. Só que eu teria que falar para ela umas coisas que ela não sabe, até eu dizer para a minha mãe ‘mãe, um cara morreu do meu lado, eu tava dançando, eu não contei pra você, guardei isso até hoje, toda noite eu sonho com isso, quando eu tava grávida eu não perdi o neném porque eu matei’, porque para mim, eu não faria isso. ‘Não, você tá assim por causa da droga’. Mas acha que eu não perdi por causa do susto? Porque eu parei. Eu fiquei pasma. Sei lá, esquisita. Eu não conseguia nem ir para frente nem para trás. Não conseguia nem falar. Eu não tava esperando. Você acha que eu ia esperar ver um cara morrer do meu lado? Né? Eu acho que foi isso.

Outra mudança foi a perda indireta de outra vida, que estava sendo gestada. Além da perda do filho, que ela diz que não tiraria, sofre com a acusação da mãe de ter feito aborto. Ela não fez o aborto diretamente, mas a exposição ao perigo paralisou sua vida e a do bebê.

Durante a entrevista direcionou falas para a mãe, e estabeleceu diálogos indiretos com ela. Parecia estar mandando um recado para a mãe através de alguém que confiou e acreditou nela. Cada vez que repete aquilo que não é dito para a mãe ocorre uma re-elaboração, e, neste trecho sua fala atinge a completude de tudo o que gostaria de revelar. Falou de seu sofrimento intenso e do como lida sozinha com seus traumas, por medo de incompreensão e por sentir estar rotulada e sendo julgada por seus comportamentos antigos.

D. Morte: significados

[...] a morte pra mim é um caminho sem volta.

É uma pessoa que vai e não volta mais. Em vida, né.

Eu acho que a morte significa saudades. Por mais que você pense que aquela pessoa tá bem, você sente falta.”; “Você sente, você lembra de alguém, seu pai, sua mãe, seu irmão, um amigo que morreu, se você fala na morte você lembra daquelas pessoas, das suas pessoas. Morte significa saudades.

Você perde tudo. Você pensa 'por que que foi?', 'por que que não podia viver mais?'. Até você compreender, né, mas mesmo assim fica com saudades.

Letícia apresenta a irreversibilidade da morte simbolizada através de um caminho sem volta. No caminho da vida, o fim certo é a morte, mas em alguns casos ele é antecipado.

A morte significa para ela sentir falta de alguém que não vai mais estar lá, de alguém que goste e queira guardar lembranças. As “suas pessoas”, são parentes de quem ela tem algo, lembranças, afetos, e quando uma delas chega ao final de seu caminho, leva parte desses sentimentos. Quem realmente perde tudo é quem morre e quem fica perde coisas num grau crescente dependendo da proximidade e do nível de identificação. Perder tudo significa também uma perda de si.

O sentimento maior é de saudade e a esperança de que um dia a morte seja compreendida.

E. Causas de morte de adolescentes

Geral

[...] muito adolescente morre hoje por muitas besteiras, muitas coisas erradas. Ninguém morre à toa e nem de graça. Eu penso assim. Tem casos e casos. Mas pra mim adolescente morre cedo porque procura, a gente colhe o que a gente planta.

[...] o adolescente consegue entrar numa burrada. Ele consegue entrar numa balada, ele consegue entrar em muitos lugares. Mas aí é que está. Sair ele não consegue. Ele não tem uma idéia, pra poder falar, poder sair sem ter que morrer. Fácil é entrar, o difícil é sair, sem apanhar, sem morrer.

Desvaloriza as razões de morte porque ela acontece por motivos que poderiam ser evitados, mas em seguida dá um valor, que é caro. O custo, muitas vezes, é a troca da vida por um objeto de consumo e de poder. Coloca os adolescentes de forma ativa, escolhendo um caminho em que a morte está prevista, prescrita. Mas o fruto amargo colhido, por mais

que esperado, é uma surpresa para todos e contrasta com o plantio, que é arriscado, porém prazeroso. Há disparidade entre escolha (consciente), com responsabilidade e impulso, onipotência (sem consciência).

Segundo Letícia, é fácil para o adolescente entrar em situações que envolvem risco, mas é difícil sair delas ileso ou sem marcas. São marcas físicas e psíquicas e podem envolver o medo e as lembranças de cenas terríveis, a violência, o risco de morte ou a consumação desta. Ela tem um discurso que fala da culpabilização: quem planta, colhe...

Caso a caso

Namorado errado, vida do crime, entendeu? Coisas que não levam a gente a lugar nenhum, só à morte mesmo. Confusão, balada, noite. Tudo isso. Drogas. Tudo isso resulta em morte. É o que hoje eu mais vejo, eu tô falando do meu ponto de vista, o que eu vejo aqui.

O erro, seja escolha consciente ou não, leva ao mesmo resultado, a morte, o fim, o não lugar. Mas aponta os diferentes caminhos, caso a caso. Ela já experimentou todos aqueles que enumera: namorado errado, vida do crime, confusão, balada e drogas. Por isso, fala a partir de seu ponto de vista, do que já viveu.

A mídia e o mundo real

É, diariamente. Numa semana duas pessoas morrem, ou... amigos. Amigos não. [...] 'Nossa morreu? O que aconteceu?' 'Ah, morreu na mão de bandido. Morreu de overdose'. Ou o namorado matou por ciúmes, igual o caso da Eloá. Ela perdeu tudo, por quê? Não era o cara certo. Ela quis ficar com ele e foi justo quem ela mais quis que tirou a vida dela.

É, tá no mundo real, e o real tá mais pior. Aqui agente vê na real, não é na televisão, aqui é o mundo.

Na TV há sensacionalismo e ênfase exagerada a alguns dramas enquanto outros permanecem ocultos. Mas os casos noticiados pela mídia servem como síntese do que acontece no dia a dia do mundo real. O mundo real é pior.

Pelo que sabe, vê ou percebe, duas pessoas conhecidas suas - diz que são amigos e depois desdiz - morrem por semana, de forma violenta.

Fala novamente em erro. A escolha “errada” mata. No caso Eloá ela não quis o cara “errado” por isso morreu...

F. Como diminuir o índice de mortes na adolescência

Vida sem valor

É difícil, ehim. Difícil. Tá cada vez pior. Não tá melhorando, tá piorando. Ou algum problema tem aí, na violência.

A gente acaba procurando a morte sem, né, acaba não dando valor à própria vida. A gente faz escolhas sem saber pensar: se eu posso morrer, se eu não posso, se eu volto, se eu não volto. ‘Eu sei que eu saio, mas não sei se eu volto’. Como a gente acaba com as mortes? Não tem como. Não existe. Eu acho que não tem o que falar.

Em geral, é geral, em geral mesmo. Se é pra morrer é pra morrer. [...] Mas, às vezes agente também não dá valor.

Identifica o problema central relacionado à morte de adolescentes, a violência.

O que vê no mundo real torna difícil ter esperanças e torna difícil falar. Ao lidar com a impotência diante da morte, principalmente da morte violenta (que a deixou paralisada) fica sem fala, paralisada, sem saída.

Ela fala em acabar com a morte, mas sabe que não há como. Volta a “responsabilizar” jovens. Cada vez é pior. Escolhas podem conduzir à morte. Mas será que é porque a vida não tem valor?

Perspectivas e soluções

Acabar com as favelas... acabar com as pessoas ruins. Eu não sei quem é bom e quem é ruim [...] Não tem como eu te falar como agente pode acabar com as mortes.

Pensa em possibilidades para diminuir os índices de mortes violentas. Uma delas é acabar com as favelas. De fato, as favelas podem ser um problema social. Nela, pode haver um governo próprio, do tráfico, que proporciona a possibilidade de obter dinheiro e bens de consumo de forma rápida. No tráfico, como indicado no item “**1. Violência**”, ocorrem brigas entre gangues, disputas por postos de venda de drogas, e o dinheiro é colocado acima do valor da vida humana.

Já acabar com as pessoas ruins, de fato seria uma solução para um convívio mais harmonioso entre as pessoas, porém, como Letícia previu, é impossível saber quem é bom e quem é ruim, mesmo porque podemos portar as duas polaridades simultaneamente. A grande dúvida é saber quem é bom e quem é ruim? Será que é tão fácil definir? Ela mesma não sabe.

A questão que volta – como acabar com as mortes, aquelas que poderiam ser evitadas com a diminuição da violência.

G. Falando de morte

Não falar para esquecer

Não. [conversa com ninguém sobre o assunto morte].

Ah não, não falo, não gosto de lembrar.

Ah, vem saudades.

Muitas pessoas de que gostava que já morreram. Sente saudades delas. Tenta esquecer as desagradáveis cenas de morte que já presenciou, mas a estratégia de não falar para não lembrar parece não funcionar, pois as lembranças voltam.

Medo de incompreensão

Às vezes em casa antes de dormir eu fico agonizando, minha mãe acha que é abstinência por causa da droga, pra ela, a mente dela é essa e ninguém muda. Só que eu não vou falar 'mãe, eu tava lá no meu canto na balada, um menino caiu morto do meu lado e eu sonho com ele à noite. E eu vou fazer o que? Eu agonizo'. Sabe, eu faço 'humm humm', minha mãe fala que eu to gemendo. Toda noite que eu vou dormir eu vejo. Aí eu levanto, vou para o sofá, e o medo de dormir de novo e ver? Sabe? [...] Que eu tô na mente, barulho que ficou no meu ouvido, tem um eco aqui. Que foi muito perto, muito perto mesmo, que dá até medo de lembrar. É uma coisa que você não sabe. Eu posso até contar para você, mas tava no meu lugar pra você saber? Do jeito que eu estou contando pra você, caiu, morreu e já era. Agora e eu? Eu nunca vi ninguém nem nascer! Vou ver morrer? Não é?

O que fica não dito, escondido na sombra, aparece nos momentos de escuridão intensa. A noite, além de ser palco de inúmeras cenas de mortes, também é testemunha dos mais cruéis sonhos e lembranças. Nela, as imagens temidas desfilam. A consciência fica rebaixada e o que estava reprimido no inconsciente aflora.

O medo da incompreensão a leva a não compartilhar suas lembranças, medos e sofrimentos. A pessoa que mais gostaria que a ouvisse é a mãe, mas esta, apesar de acolhê-la de volta, não parece ter assimilado as mudanças pelas quais passou e restringe-a ao um julgamento antigo por suas ações.

Sente medo de julgamento, de condenação por ter feito algo que ela diz ter sido a escolha dela mesmo - tendo sido alertada, então “procurou”... Parte desse julgamento é exercido pela própria entrevistada, o que é demonstrado pelo fato de não sentir-se no direito de falar e sair do lugar de abstinente e criminosa para poder receber ajuda.

Fica clara a dificuldade de falar algo que talvez o interlocutor não tenha condições para ouvir, compreender e respeitar. Aquilo que é vivido é diferente do que é contado e do que assimilado. É possível para alguém que não estava lá entender do que está falando? Estes são desafios da comunicação. Durante a entrevista Letícia me interrompe para continuar falando, mostra sua necessidade de falar e ser ouvida.

Ficou tão colada no morto, se identificou tanto com ele, pensando que poderia ter sido ela em seu lugar, que fica “agonizando”, morre todas as noites um pouquinho junto

com ele. Não conhece outra possibilidade de demonstrar seu sofrimento além de agonizar (geme, treme, fica em agonia) – à noite não tem controle sobre estes pontos...

Nunca viu ninguém nascer, mas já viu morrer. A morte se faz mais presente em sua história que a vida, é como a *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, mas em vez de o enredo se passar no sertão nordestino, é uma severa vida sofrida na periferia da zona sul do Estado de São Paulo.

H. Trajetória de vida

Precocidade

Eu vi muita coisa já que não era para ter visto, não era o tempo não. É. Eu comecei tudo muito cedo, fumar, namorar, ia para a escola, não ia para a escola. Ia para as baladas, com doze anos indo no salão, enganando minha mãe. Era para eu estar com dezessete anos aí indo para minha primeira balada. Com doze anos eu fui para a minha primeira balada, à noite, noitada.

Considera ter começado muito cedo a ter experiências e a fazer uso de sua liberdade para viver intensamente, fora dos limites estabelecidos pelos adultos. Essas experiências a levaram a ver coisas que não estava preparada para ver. Para algumas das coisas que viu não há preparo possível, como é o caso dos homicídios, mas é compreensível que a dificuldade para lidar com situações traumáticas seja grande quando há ainda poucos recursos disponíveis para a elaboração (como conversas com amigos, parentes ou conhecidos, busca de ajuda profissional ou realização de outra atividade particular transformadora como, por exemplo, a arte).

As coisas que “não era o tempo” de ter visto podem ser as violências sucessivas que sofreu para as quais não teve tempo de se proteger e que se acumularam antes que pudessem ser superadas. Acha que a idade certa seriam os 17, mas começou com 12. Tenta “enganar” sua mãe, mas ela fica sabendo, pelas conseqüências, daquilo que acontece à filha.

Centração

Ah, eu penso em mim agora. Eu penso em mim porque eu acho que o ser humano é louco por dinheiro, eu mato você pelo dinheiro, eu bato em você pelo dinheiro, é louco pelo dinheiro. Eu não sei se eu tô querendo que fique todo mundo muito humilde, ou, entendeu? Deve ser por isso. Que não tem condições nenhuma. Fica cada um com o seu que fica bem melhor, né? Vou querer tirar de você, que não tem? [ri].

Com sua experiência de vida, com tudo o que já viu e viveu, passou a pensar mais em si mesma. Agora, conhece os riscos e opta pela vida.

Pensar mais em si pode representar o pensamento voltado para a aceitação daquilo que tem e do que pode ou não comprar, sem pensar no outro ou no que gostaria de obter através do roubo. Contentar-se com a própria condição é a humildade: conformidade/aceitação, indicada, em oposição à ganância da obtenção do dinheiro ao custo de violência e morte.

Pensar em si é também poder se proteger do ser humano que é louco por dinheiro, deixando de se expor ao humor dos “caras” na “biqueira”, à rivalidade entre gangues, aos homens violentos e à ação policial.

A pergunta é: será que tem como sair disso?

Descompasso

É meio esquisito, não é a mesma coisa, as meninas da minha idade tão falando coisas que pra mim não tem mais a ver, elas falam ‘nossa, meu, fiquei um menino ontem, ele pegou na minha cintura’ (rindo). É mó ruim, eu nunca estou no meio deles, sabe? Pra mim, não está mais no meu ritmo. Nem eu me achei ainda. Não me achei mesmo. Com os mais velhos eu aprendo. Com os mais novos se eu puder dar alguma informação, eu vou passar o que? Que o mundo é cruel, que nada é bonito. Que tudo que a gente vê que é bonito, não é bonito, entendeu? E com os adolescentes [...]), vai namorar, vai cabular, balada, é isso. Aprendo um pouquinho de todos os lados.

Não está na idade dela, não se achou.

Não sabe ainda qual é o seu ritmo, mas sabe que ele é diferente do das pessoas com as quais está convivendo. Tem bagagem de experiências vividas mais ampla que as moças de sua idade. O descompasso a incomoda, gostaria de se identificar com um grupo de pares, de iguais, porém como diz, tem coisas a aprender e a ensinar com mais velhos e com os mais novos, mas não com os da idade dela. Esta aprendendo

Já é adulta para muitas coisas e alguns dos aspectos do seu eu criança e adolescente ainda pedem cuidados.

Quando fala que o mundo é cruel, parece não gostar daquilo que tem para ensinar aos mais novos. Tudo o que parece belo infelizmente não é. O aparentemente belo e o feio se misturam. As coisas bonitas têm lados feios. Por trás das vitrines há vendedores explorados, há desejos criados e insatisfeitos; por trás do status e do dinheiro do roubo e do tráfico há disputas, violência e mortes; por trás de alegrias aparentes há o consumo exagerado e o risco de overdose e os perigos implicados na obtenção da droga.

I. Futuro

Expectativas

Penso (no futuro). Eu quero muito, assim mesmo, conquistado por mim. Eu quero tudo comprado. Sabe? Eu quero fazer uma profissão que eu goste, que eu me sinta bem. Estudar, sabe, eu odeio escola. Sinceramente eu não gosto de escola. Eu to indo, né. Eu parei esse ano, mas eu vou ter que terminar, falta um ano, que eu vou ter que fazer. E eu já vou logo fazendo faculdade. Eu morro de vontade. É igual escola... É... Ah, casar eu não vou casar, vou ser mãe solteira. É isso, eu vou ter uma profissão, vou ter uma vida normal. (rindo) Pouco a pouco.

Porque será que não quer casar? O que é vida normal?

Letícia diz pensar no futuro. Para seu futuro quer conquistar materialmente coisas através de seu trabalho. Quer que sejam compradas, não roubadas. Quer estudar e ter uma profissão que goste e que lhe de prazer, mas não quer a escola, vai terminar, mas odeia. O discurso tem várias contradições, polaridades e opostos.

A escola que diz odiar pode ser aquela que apresenta conteúdos distantes de sua realidade e de suas necessidades, tornando a rua um espaço mais interessante. A escola fica como uma etapa necessária a ser cumprida antes de chegar a um curso superior. Já a faculdade é desejada, talvez por esta sim ser associada à sua atuação profissional. Nas suas expectativas o curso superior traz maiores possibilidades de realizar escolhas profissionais para que possa vir a trabalhar com aquilo que realmente gosta.

À faculdade pode também estar associado maior status social, maior chance de se aproximar da mãe (que tem curso superior), maior possibilidade de obter salários mais elevados e de poder obter aquilo que deseja comprar de forma lícita, numa aproximação do que chama de normal.

Teve experiências pesadas com homens “ruins” chegando a sofrer violências físicas do ex-namorado com quem viveu junto. Talvez por isso não tenha como sonho casar. Mas quer ter filhos, talvez queira ter a chance de ser mãe e ver brotar e nascer de si a vida.

O que deseja é ter garantidos seus direitos. Ter uma vida, ter uma profissão que goste. E conquistar tudo gradualmente. Pouco a pouco as coisas vão se consolidando e têm mais chance de permanecerem, de não se esvaírem.

Dúvida

Imagino ‘será que eu chego lá’, ‘Será que eu consigo?’.

Será que eu vou ter aquele jogo de cintura? Sem entrar para o tráfico? Sem querer ganhar dinheiro fácil? Entendeu? (...) Vou ficar aqui, nem que eu for contando os dias, mas eu vou trabalhar. Eu quero conseguir. Espero que eu consiga.

Quando perguntada a respeito de como imagina seu futuro em cinco anos, mostra que a dúvida e a insegurança convivem com seus sonhos.

O tráfico envolve altas quantias de dinheiro livres de impostos e é rápido. A divisão é feita entre o chefe da quadrilha e os funcionários. Não é necessário esperar até o final do mês para receber o salário. Por isso, o dinheiro advindo do tráfico é considerado fácil. Porém Letícia fala do custo desse dinheiro, que é o risco de vida e de estar envolvida numa

série de situações de violência, além da possibilidade de ser presa por exercer atividade ilícita.

Trabalhar de forma lícita para Letícia exige esforço, determinação e jogo de cintura, criatividade. O esforço e o jogo de cintura estão envolvidos na capacidade de adiar a satisfação de um desejo e, contando os dias, esperar chegar a data do recebimento do salário. Envolve também desviar de ameaças e assédios (Item “**10. Discriminação e ameaças**”). Tem expectativa e esperança, mas também dúvidas. Ainda não acredita plenamente em si.

Não tem dúvidas sobre o que quer, tem dúvidas se vai conseguir...

A questão social presente é a possibilidade de exercer profissão que goste e ter a partir dela reconhecimento e retorno financeiro.

J. Discriminação e ameaças

Quando o perigo é saber

É, a gente vive num mundo em que a gente sabe muitas coisas que não deveria saber. Ou agente tem que ser eliminado pra não contar para ninguém, pra mim não me prejudicar. Ou eu vou ver, mas quem espera pra ver? Eu vou e te elimino porque você sabe de coisas que não era pra você saber. Eu vejo uma coisa que não era pra eu ter visto, eu vou ser obrigada a morrer.

A dificuldade de sair da vida do crime envolve, além da tentação de voltar a ganhar o que chamou de “dinheiro fácil”, o fato de ter sido testemunha de infrações tornar-se potencialmente uma delatora. A lei ilegal (lei do crime) impõe a eliminação da testemunha. É melhor matar antes de ser “matada”.

Além de ter presenciado cenas e situações de violência muito nova ou despreparada, as cenas vistas lhe tornam testemunha de atos criminosos e Letícia corre, assim, o risco de ser assassinada. O melhor é não ver...

De terrorista a Zé Povinho

A minha vida era ficar andando junto com as outras pessoas. A gente assaltava, a gente roubava, a gente fazia aquelas gangues, agente fazia tudo o que você imaginar. Tudo por terrorismo. Tudo por terrorismo. Hoje, para o grupo eu sou 'Zé Povinho', eu posso contar o que a gente já fez, entendeu? Só que sabe porque eles não me eliminam? Porque [...] ¹¹e outra, eu sou sempre assim, [...] 'Ela era boa, agora ela não é mais boa', 'agora ela pode ferrar com todo mundo'.

Fica aprisionada a seu passado. O passado a persegue através de seus sonhos, nos julgamentos da mãe que avalia seus comportamentos atuais pelas ações antigas, e pela ameaça de morte da gangue de que deixou de fazer parte.

Precisa de proteção e respaldo para estruturar sua opção atual de vida. Agora é discriminada por ter saído do grupo e não é mais considerada boa. Continua correndo perigo mesmo fora...

Manés, Zés Povinho e Largados

'Zé Povinho' é quem pode contar o que vê, o que sabe. 'Zé Povinho' pra eles é quem prejudica eles. E 'Zé Povinho' pra eles é aquela pessoa muito certinha, também. Para eles muito certinho é quem trabalha. Se você trabalha você é "mané". 'Trabalha o mês inteiro pra ganhar quatrocentos contos, sendo que eu ganho quatrocentos contos em dois dias, você é trouxa? Você é "Zé Povinho". Fica ganhando dinheiro para os outros? O patrão que está enricando'. Eles pensam isso, só que eles são tudo "largado", também. "Largado" é... tem o patrão e tem o empregado. O patrão faz o que faz com o empregado, então, os traficantes, e pra eles tá bom [...] Agente trabalha e tem um patrão, só que nosso patrão não bate nem mata, tem essa diferença, né, é bem melhor. Entendeu? E é isso, é o que eu te falei, o mundo louco e o mundo mais regular.

Zé Povinho é a aquela pessoa muito certinha, que trabalha, segue regras e leis, e que pode prejudicar os criminosos, delatando seus atos.

Mané é quem trabalha e tem patrão, sendo explorado por este. Desta forma, Manés e Zés Povinho estão próximos, ambos estão inseridos no sistema. Por outro lado, Largado,

¹¹ Trecho que não pode ser compreendido na transcrição da entrevista.

parece ser aquele que abriu mão, largou tudo, e está à margem da sociedade como escolha, como reação à exclusão, mas está inserido na mesma lógica consumista.

Uma das características do Largado é não ter patrão e ganhar dinheiro “fácil”. No entanto, Letícia lembra que quem participa de uma gangue tem um chefe, o líder, que é quem realmente lucra e enriquece. O largado é explorado por seu chefe, da mesma forma que Manés, e corre ainda o risco de ser assassinado ou preso e é vítima de constantes violências.

4.2.2 Entrevista com Bruno

Ah, a policia tá matando mais do que... do que a própria morte. (Bruno)

Bruno tem 15 anos.

No início da entrevista falava pouco, por isso houve longos momentos de silêncio, que foram grafados com três pontos sem parênteses.

Conta que em sua infância viveu situações de lazer que envolveram o risco, foram desde empinar pipa e poder ser atropelado ao surfe em ônibus e diferencia dois momentos em sua vida. O primeiro, sem nome, quando fazia as coisas sem pensar e não sentia medo. E o segundo, atual, no qual está mais “de boa”, de volta aos estudos, recebendo o auxílio e orientação dos técnicos da casa de Liberdade Assistida.

Considera estar em L.A. melhor que ficar preso. Muitas coisas mudaram em sua vida com a ajuda de sua técnica (social).

Já foi vítima de violência policial e teve várias experiências associadas ao risco de morte.

Com relação à razão para haverem tantas mortes na adolescência aponta o próprio jovem como responsável. Acha que os jovens buscam a morte quando fazem as coisas sem pensar. Para que menos jovens morram acredita que devam cuidar-se mais, prestando mais atenção naquilo que fazem.

Não consegue, de imediato, imaginar no futuro, mas pensando, acredita que será possível conquistar as coisas materiais que deseja. Tem planos de trabalhar, mas não sabe em que.

- **Temas: as unidades de sentido**

A. Infância

Já fui preso surfando, é, eu quase matei um motoqueiro, eu era terrível.

Nem tem nome essas coisas. Mas é uma coisa estranha, né, o que eu fazia antes. Não tinha, não tinha medo das coisas antes. Fazia as coisas sem pensar.

Bruno relata que em sua infância fez coisas que classifica como terríveis. Provavelmente elas eram formas de se divertir com os amigos. O julgamento como algo ruim e estranho parece vir depois. Agora olha para seu passado e considera estranhas as coisas que fazia sem sentir medo e sem pensar.

B. Momento atual

Ichi, agora estou mais de boa. Voltei a estudar, to agora estudando.

Comecei a pensar, né, nas coisas passadas, tudo quanto é momento eu lembro, se tá certo ou se tá errado, deu mais uma visão, né.

É, algumas coisas passadas, né. Isso daí não sai da mente um pouco, né... Não consigo esquecer.

É, adolescência ainda, né.

Bruno considera estar na adolescência. Já não pode viver livremente e sem pensar como na infância, pois já presenciou cenas muito duras, que não consegue esquecer, e o

obrigam a avaliar o que considera como certo e errado. Esta avaliação parece ser dura, como aquilo que vivenciou, talvez por isso hoje classifique sua infância como terrível.

Agora voltou a estudar, o que valoriza e é associado a estar melhor.

C. Infração, autuação e cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

Fui preso por roubar.

É, fiz coisa errada, né. Aprontei. Aí to aqui mesmo.

Ah, uma parte é... bom, outra parte é mais ou menos. Que eu to vindo aqui é bom pra técnica me orientar mais. Acho até melhor vir aqui. Melhor ficar aqui do que ficar preso.

Í ó, ela me ajudou com a escola, ajudou lá em casa, uma par de coisa. Muitas coisas mudaram na minha vida.

Aconteceu umas coisas naquele instante pra poder eu ir preso, né, hoje eu procurei uma coisa melhor pra mim.

É, porque no momento que eu fiquei preso, pensei fazer parte essas coisas, se não, ia continuar depois só curtindo. Saiu né, preso ontem, aí sai hoje, aí rouba depois tudo de novo. Deus o livre.

Com certo conformismo Bruno diz estar cumprindo medida socioeducativa em meio aberto por ter roubado, o que avalia como algo errado, daí a conseqüente punição. Considera estar em L.A. melhor que ficar preso, apesar de ser uma punição uma vantagem encontrada é a orientação recebida das orientadoras sociais que o ajudaram em sua casa e com a escola, trazendo muitas mudanças em sua vida.

No momento em que foi preso ocorreu um evento traumático. Enquanto fugia dos policiais, o amigo que o acompanhava caiu numa fiação de alta tensão e morreu. Então percebeu que conseqüências trágicas fazem parte das vivências de prazer e “curtição” associadas ao risco. Este trauma representou a saída de um ciclo que vinha se repetindo, de roubar e ser preso.

Talvez quando diga que hoje procurou algo melhor para si esteja se referindo a não ter o mesmo destino trágico.

D. Futuro

Trabalhar [...] Não sei [em que], só penso só em trabalhar só. [...] eu gosto de trabalhar de qualquer coisa. No que surgir, pra mim, me chamar, tá bom.

[Dali a cinco anos] Não sei. Não me vejo... [...] Nunca pensei nisso...

Daqui a cinco anos eu... já dá pra tá com meu carro e com minha moto, já, né. Só, o que eu penso, daqui a cinco anos ter meu carro e minha moto e bóia.

Quando perguntada a respeito do futuro, Bruno fala em trabalho. Quer trabalhar com qualquer coisa. Não especifica um desejo ou vocação. Fala também das coisas materiais que deseja obter em cinco anos, um carro e uma moto.

E. Cumplicidade e amizade

Surfando com um amigo. Estourou o tampão lá, você sabe o tampão? Daí o tampão caiu e o passou raspando na cabeça do motoqueiro. [riso] Aí eu subi num ônibus, pra poder pular, para os policiais não me pegarem, mas os moleques ficaram com medo de medo pular, daí, eu não ia deixar eles...

Esta fala mostra os valores fortes de amizade e cumplicidade, um código de honra que levou Bruno a permanecer com os demais colegas e ser preso junto deles, mesmo que pudesse pular. É através do grupo que se dá a inserção na realidade dada, muitas vezes cruel, de privações e limitações e de reação violenta às violências sociais impostas no contexto de pobreza e exclusão social.

F. Violência policial e risco de morte

Só quando eu fui preso os policiais me bateram.

Batem e enquadram também.

O moleque foi preso comigo, aí ele pegou, ela [a policial] foi bater nele e ele deu um murro na orelha dela. Ela mandou chamar o cabo, pro cabo bater nele. Ela vai batendo sem motivo. Agente tava lá sentado, né mano, ela chegou e falou 'porque você não vai trabalhar, seu vagabundo'. Daí ele tinha um bastão. Aí o moleque falou: 'larga a arma' pra ela e bateu nela.

É, uma vez eu tava usando droga na madrugada, daí os policiais me enquadraram, aí vieram me matar. Daí, a mulher passou, daí a mulher parou o carro e ficou olhando. [...] Eu vi a mulher parada, daí olhei pra mulher e dei tchau pra mulher (rindo), daí ele 'é se é esperto ehim moleque', daí não pegou nada.

Os polícia colocaram a arma na minha mão e na mão do moleque. Era a arma dele, a arma dele já tinha disparado bala já. Daí ia falar que nós implicou com ele, era legítima defesa. [...] Isso aí é a arma que eles pegam dos bandidos, isso aí, qualquer coisinha que der, já coloca a arma na nossa mão, nós que somos responsável. Qualquer um, nós pega trinta homicídios. [...] Que nem eu mato dez pessoas aqui, daí eu te dou a arma pra você, daí quem vai se complicar é você. Foi pra sua mão e já era.

Bruno hesitou em responder se já havia sido vítima de violência. A hesitação parecia indicar uma dúvida se podia considerar como violência as situações pelas quais já passou.

Conta que já apanhou de policiais e que foi enquadrado todas as vezes em que foi preso. Relata uma cena de abuso de poder policial que o deixou vulnerável. Quando perguntado se já passou por de risco de vida, contou esta cena. A proteção veio através de uma testemunha, pessoa que passava de carro e viu o que ocorria. O amigo de Bruno demonstra a revolta sentida contra os abusos e revida com violência.

G. Significados atribuídos à morte

Ah, morte é uma coisa estranha também, sei lá, a pessoa morre do nada. Morte, morte. Eu nem sei te explicar.

Quando morreu não pode fazer mais nada, morreu.

Ah, morte é nem..., morreu morreu, só isso que eu penso. Morreu morreu.

Será que quando a pessoa morrer vai encontrar com a pessoa que ta morta? [...] Então, se a pessoa gosta mesmo de uma pessoa que morreu, é só ela ter fé, que quando ela morrer ela vai encontrar a pessoa. Deus tarda mas não falha.

Hum, sei lá, tipo você perde uma pessoa que você gosta, aí tem..., não tem como você esquecer. Eu perdi várias pessoas que eu gosto assim, né. Não tem como esquecer.

As situações de mortes relatadas por Bruno são de algo repentino, sem aviso ou preparo. A morte é o fim. Morreu e acaba tudo. Frente à impotência de saber que a morte é um fato que não pode ser mudado, diz não se poder fazer nada. Mas este “morreu morreu” é o significado da morte para quem a vida não tem valor, diferente do sentimento que revela sentir quando perde pessoas queridas, que não consegue esquecer. Há aí um contraste.

H. Testemunhos: mortes de pessoas queridas

Duas mortes que eu vi foi a coisa mais feia, que foi a do meu tio e do meu colega.

Meu colega tava indo roubar assim, aí ele caiu em cima, e tomou um choque de não sei quantos mil volts. Aí já estourou tudo, quebrou os dentes, estourou os olhos, quebrou todo. Era alto da onde ele caiu. E a do meu tio, assassinaram com tiro. [...] eu vi meu tio depois que ele já tava morto, já pegaram a mulher que matou ele, foi a mulher dele que matou.

Bruno muito jovem teve contato com a morte violenta de pessoas queridas. O luto por mortes repentinas e inesperadas é complicado por não haver possibilidade de preparo. A morte concreta se apresenta levando figuras de identificação e tirando bases de apoio, o que pode trazer o sentimento de vulnerabilidade, de também poder ser levado. Outro fator complicador do luto é violência de tais mortes. Parece ser difícil continuar a vida sem lembrar cenas tão fortes, principalmente quando não se fala, conversa ou compartilha os sentimentos e impressões ligados à elas. Se Bruno considera que estava “aprontando” ou fazendo “coisa errada” na situação em que o amigo morreu, talvez seja difícil falar sobre o assunto.

As mortes presenciadas por Bruno são evidências de um contexto violento em que está inserido.

I. Falando de morte

Esse negócio de morte eu nem gosto de falar.

É, na verdade se alguém vinha falar ou chorar perto de mim eu saía pra fora. Não fico pra ouvir. Eu gostava muito dele.

É tem o momento certo, né. [...] O momento ideal, né, se tiver alguém do lado, aí eu falo. [...] Qualquer pessoa. Se deu vontade de falar eu falo.

Ver o sofrimento do outro pode ser insuportável, pois coloca em evidência o próprio sofrimento. Bruno relata o quanto é difícil para ele lidar com a morte do amigo e o quanto sofre com ela, mas não costuma falar sobre isso, talvez na tentativa de evitar a dor.

Durante a entrevista, falou de suas vivências relacionadas ao tema. Quando houve abertura para falar ele aproveitou o espaço e o momento propício foi produzido. Bruno disse que esse tipo de conversa poderia acontecer com qualquer pessoa, talvez mesmo com uma desconhecida, como acabou acontecendo na entrevista.

J. Causas apontadas de morte de adolescentes

Acho que os jovens que procuram a morte, né.

Ah, várias situações. Morte... É, os jovens querem fazer as coisas que... sem pensar ... Muitas coisas. Que nem, muita, como se fosse uma brincadeira minha, empinando pipa, muita gente é atropelado empinando pipa. Procurou. Em vez de ficar em casa, fazendo alguma coisa boa, não.

[...] se [a pipa] tiver cortado, daí tiver caindo, aí sai um monte de moleque atrás.

Briga, muitas coisas... [...] É... Só ameaça a pessoa, a pessoa só está perto, a pessoa só vai lá e pega o que vê.

Até atravessando a avenida aí é capaz de um doido entrar e ó... muitas mortes.

Ah, a policia tá matando mais do que... do que a própria morte. [...] Ah, eles levam para os lugares, matam, sei lá. [...] Se tiver testemunha tem que mandar matar. [...] Todo mundo [sabe]. Passa no jornal em todo lugar.

Quando pergunto sobre por que acontecem tantas mortes na adolescência, Bruno enumera algumas situações. Bruno afirma que a responsabilidade pela morte é do próprio adolescente, que procura a morte quando age sem pensar, mesmo quando está brincando ou se divertindo.

Fazer “alguma coisa boa” fica associado a estar dentro de casa. Ficar na rua é estar exposto a riscos e perigos, é buscar a morte. Tudo pode levar à morte. A rua deixou de ser um espaço público de permanência e lazer, para ser considerado apenas local de trânsito, ou de gente “vagabunda”, passível de ser vitimado por policiais. A polícia mata mais do que a própria morte, pois com a violência, desrespeita o ciclo da vida, antecipando seu fim.

Os policiais ficam associados à morte porque não respeitam os direitos à vida. Há impotência, como diante da finitude da vida. Todos sabem e não podem fazer nada.

K. Soluções para diminuir o índice de mortes na adolescência

Ah, o jovem tem que se cuidar mais, prestar mais atenção no que ele for fazer.

Ah, devia ficar... brincando. Melhor do que fazer coisas que vai se atrasar. Em vez de fazer alguma coisa errada, faz coisa que só se adianta.

Bruno atribui ao próprio adolescente a responsabilidade por diminuir os índices de mortes através do cuidado e da atenção. O brincar é apontado como boa alternativa de preservação da vida. Bruno, na sua infância, encontrou formas de lazer e brincadeira na transgressão, na contravenção e no risco, agora, recomenda que os jovens brinquem dentro de suas casas. O brincar é uma forma de se adiantar, se avançar em anos vividos e não morrer.

4.2.3 Entrevista com João

Se tivesse mais emprego ia ter bem menos morte. (João)

João foi entrevistado em uma casa de liberdade assistida na zona sul da Cidade de São Paulo. Tem 14 anos. Com bom humor e respostas rápidas busca driblar a dor e as situações difíceis que envolveram riscos em sua vida.

O contexto de vida de João é violento. Já presenciou a morte de familiares e escapou com vida por ter fugido correndo.

Associa o crime a algo errado que leva inevitavelmente à morte ou à cadeira de rodas. Considera que os inimigos, através da vingança, são responsáveis por esse destino.

Hoje quer aproveitar a vida e ficar longe da Fundação CASA, onde sofreu violência física. Quer viver o momento presente e deixar o futuro para o futuro, sem antecipá-lo. Apesar de considerar interessante e diferente falar sobre morte por ser um assunto pouco tratado, prefere falar da vida e do cotidiano.

- **Temas: as unidades de sentido**

A. Por que morrem os adolescentes?

[...] muitas coisas, drogas, envolvimento com algumas pessoas, tudo, né.

São muitas as razões que levam a morte de adolescentes. João não chega a enumerar cada uma delas, sintetizando-as na palavra “tudo”.

As razões discriminadas por João são as drogas e o envolvimento com algumas pessoas. O consumo excessivo de drogas, o envolvimento com o tráfico e o relacionamento com pessoas associadas à criminalidade são fatores que juntos aumentam o risco de morte.

B. Soluções para diminuir o índice de mortes na adolescência

[...] isso eu não sei...

Ah, ter mais empregos, né. A falta de empregos. Muita gente sai pra roubar aí por causa que não tem emprego. Tá difícil emprego.

Se tivesse mais emprego ia ter bem menos morte.

Para João não é fácil pensar em soluções que possam diminuir o número de mortes de jovens.

Primeiro, diz não saber. Após refletir, aponta uma solução: ter mais empregos disponíveis para os jovens. Porém, além de vagas, é necessária uma boa remuneração.

Se houvessem mais empregos, segundo João, menos pessoas sairiam para roubar e haveria menos mortes. Assim, associa a falta de empregos às mortes.

C. Mortes violentas de pessoas próximas: tretas¹² e vinganças

O tio

Meu tio. Eu vi ele morrendo, eu tava na hora que mataram ele. Eu só não morri porque eu corri. [...] É porque a treta dos caras era com meu outro tio. Aí foram roubar lá e meu tio não deixou. Aí, arrumaram treta com ele. Aí depois não encontraram meu tio, acharam o outro e mataram. Eu só não morri porque eu corri, se não tinha morrido também.

Tem familiaridade com o assunto morte, conhece-o de perto. Além do choque pela morte, por ter visto um familiar próximo morrer de forma violenta, ainda correu risco de ser assassinado e fugiu. A morte do tio é transmitida por João na entrevista com certo humor pelo fato de ter corrido. Foi mais esperto, mais ágil.

Não é apenas o envolvimento direto com a criminalidade que causa mortes, mas a tentativa de impedi-la também. A morte o persegue e ele foge.

O pai

Meu pai também morreu. Não sei quem matou não. Meu pai era ruim. Não gostava dele. [...] [ele tinha envolvimento] Com drogas, com... matava pessoas, só de os outros olharem torto pra ele já era motivo pra ele matar. [...] [Quando meu pai morreu tinha] Seis anos. Eu já sabia já muitas coisas já. [...] ele matou tanto, que a família de quem ele matou até vingou, porque quem mata morre, né.

Não gostava do pai e considera-o uma pessoa ruim. O pai foi alguém que matou muitas pessoas, foi um executor de injustiças como as de que o próprio João e seu tio foram vítimas.

¹² Brigas, disputas.

Com seis anos João já sabia sobre a morte, a violência e a vingança, conhecendo exemplos cruéis de comportamentos humanos.

No caso do pai, parece encontrar na lei de causa e consequência certa previsibilidade e justiça. O pai já havia matado muitas pessoas, e, por vingança, foi assassinado. Esta é a lei – ele aprendeu na própria família.

D. Representações de morte

A morte é morrer! (rindo) é morte. Apagar, e já era!

Morte é... Todo mundo um dia vai morrer, né. Vou esperar pra ver [rindo]. Eu acho. A morte... Não tem que ficar pensando na morte, só ela chegar. Quando ela chegar. Todo mundo tem dia pra morrer [rindo].

João fala da existência enquanto momento presente, afirmando a vida, e fala da morte como o fim, o término, o apagar da chama da vida.

Afirma que todos têm dia para morrer e que vai esperar para ver. Seu dia quase chegou. Já viu a morte e ela já esteve próxima dele em vários momentos. Fala em esperar a morte e aí pensar nela. Pode ser que se parar para pensar ele acabe morrendo. Não adianta pensar na morte, isto não vai evitar que chegue.

O pensamento de que há um dia determinado à priori para o término da vida contraria a idéia de liberdade materialista. João não vai esperar sentado. Já fugiu de uma situação de risco. Não era seu dia.

E. A lei do crime

[...] porque quem mata morre, né.

[...] a partir do momento que você tá fazendo coisa errada, né, é caixão ou cadeira de rodas

[...] é a lei.

[...] porque o crime não leva a nada, né, aí você vai fazendo as coisas erradas, aí acho que é assim.

[...] acontece muitas coisas, inimigos, tudo, né.

*·
Não sei colocar em palavras.*

A morte violenta de quem mata, é a lei Talião, olho por olho, dente por dente.

Segundo João, a vida do crime leva ao nada associado à morte através das “coisas erradas” feitas e de inimizades. Não sabe colocar em palavras, mas está claro o que quer dizer, sua fala é direta, sem rodeios.

Dá exemplo vivido, da morte de seu próprio pai por envolvimento com drogas, crimes e por vingança. Já no caso de seu tio, a lei de que fala não funcionou, pois foi morto mesmo sem ter envolvimento com o crime.

Todos podem ter dia certo para morrer, mas João fala de vidas interrompidas pela ação “errada”, que leva à morte de alguns movimentos do corpo ou de todas as funções vitais. Ocorre uma punição moral.

F. Valor moral

Ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém.

Os direitos de vida não são respeitados. Para João, moralmente não deveria acontecer, mas acontece. Um familiar seu já foi assassinado injustamente e ele mesmo correu risco de vida.

G. Sobrevivência

Correndo da morte

Ah, só foi essa daí (rindo) que eu quase... se eu não tivesse corrido eu tinha morrido, já era.

João não fica parado diante do risco, corre da morte, corre para a vida.

Mudança

Parei de fazer coisa errada. Fazer mais não, roubar, essas coisas parei, pra mim trabalhar que é melhor. Ah, pensar mais, né. Não gostei da onde que eu fiquei não, lá na Fundação [CASA] (rindo). Aí não quero mais, quero ficar de boa, curtindo, só.

João vive num contexto violento e para ficar no bom, curtindo a vida, já teve que driblar a morte, fugindo. Em outros momentos se expôs ao risco através de ações que considera erradas, como o roubo. Chegou a ser preso e sofreu durante seu período de internação na Fundação CASA, local para o qual não deseja voltar.

Aponta o trabalho como uma saída para evitar o risco envolvido no crime. O trabalho pode estar sendo considerado como forma de obtenção de dinheiro e de bens materiais, porém, como já apontou, há dificuldades em conseguir emprego e há um impedimento legal: tem catorze anos e pode ser apenas aprendiz.

Nesta fala um questionamento deve ser destacado: a possibilidade de estar presente o discurso institucional dos técnicos da casa de liberdade assistida, que provavelmente falam sobre o que consideram certo e errado e do valor do trabalho em oposição ao roubo. Um fato é que na época da entrevista João estava realizando trabalhos na casa em que cumpria sua medida.

Outro fator de proteção contra o risco de morte que João aponta é o “pensar mais”. Consciente das conseqüências que seus atos podem ter, pondera, avalia ganhos, perdas e riscos e faz suas escolhas.

H. Violência sofrida

Não [fui vítima de violência]

Eles batem. Batem. Não pode nem fumar um cigarro, nem nada [rindo], tem que ficar parado, quieto, cabeça baixa, daí isso daí não rola, não gostei não.

Apesar de dizer não ter sofrido violência, logo em seguida conta sobre o porquê de não querer voltar a estar na Fundação CASA. Lá João foi submetido à violência física e moral. Sabe o que não quer para si, pois está além dos limites aceitáveis, não gostou e não quer voltar a viver situações semelhantes.

Ri enquanto fala de coisas desagradáveis, terríveis. O riso pode ser uma forma de amenizar o peso do conteúdo daquilo de que fala.

I. Trajetória de vida

Infância

Curti muito, também. [...] Brinquei muito [na infância], isso eu não posso negar.

Apesar de a infância ter sido período em que soube de muitas coisas ruins a respeito do próprio pai, diz ter podido brincar e ser criança. Apesar de todas as dificuldades, João conta ter tido uma infância.

Momento atual

Só superação, só.

Adolescência. 14 anos só. Tenho muito pra viver ainda, pra aprender. Ainda curto, saio de vez em quando, vou pra balada, jogo bola, faço um monte de coisa.

Ah, [penso] em tudo que acontece, daí eu penso. As coisas que acontecem no dia a dia. [...] Da rua. Eu fico na rua o dia inteiro, jogo bola, tenho que ficar cuidando do meu irmão mais novo.

Tem responsabilidade grande de cuidar do irmão mais novo e, bastante jovem soube de muitas coisas, já viveu muito e com apenas quatorze anos já tem como lema e definição do momento atual de sua vida a palavra superação.

Sai, vai para a rua e joga bola, se diverte e faz muitas coisas. Imagina vida longa. Consegue ver e ter prazer na vida. As violências e mortes a que foi exposto não acabaram com sua vitalidade. A rua neste caso não é percebida apenas como ameaça e fonte de violência, mas como local de diversão e socialização.

Futuro

O futuro é o futuro. Não penso no futuro.

Não, só no presente.

Não sei, né, deixa a vida acontecer.

João diz não pensar na morte ou no futuro. Aprendeu a não ter expectativas.

Apesar de dizer que tem muito para viver, não vê futuro. Será que aprendeu a não pensar no futuro ou só viver o presente? É uma forma de reafirmar sua vida?

J. Falando de morte

Normal, né.

É interessante falar, é umas coisas diferentes, né, muita gente não fala sobre esse assunto.

Diferente. É bom.

[Se um diz quiser falar sobre o assunto morte falo] Com meus amigos.

Dentre os entrevistados João é o único que afirma considerar interessante e bom falar sobre a morte. Falar que é um assunto “normal” pode ser uma forma de não se comprometer a ter que se aprofundar ou discorrer mais, terminando a conversa, ou representa uma banalização da morte o que é mais perigoso.

Esta disposição para o tema pode também estar relacionada a uma tentativa ou desejo de superação de suas dores e sofrimentos passados e a um afastamento dos sentimentos desagradáveis como uma forma de sobrevivência.

Quando tem necessidade de compartilhar as questões de morte opta por falar com os amigos.

4.2.4 Entrevista com Carlos

[...] no momento que eu to assim, descansando, não to fazendo nada, aí bate aquele negócio sobre a morte.(Carlos)

Carlos tem dezoito anos.

De forma sucinta e objetiva falou de seus sentimentos relacionados à morte e de uma situação marcante que vivenciou, relacionada ao assunto. Ele fica triste quando pensa em morte.

Enquanto assistia tranquilamente televisão em sua casa ouviu barulhos de explosão. Não eram bombinhas, eram os tiros que assassinaram alguém em sua rua, distante apenas algumas casas.

Agora, quando relaxa antes de dormir pensa no assunto morte, no fim da vida, e fica triste.

Considera não ter passado por situação que envolvesse risco de vida, mas já sofreu violência física em brigas.

Apontou a violência como principal causa de morte de adolescentes e acredita que isso não possa ser alterado devido à grande facilidade em se adquirir armas de fogo.

Ter uma profissão e família são as metas para um futuro não muito distante.

- **Temas: as unidades de sentido**

A. A vida num fio de varal

Lá perto de casa teve [situação que envolvesse morte violenta].

Eu tava dentro de casa nesse dia, né, aí tava vendo televisão, aí eu ouvi um barulho. Minha mãe falou assim: ‘é bombinha’, eu falei: ‘acho que não é não’. Aí deu três disparos. Na hora que a gente saiu na rua já tava aquela multidão. Aí falou: ‘o [...]’¹³ morreu’. Aí os caras que mataram já estavam do outro lado. Aí ele morreu. Morreu dentro da casa da vizinha, desceu do lado, aí os caras desceram atrás dele e mataram ele. É assim, morreu. Acabou. [(com voz triste)].

Me disseram que ele tava roubando roupas no varal... Não [lembro de nenhuma outra situação], é que esse daí foi mais próximo de casa, foi há três ou quatro casas.

A vida sem valor, descartável, custa o preço de roupas penduradas no varal.

A morte fica sem sentido. Morreu, acabou. Não deixa nada e não leva nada. Diz “é assim” como quem diz que é assim mesmo que as coisas funcionam. Sente-se impotente, conformado. A morte violenta parece algo esperado, que ocorre com certa frequência. É a dor de uma ferida aberta que tenta esquecer, mas apesar de dizer que “acabou”, a tristeza fica presente em sua voz.

A pessoa que morreu tinha rosto e nome, tinha família e era conhecido dos moradores daquela rua. Forma-se uma multidão ao redor do corpo e aparentemente nada pode ser feito contra os assassinos, que estavam ali, “do outro lado”, na rua, na vizinhança.

De um lado a punição radical por um crime relativamente pequeno contra o patrimônio privado (roupa roubada no varal). De outro, a impunidade diante de um crime contra a vida.

A proximidade física da morte gera impacto. A cena relatada foi próxima de mais para conseguir esquecer.

¹³ Nome omitido para manter o sigilo.

B. Pensamentos, sentimentos e significados associados à morte

Já [pensei antes no assunto morte]. Penso na hora de dormir.

Ah, eu fico triste.

Sei lá, é no momento que eu to assim, descansando, não to fazendo nada, aí bate aquele negócio sobre a morte.

É o fim da vida, né, acaba tudo ali.

O assunto tratado na entrevista não foi novidade para Carlos. Conta pensar sobre a morte quando está descansando, na hora de dormir e quando não está ocupado. Pensar sobre a morte não parece ser escolha. É um pensamento que vem com força, bate, e o acomete.

Quando fala “negócio da morte” se refere a este grande evento da vida como comércio ou coisa?

Foi também num momento de desproteção e vulnerabilidade, enquanto descansava, vendo televisão em sua casa, que ocorreu o assassinato do rapaz numa casa vizinha à sua. E o barulho do que poderia ser apenas uma brincadeira (rojões ou bombinhas) se revela como uma tragédia – são tiros.

Uma suposição é a de que seus pensamentos envolvam o medo de ser pego desprevenido e levar um susto, ser surpreendido pela morte. Este medo pode ser pela sua perda ou de seus familiares, ser alvo de bala perdida ou de vingança por ações descuidadas. Medo de que sua vida também possa acabar repentinamente, extinguindo ali sua existência, acabando tudo.

O sentimento associado é de tristeza. Tem contato com seu mundo interno e é capaz de nomear o que sente. Foi exposto à interrupção brusca e repentina da vida. Isso o perturba, busca reflexões de compreensão e entendimento do que é muito difícil de entender.

C. Causas de morte de adolescentes

Violência.

De tiro, esses negócios. Quem mora na vila ouve isso, de tiro.

A partir de sua experiência de vida, daquilo que já viu ou ouviu, vê a violência como razão das mortes de adolescentes.

Relata que ouve tiros na região em que mora. Quando a explosão ocorreu muito perto, comprovou que do outro lado de um disparo há um corpo estendido no chão. Neste momento se sente como vítima oculta, sente a tristeza e a pancada da violência.

D. Impossibilidade de mudar a realidade e diminuir as mortes violentas

Acho que não tem como mudar não, morrer todo mundo vai morrer. Pode não ser por violência, mas [...]¹⁴.

Arma você encontra em qualquer lugar hoje em dia. É a coisa mais fácil. Acha em qualquer lugar.

Carlos não vê soluções para diminuir as mortes violentas de adolescentes.

Localiza na venda indiscriminada de armas o problema central relacionado ao assunto. Desta forma, aponta indiretamente uma saída: um maior controle na venda e no porte de armas para diminuir a violência.

É verdade que vamos todos morrer um dia, porém, com a violência, muitas mortes são antecipadas. Seu posicionamento, de achar que a realidade que não vai mudar lembra a impotência da multidão na rua diante da morte do rapaz. Supostamente os assassinos foram vistos, mas não foram denunciados e é aceito que seja assim mesmo. Sem limites, a violência se aproxima cada vez mais até que chegue sua vez? Possivelmente a sua tristeza se vincula a essa constatação.

¹⁴ Trecho de difícil compreensão na gravação.

E. Violência e risco de vida

Não, que eu saiba não. Acho que não [passei por situação que envolvesse risco de vida].

[Com relação à violência, já fui vítima] Só de briga, de arma não, sempre tem uns moleques que querem brigar, mas de arma acho que não.

Diz, sem muita certeza, não ter sido exposto à violência com arma ou a risco de morte. Não esclarece o porquê da dúvida, mas pode-se afirmar que foi vítima indireta, oculta, da morte violenta.

É vítima de violência física. Nas brigas de rua nunca se sabe se o oponente estará armado. Esta pode ser uma das razões para duvidar de que nunca tenha passado por situação que envolvesse risco de vida.

F. (Não) falando de morte

Não [falo com ninguém sobre morte], fica só para mim só.

[Se fosse para falar com alguém, quem seria?] Minha mãe, os pais.

Carlos fica triste quando pensa no assunto morte, mas não compartilha esse sentimento com ninguém, guardando-o para si.

Diz, ao final da entrevista, que se precisar falar com alguém sobre o assunto pode recorrer aos pais, à mãe principalmente. Pode então compartilhar com eles fatos tais como a morte do vizinho, mas compartilha os sentimentos?

Apesar de afirmar que não fala sobre morte, aceitou participar da pesquisa. Será que não precisa ou não quer falar sobre o assunto? Talvez falte oportunidade.

G. Momento atual de vida

To só na adolescência.

Eu saio aqui um pouco só, vou pra salão, pra festa.

To no mesmo lugar. Acho que vou ter que mudar, né. Criança é só brincadeira, só que com o tempo vai mudando. Depois adulto é outra coisa, família, trabalho.

Carlos associa criança à brincadeira, adolescentes à festa e adultos à família e trabalho.

Quando fala que está só na adolescência, demonstra que o peso da carga que carrega de morte e violência é muito forte.

De onde vem a demanda por mudar? Está com dezoito anos, em breve vai deixar de estar sob a tutela do Estatuto da Criança e do Adolescente. Talvez tenha como medida judiciária executar alguma prestação de serviço. Ter que executar um trabalho – ter responsabilidade - muda, faz sair de onde está? Será que isso o assusta?

H. Futuro

Trabalhar, família e profissão. Comprar casa...

Daqui a cinco anos, não, vou estar novo. Vou estar com menos que vinte, vinte e dois anos, vou estar novo, acho que eu vou ter família só com uns trinta (tem 17).

No futuro, quer se tornar adulto. Quer trabalhar, ter família e comprar uma casa. Não especifica qual profissão e qual carreira quer seguir.

Em cinco anos acha que vai ainda estar novo para concretizar o futuro bem distante que visualiza. Vai estar com vinte e poucos anos e quer que esse futuro chegue apenas quando estiver com trinta anos de idade. Vai poder brincar e sair um pouco mais até vir a mudar.

4.2.5 Entrevista com Diego

[...] eu sinto até falta daquele tempo que eu roubava, mas às vezes eu para e penso 'não, não vou roubar não'. Melhor ficar assim... Qualquer hora eu vou arrumar um trampo, e vou ficar suave. (Diego)

Diego foi preso em uma de suas fugas, após perseguição policial. Passou pelas Unidades de Atendimento Inicial e de Internação Provisória e Pela Fundação CASA antes de cumprir medida de Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade.

Já havia roubado outras vezes, mas foi a primeira vez que foi pego. Agora diz estar “sossegado” e afirma querer continuar assim, apesar de ter saudades dos tempos em que roubava, da adrenalina e da fuga. Quer conseguir um emprego e ficar “suave”, mas acredita que caso apareça uma oportunidade grande, possivelmente não vá resistir.

Conta sobre seus episódios de fuga, de “pegar e sair correndo”, com orgulho e emoção e demonstra frustração por não conseguir mais roubar devido a um novo sentimento, o medo. Esse sentimento é o que, segundo ele, mudou de sua infância para a vida adulta, deixando seus feitos e fugas para o passado. Acredita que essa mudança tenha a ver com a atuação das profissionais que o atendem na casa de LA.

Fala da morte como sendo algo muito ruim. Conta duas situações pelas quais passou e que envolveram a morte. Uma foi a morte de um amigo seu. Ver o amigo no caixão é algo que o perturba muito, trazendo lembranças, pensamentos e até o choro. Outra cena é de um menor que foi baleado e morreu durante um assalto do qual participou.

Demonstrou ter grande necessidade de falar sobre o assunto morte, por tudo que sentiu quando viu o amigo no caixão. No entanto, disse que não fala sobre seus sentimentos com relação à morte com as pessoas, prefere ficar só, quieto e pensativo.

Para diminuir o número de mortes na adolescência propõe que não existam mais armas, que se acabe com o tráfico e, conseqüentemente, que ocorram apenas mortes naturais e que as pessoas vivam mais tempo.

Para o futuro, quer mudar para melhor, além do que já ocorreu. Quer conseguir um emprego estável e sua maior aspiração é ser registrado. Em dez anos pretende continuar

trabalhando, tendo bons momentos com a família e amigos e fazendo festas para relembrar o passado.

- **Temas: as unidades de sentido**

A. Infância

Ia pra salão, subia nos ônibus, ficava surfando, estourava vidro do ônibus, altos bagulhos, só que eu era coisa ruim, né, tem as boas também.

A infância de Diego associa risco ao lazer. Reconhece que algumas de suas ações eram prejudiciais, enquanto outras eram boas. Surfar no ônibus e quebrar o vidro deste parece ser uma aventura valorizada em seu grupo social. Sua socialização se deu num contexto de violência.

B Momento atual

Nesse momento. Ah, eu tô bem, mano, tô bem. Mas às vezes eu sinto até falta daquele tempo que eu roubava, mas às vezes eu paro e penso 'não, não vou roubar não'. Melhor ficar assim... Qualquer hora eu vou arrumar um trampo¹⁵, e vou ficar suave.

Hoje em dia eu tô sossegado.

Às vezes eu penso que adulto, eu estou numa fase de crescimento, eu gosto de ser criança às vezes, eu dou muita risada. Aí eu não sei se eu estou na vida adulta ou criança.

No momento atual, de sossego, transita entre a infância e a vida adulta e entre o desejo de roubar e de trabalhar. Conseguir um emprego é uma forma de continuar suave. Apesar de se sentir bem neste estado, há elementos do contexto da época em que roubava que lhe fazem falta, mas já não consegue agir de forma irrefletida como na infância.

¹⁵ Emprego.

C. Futuro

Ah, tomara que seja pra melhor... Eu tô outra pessoa. Tomara que pra mudar, mais do que eu já estou.

Se eu arrumasse um trampo estável pra mim tava à pampa, seja do que fosse, se fosse registrado, pra mim tava bom.

Daqui a dez anos. Ah, a mesma coisa. Trabalhando... Chegando em casa, ficar com a família, se divertir também com os amigos, fazer uma festinha de vez em quando, que é bom, pra lembrar os velhos tempos... Assim.

É que quando agente ficar velho agente quer lembrar sempre, agente vai sentir saudades do tempo em que nós era menor, uns quinze anos, assim.

Diego quer mudar ainda mais, para melhor, no futuro. Reconhece que já mudou muito, e quer continuar nesse processo.

Sua maior pretensão é conseguir um trabalho no qual seja registrado. Em sua fala está presente a falta de qualificação e de aspirações profissionais. Não é ele quem escolhe o trabalho. Trabalha no que tiver oportunidade, não importando a área. O trabalho, assim, não é visto como uma possibilidade de exercício de função prazerosa que seja dignificante e contribua para a construção de sua identidade, ficando restrito à sobrevivência através do dinheiro. O fato de querer um emprego registrado mostra preferir ter algumas garantias e direitos trabalhistas, mesmo que ganhe menos. Nesta fase da vida quer e necessita de seguranças.

Diego pensa em seu futuro. Além de trabalhar, projeta uma continuidade do que já está construindo. Valoriza os laços sociais e a família. Já tem saudades do passado, afinal, mudou, e já não experimenta as mesmas aventuras. Vai querer lembrar seu passado e os velhos tempos.

D. Cumplicidade e amizade

[...] aí vieram meus amigos, saí correndo lá pra frente, aí voltei pra trás. Tudo o que eu corri eu voltei.

Diego não deixa os amigos para trás quando fogia dos policiais para não ser preso. Cumplicidade e amizade são valores importantes e merecem destaque, pois contrariam a ordem individualista do “cada um por si”. É preso junto ao grupo, que permanece coeso e unido. O grupo tem forte papel de referência na socialização, na entrada no mundo adulto e na assunção de novos papéis.

E. Adrenalina, fuga, celular e dinheiro

Às vezes até me assusta aquele, a pessoa com celular, com dinheiro, você vai ficar tentado com aquela coisa, aí vai ter que catar aquela mulher ou aquele cara, aí sair correndo, que a briga é dura também.

É muita adrenalina, você vê uma pessoa correndo atrás de você, você olha pra trás, corre mais ainda, passar no meio de uma avenida, ficar cara a cara com um motoqueiro.

Que vem muita gente que vai de carro atrás de nós, aí veio o comando da polícia armada, aí passaram dois motoqueiros, veio até mendigo atrás de nós, num dia.

A tentação de possuir coisas leva a “ter” que roubar. A responsabilidade pelo assalto fica no outro, por possuir um objeto de desejo que não é compartilhado. Só um dos dois pode possuir o objeto, e Diego quer possuí-lo. O que o assusta? A ostentação do outro, que carrega símbolos de poder? É o contraste ou a desigualdade que o levam a se definir pela negação? Será a tentação que sente de inverter essa situação?

Talvez o que o assuste seja a consequência do ato criminal, a prisão, mas o momento de fuga é um momento de glória, apesar da exposição e do risco. Os fugitivos são o centro das atenções, mobilizam uma parcela significativa da população, inclusive o mendigo, que representa o ápice da exclusão social, mas que, ao viver à margem da sociedade, é diferente do ladrão, que luta para se inserir nos padrões de consumo.

Por outro lado, muitas vezes a adrenalina parece ser mais importante que os ganhos materiais envolvidos no roubo.

Comumente ouvimos na mídia relatos das pessoas que são assaltadas, mas não ouvimos o outro lado. Esse relato traz uma perspectiva raramente revelada, daquele que comete o ato infracional, suas emoções envolvidas, as perdas e os ganhos.

F. Cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

Antigamente eu ainda conseguia roubar. Antigamente.

Hoje não, hoje em dia eu tentei ir, mas dava aquele medo, sabe.

[...] tô sentindo medo, acho que deve ser esse negócio que eu venho aqui, fico falando, esses atendimentos aí, essas mulheres aqui entram na nossa mente, que não serve nem pra roubar.

Melhor ficar aqui... A não ser se aparecer uma fitinha grande, às vezes o coração até atende, posso até ir. Mas acho que se continuar do jeito que está aqui, não vou mais não.

Diego tentou voltar a roubar, mas não conseguiu. Houve mudanças em sua vida. Agora passou a sentir medo. De ser preso? De morrer?

Associa este sentimento à atuação das orientadoras sociais da casa de Liberdade Assistida que entram em sua mente tornando-a desadaptada ao roubo e à antiga realidade.

Acredita que uma oportunidade de assalto muito lucrativa possa convencê-lo a se arriscar novamente, saindo do estado de sossego, e ultrapassando as barreiras do medo, mas se as coisas continuarem como estão, prefere ficar no sossego.

G. Violência

Se já fui vítima, já, já fui vítima sim. Quando era pequeno apanhava, quando é pequeno assim na escola, sabe como é isso, quando é pequeno sempre tem situações, aí você cresce, ninguém meche mais. É isso.

[...] aí o taxista me pegou, me deu uns murros, eu também dei nele... aí saí correndo e aí fui pro ponto, ele nem ia querer me render, só queria só dar uns toques, por que tem muita gangue aí na [...]’¹⁶, muita mesmo, que vai aí e toma uns porres.

Diego relata ter apanhado em sua infância por ser pequeno. Depois que cresceu deixaram de perturbá-lo. Aparentemente apresenta esta situação como algo natural e inevitável, com a qual se conformou, mas a violência sempre deixa marcas e ele guarda a lembrança daquilo que sofreu.

Na fuga de um assalto também relata situações de violência. Em relação ao encontro com o taxista, sua fala denota aceitação, como se ele compreendesse o papel do taxista de querer lhe dar “uns toques”, mas vencer a batalha contra ele aumenta a glória de sua fuga.

H. Morte

O que eu acho: ruim, muito ruim, pra mim, não é bom a morte, ver uma pessoa morta no caixão.

Pra mim... Ninguém gosta da morte... Não sei te dizer também, só sei que ela é ruim.

É que às vezes é ruim falar disso daí, de morte, fica pensando altos bagulhos.

Eu quero é ficar bem longe.

Para Diego, falar de morte é ruim porque traz lembranças e pensamentos. Há cenas que ficaram gravadas em sua memória que lhe trazem sentimento de tristeza.

Quer, nesse momento, afastar-se da morte. Provavelmente por isso não esteja conseguindo roubar mais, sente medo, porque o roubo e os assaltos estão associados à possibilidade de morrer.

¹⁶ Nome omitido para manter o sigilo.

I. Testemunhos

Uma vez eu fui num enterro de um amigo meu, cheguei em casa e não consegui dormir, fiquei pensando nele, toda hora vinha ele no meu pensamento, assim, caixão, e aí, teve uma hora que eu tava deitado na cama e pulou logo um gato na minha cara, eu virei assustado fazendo assim [movimento de puxar as cobertas] e fechei o olho. Aí, minha mãe tinha um gato na minha casa e voou na minha cara, eu tomei o maior susto e tava só, com a cabeça a mil pensando nos bagulhos. Aí eu pulei, fui lá do lado da minha mãe, abracei ela, aí ela acordou, contei pra ela do sustão... Foi isso.

Já teve um menino que morreu comigo, um mano, quando eu fui roubar. Eu tinha feito uma cena lá dentro, aí eles roubaram, o cara deu um tiro no menor que tava com ele. Aí o menor morreu. Ele tomou tiro também, ele e outro cara, e até hoje ele tá aí, ele nunca foi preso, já passou por vários bagulhos. A polícia já chegou a colocar soco na cara dele... Passou vários bagulhos. Depois ver ele crescendo, esse bagulhos, e hoje está aí, mó forte, vai ser pai. Eu gosto dele pra caramba.

Após ver a cena do amigo morto no caixão, fica pensativo. Na sua casa, não consegue dormir e fica lembrando da cena. O gato traz o susto e a morbidez, mas o acolhimento e afeto da mãe parecem trazê-lo de volta para casa, para a vida.

A morte violenta do amigo da sua idade traz a vulnerabilidade, o medo e a lembrança. Por outro lado, fica emocionado de acompanhar a sobrevivência de outro amigo, que superou a exposição a diversos riscos e vai ser pai.

J. Falando de morte

Não, eu fico quieto... Eu fico sozinho... Aí fico pensando... Mas falar é ruim.

Ah, eu senti muito, que ia ver ele lá no caixão, porque na hora você vê uma pessoa que você gosta muito morta no caixão, bate vários pensamentos, o que vocês já passaram juntos, tem uma cena que vocês fizeram, que vai passar pela sua cabeça... Se vai ver ele ali, no caixão ali, pode até chorar... Aí, acho que é isso.

Por ser muito doloroso, falar sobre morte é evitado. Enquanto fica sozinho, quieto, porém, a mente fica trabalhando, pensando no assunto.

Quando foi aberto espaço para falar sobre morte na entrevista, Diego aproveita a oportunidade e fala sobre seus sentimentos e compartilha aquilo que pensa quando está sozinho: são lembranças relacionadas ao amigo que morreu, aquilo que viveram juntos, os momentos em que se arriscaram juntos. A lembrança viva contrasta com a cena inerte do caixão. Fala da vontade que pode sentir de chorar.

A vida do crime tem aventura e adrenalina, mas resulta em perdas e morte.

K. Por que morrem os adolescentes?

Ah, porque começa na vida do crime cedo, começa a ir pra bandidagem cedo, começa a usar droga cedo, aí começa a roubar, às vezes vai fazer um assalto e acaba morrendo também... Sei lá. Sempre tem menor que vai roubar...

De acordo com Diego, há um ciclo de violência que leva à morte dos jovens. Este ciclo inclui o crime e o abuso de drogas. Ele sabe que no assalto pode haver mortes. Os “menores” talvez não sejam tão conscientes dos limites. Apesar de imaginarem os riscos, ainda não têm a vivência concreta que Diego foi levado a ter.

L. Soluções para diminuir o índice de mortes na adolescência

Sei lá, se não tivesse arma. Se não tivesse arma, acho que ia diminuir, não ia ser assim não. Não ia ter tráfico... Não ia ter morte... Morte ia ter, mas natural, né. Nós ia viver até mais tempo.

A arma de fogo é o principal símbolo da violência humana. A existência das armas aumenta a letalidade dos conflitos. Assim, se elas não existissem iriam diminuir os índices

de morte de adolescentes. Sem a antecipação da morte pela violência, a morte tem a possibilidade de acontecer de forma natural, e a vida pode durar mais tempo.

5 DISCUSSÃO: TEMAS CENTRAIS E SUAS IMPLICAÇÕES

Nessa discussão, os temas das entrevistas estão reunidos em seis eixos: **6.1 Valores: polaridades**, que trata da moral e dos valores dos jovens, bem como daquilo que é considerado importante para eles, mas que apresentam aspectos positivos e negativos em situações variadas de suas vidas; **6.2 Trajetórias de vida**, que aborda as experiências da infância, o significado do momento atual, e as projeções para o futuro; **6.3 Conflito com a lei**, que abrange desde o ato infracional até o cumprimento de medida socioeducativa; **6.4 Violência**, que discute as várias violências a que estiveram expostos; **6.5 Morte**, que trata das vivências relacionadas ao tema, riscos e testemunhos; e **6.6 Reflexões sobre a morte na adolescência**, que discute as causas e as soluções apontadas pelos jovens.

5.1 Valores: polaridades

O termo polaridade designa, aqui, os opostos complementares presentes nas contradições dos depoimentos. Há valores que, em determinados momentos da vida dos jovens, têm conotações positivas e, em outros, por razões variadas, são avaliados de forma negativa.

De acordo com o pensamento filosófico, valores são conjuntos de referenciais que norteiam as ações de um indivíduo dentro de um grupo social num dado contexto histórico.

Do ponto de vista dos valores, a ética exprime a maneira como a cultura e a sociedade definem para si mesmas o que julgam ser a violência e o crime, o mal e o vício e, como contrapartida, o que consideram ser o bem e a virtude. Por realizar-se como relação intersubjetiva e social, a ética não é alheia ou indiferente às condições históricas e políticas, econômicas e culturais da ação moral. (CHAUI, 1999, p. 338).

Desde a segunda metade de século XX, as rápidas mudanças sociais, tecnológicas e culturais têm trazido transformações nos valores; tanto a intensificação do individualismo e

do consumo como a presentificação e a aceleração do tempo vivido são exemplos dessas mudanças em escala global, que romperam com o universo disciplinar tradicional.

Paradoxalmente, a conquista da liberdade pela quebra das estruturas tradicionais de sentido traz consigo o peso da escolha e o medo do trágico da existência. Lipovetsky (2004, p.84) chama de hipermodernidade o momento atual, quando “[...] Deixado a si, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência”.

Os jovens entrevistados transitam entre a afirmação de valores universais, como o direito à vida, e valores caros à sobrevivência num contexto violento, em que a inclusão se dá pela exclusão e o risco moderno de autorrealização, posta como responsabilidade individual, é intensificado pelo risco concreto e constante de morte.

Vicentin (2005, p.203) cita o estudo de Isa Guará (2000) sobre os “dilemas morais” vividos pelos adolecentes em conflito com a lei. Segundo Guará, seus referenciais de ação situam-se em duas ordens morais: “[...] a da ética do trabalho, definida pela comunidade e família pobre, e a do código e exigências do mundo da criminalidade” e encenam suas vidas como “porta-vozes dos dramas e das contradições sociais”. Dessa forma, norteiam suas ações por “padrões morais que convivem com contradições e conflitos” (NOGUCHI, 2006, p.88).

Apresento, a seguir, as falas dos colaboradores que ilustram as polaridades opostas relacionadas aos valores dados ao grupo, à amizade, à família, ao estudo, ao trabalho, ao dinheiro e aos bens materiais, e presentes nas “leis” que regem a vida e a morte.

Grupo e amizade

Em todos os relatos, aparece a importância que o grupo de amigos tem em suas vidas. A amizade é apresentada sempre como valor positivo, mas, no caso da gangue, quando um de seus membros quer deixar de fazer parte dela, pode representar uma ameaça:

Aí eu subi num ônibus, pra poder pular, para os policiais não me pegarem, mas os moleques ficaram com medo de pular, daí, eu não ia deixar eles. (Bruno)

A minha vida era ficar andando junto com as outras pessoas. A gente assaltava, a gente roubava, a gente fazia aquelas gangues, a gente fazia tudo o que você imaginar. Tudo por terrorismo. Tudo por terrorismo. Hoje, para o grupo eu sou 'Zé Povinho'¹⁷, eu posso contar o que a gente já fez, entendeu. (Letícia)

A polaridade mais forte em relação ao grupo é de força e união, companheirismo e cumplicidade; como uma questão de honra, os jovens renunciam à liberdade individual para serem presos junto aos companheiros de infrações.

No grupo, fazem suas descobertas sobre a vida: o funcionamento das periferias, a exclusão social e as leis do crime. A fidelidade, a amizade e a coesão grupal são, nesse caso, mais fortes que a individualidade.

O sentido de suas ações é dado pelo grupo e depende do reconhecimento do outro; no reconhecimento mútuo, constituem suas identidades, desafiando a ordem estabelecida, o risco de morte e a polícia.

Segundo Calligaris (2000), a formação de grupos de iguais, na adolescência, faz parte da constituição da identidade. Para o autor, é imposto ao adolescente um período de moratória: tempo de espera antes de ter a liberdade, o poder e as responsabilidades dos adultos. A moratória seria causa de revolta, pois, apesar da potência e das condições para exercer as tarefas valorizadas pela sociedade para chegar à felicidade, o adolescente não obtém dos adultos o desejado reconhecimento como igual. Em decorrência disso, formam grupos compostos de jovens da mesma idade como forma de se bastarem. O reconhecimento vem da transgressão.

No outro extremo, está o aprisionamento ao grupo, a impossibilidade de mudar ou de querer deixar de ser membro dele. Quando o jovem faz parte de uma gangue e presencia crimes e ilegalidades, ao sair, pode ser visto como um potencial delator. Noguchi (2006) estuda o universo moral e as relações de poder entre os adolescentes internos na FEBEM, atual Fundação CASA; de acordo com os relatos, a delação é punida com violência e, às

¹⁷ Delator.

vezes, com a morte, e por isso alguns internos ficam reclusos no “Seguro”, espaço onde ficam separados dos demais.

Família

Quando falam sobre família, em geral, os jovens se referem às mães; na maioria das vezes, elas representam acolhimento e proteção, mas há casos em que representam acusação e angústia:

Aí, minha mãe tinha um gato na minha casa e voou na minha cara, eu tomei o maior susto e tava só, com a cabeça a mil pensando nos bagulhos. Aí eu pulei, fui lá do lado da minha mãe, abracei ela, aí ela acordou, contei pra ela do sustão. (Diego).

Às vezes em casa antes de dormir eu fico agonizando, minha mãe acha que é abstinência por causa da droga, pra ela, a mente dela é essa e ninguém muda. Só que eu não vou falar ‘mãe, eu tava lá no meu canto na balada, um menino caiu morto do meu lado e eu sonho com ele à noite. E eu vou fazer o quê? Eu agonizo’. (Letícia).

O carinho materno muitas vezes apazigua a angústia desses jovens. Noguchi (2006) aponta o quanto as mães são vistas como sagradas dentro da antiga FEBEM; elas permanecem ao lado do filho em qualquer situação, por mais adversa que seja.

Na outra polaridade, a família é palco da incompreensão e da impossibilidade de compartilhar o sofrimento e de receber o desejado acolhimento; uma vez rompida a confiança, ocorrem a falta de comunicação e de troca, e a dificuldade de aceitação de mudanças, ou seja, a estigmatização.

Referem-se, também, a familiares queridos que são assassinados injustamente em “tretas”¹⁸, e a outros que são punidos pelo que definem como “a lei” do “olho por olho, dente por dente”, como o caso de um pai, matador, que foi morto por vingança.

¹⁸ Brigas.

Estudo

Estudar é considerado algo positivo, valorizado socialmente, mas a escola não exerce atração:

Ichi, agora to mais de boa. Voltei a estudar, tô agora estudando.
(Bruno).

Estudar, sabe, eu odeio escola. Sinceramente eu não gosto de escola. Eu to indo, né. Eu parei esse ano, mas eu vou ter que terminar, falta um ano, que eu vou ter que fazer. E eu já vou logo fazendo faculdade. Eu morro de vontade. É igual escola... (Letícia)

Os entrevistados estavam fora da escola antes de cumprir a medida, mas valorizam o estímulo e a ajuda que recebem na Casa de Liberdade Assistida para voltarem a estudar.

A escola está associada a um futuro melhor, à possibilidade de sair do crime e conquistar, com o próprio esforço e trabalho, os bens materiais que desejam. Consequentemente, frequentá-la significa a possibilidade de inserção num mundo “mais regular” e de ficar menos exposto ao risco de morte.

Em pesquisa com jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, a Fundação Telefônica (2008) apresenta dados quantitativos que apontam para a mesma direção:

Observa-se a influência da organização de atendimento para a inserção e/ou manutenção do jovem na escola, tendo em vista que 91% dos jovens afirmam que a organização onde cumpriram a medida socioeducativa em meio aberto ajudou-os a se manterem na escola e 85,9% afirmam que a mesma organização os ajudou a voltar para a escola no período em que cumpriam a medida. (p. 172).

Por outro lado, há que se pensar nas razões que levam à evasão escolar. Caldeira (2000) afirma que o acesso à educação foi ampliado, mas a custo da diminuição da qualidade do ensino e dos salários pagos aos professores. Dados da Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo (SEMPLA, 2007) mostram que, em 2000, entre 25% e 35% dos jovens entre 15 e 19 anos moradores das periferias sul, leste e norte não estudavam nem trabalhavam. Em 2005, a taxa de abandono dos alunos do Ensino Médio da rede pública foi

24 vezes maior que na rede privada. Estes dados revelam que a escola pública não oferece atrativos para parcela significativa de alunos.

Apesar de o papel de educar não ser exclusivo da escola, é sua principal função; para educar, não basta transmitir conhecimento, é necessário levar em consideração as experiências de vida do aluno, suas necessidades e aquilo que é necessário para que ele chegue aos conhecimentos acumulados pela humanidade.

Pensar em cálculos aritméticos não deve ser fácil quando há questões emocionais para serem resolvidas e quando a violência está próxima, colocando em risco a própria vida ou tirando a vida de amigos e familiares. A escola não pode desconsiderar o contexto no qual está inserida.

Nesse sentido, CASTRO *et al* (2001), investigando formas bem-sucedidas de combate à violência e resgate da cidadania através da cultura, propõe, como diretriz:

Investir nos projetos político-pedagógicos e curriculares da rede pública, visando a um modelo de educação oficial mais integrador e que seja compatível com as necessidades da formação geral das diversas juventudes contemporâneas. (CASTRO *et al*, 2001, p. 528).

A aproximação entre escola e comunidade possibilita lidar com as situações adversas de forma mais articulada e politizada, auxiliando alunos a se conscientizarem do lugar que ocupam socialmente e das relações sociais que os afetam direta e indiretamente; é importante, também, valorizar a cultura local.

[...] A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, votada em dezembro de 1996, desenvolveu mais amplamente essa ideia da importância de uma tomada de consciência relativa ao caráter histórico pluricultural que esteve na base da formação da nação. (PERALVA, 2000, p. 41).

Pode também estar relacionado à evasão escolar o fato de o diploma não mais representar garantia de emprego e ascensão social, porque são requisitadas cada vez mais qualificações, e a competitividade é maior:

Os jovens reconhecem a dificuldade de acesso ao trabalho especialmente devido aos requisitos quanto à escolaridade, ou seja, à tendência de o

mercado exigir níveis cada vez mais elevados de escolaridade para atividades as mais diversas, muitas das quais que em outros tempos não apresentavam tal exigência [...]. (CASTRO *et al*, idem, p. 51).

Outra razão para que os jovens não se identifiquem com a escola é a exposição intensa ao risco, inclusive de morte, tornando mais urgente viver intensamente o presente do que estudar para um futuro incerto. Um dos três jovens do Morro da Previdência, no Rio de Janeiro, entregues, por policiais militares, ao morro rival, onde foram torturados e assassinados, dizia aos conhecidos que não estudava porque não queria “carregar letras no caixão” (DANTAS, 22 jun 2008).

Trabalho

Em relação ao trabalho, os jovens comentam:

Se eu arrumasse um trampo estável pra mim tava à pampa, seja do que fosse, se fosse registrado, para mim tava bom. (Diego).

A falta de empregos. Muita gente sai pra roubar aí por causa que não tem emprego. Tá difícil emprego. (João)

Todos os colaboradores falaram sobre a importância de trabalhar, e relataram estar trabalhando ou procurando emprego, sem especificar o tipo de atividade; um disse querer trabalhar com o que gosta.

A expectativa é conseguir um emprego registrado, que lhes garanta o dinheiro para a sobrevivência. Assim, o trabalho não é visto como possibilidade para o exercício de uma função dignificante e que possa contribuir para a construção da identidade.

Os mesmos resultados foram obtidos por Castro:

[...] observam-se referências dos jovens ao trabalho como elemento que contribui para desenvolver o senso de responsabilidade, inclusive no que se refere ao uso do dinheiro, como lidar com ele, *dá direção na vida*. Porém, em nenhum momento mencionam o trabalho como canal para a realização de talentos e potencialidades individuais, como fonte de

satisfação pessoal, nem como meio pelo qual são construídas suas próprias identidades e são capazes de atuar sobre o mundo em que vivem. (CASTRO *et al*, 2001, p. 47).

Bombardi (2008) afirma que 34% dos que cumprem medida socioeducativa em meio aberto trabalhavam antes da medida, sendo que 13% tinham registro em carteira. As principais ocupações citadas foram as de ajudante, 36%; ajudante de pedreiro, 10%; ajudante geral, 9%; trabalhamos manuais, 18%; entregador, 9%; e vendedor, 8%.

Apesar de o ECA defender que crianças e adolescentes apenas estudem, jovens pobres parecem não ter essa opção, porque têm de contribuir com a renda doméstica, além de serem seduzidos pelo consumo.

A pressão por recursos, ainda que para comprar o que parece supérfluo, é parte da agenda de adolescentes de todas as classes sociais (roupas, cosméticos, lazer) e tem de ser atacada de duas formas: tentando contribuir para uma rediscussão dos valores envolvidos e viabilizando o acesso a atividades não criminosas que possam gerar renda. (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2008, p. 195).

Considerando esse contexto, deve-se favorecer a inserção dos jovens no mercado de trabalho, fomentando políticas públicas que ampliem o número de vagas.

[...] é um dado a participação dos jovens brasileiros na população economicamente ativa (PEA) – como empregados ou desempregados em busca de trabalho. No Brasil, a PEA de 15 a 24 anos correspondia, em 1995, a 65,2% dessa faixa etária, representando 18,8 milhões de jovens. Portanto, haveria que partir dessa realidade, do momento atual (o que não corresponde a uma situação ideal) – a necessidade de fontes de sobrevivência de grande parte da população jovem e de familiares que do seu trabalho dependem – quer no sentido de minimizar os atritos entre participação no mercado de trabalho e o investimento educacional a longo prazo, quer no plano de mais investir na qualificação desses jovens. (CASTRO *et al*, 2001, p. 44).

A SEMPLA (2007) traz dados que mostram que a maioria dos desempregados encontra-se na faixa entre 18 e 24 anos e são moradores da periferia:

[...] a variável regional mostra uma piora importante à medida que o foco se desloca de regiões mais centrais para as áreas periféricas da cidade. Sobrepondo essas dimensões, tem-se um quadro alarmante referente ao jovem de periferia: nas regiões norte 2 e leste 2, as taxas de desemprego

entre os jovens ultrapassam o patamar de 25%, muito superior à taxa de desemprego geral do município. (p. 59).

Por um lado, a falta de empregos é um fenômeno estrutural, que advém da mecanização da mão-de-obra e do interesse econômico em manter um excedente de desempregados em espera para substituir os que ocupam cargos, e para manter estes últimos com medo de demissão, aceitando baixos salários; concomitantemente, enquanto os empregos com registro em carteira, com garantias e benefícios, diminuem em proporção, aumenta o número de trabalhadores autônomos, sem garantias.

Por outro lado, Castro aponta as dificuldades relacionadas à competitividade do mercado e o preconceito encontradas pelos jovens quando buscam emprego:

As principais delas seriam, de acordo com discursos de diversos entrevistados: a exigência do 2º grau e de conhecimentos de informática; o fato de os jovens não estudarem em escolas que os preparem para a competição do mercado; a discriminação por residirem em comunidades periféricas, o que limitaria suas oportunidades. O preconceito racial também seria percebido por muitos como um obstáculo imposto aos jovens. Noutros casos, o envolvimento do jovem com a violência e a criminalidade seria destacado como um dos maiores impedimentos à sua inserção no mercado de trabalho posto que, em diversas experiências, alguns beneficiários já cometeram pequenos delitos e esbarram na exigência do certificado de bons antecedentes para conseguir um emprego. (CASTRO *et al*, 2001, p. 50).

Se encontrar um emprego é difícil, manter-se trabalhando é um desafio e até mesmo um sacrifício; o desafio é o de esperar, contando os dias para que chegue o final do mês e apenas aí receber o salário, muito diferente do que ocorre no tráfico ou no assalto. Assim, o dinheiro “fácil” pode seduzir.

Da crônica “Tá osso”, do livro *Vozes e Olhares*, da Fundação Telefônica (2008), reproduzimos as palavras de um jovem: “Vem fácil, vai fácil. Não é que nem se você trabalha o mês inteiro e, no final, tem seu dinheiro que, pra gastar um real, até dói. O que você ganha num mês, eu ganhava num dia” (p.26).

Dinheiro e bens materiais

Dinheiro e bens materiais são, ao mesmo tempo, desejados e temidos:

Eu quero muito, assim mesmo, conquistado por mim. Eu quero tudo comprado. (Letícia)

[...]o ser humano é louco por dinheiro, eu mato você pelo dinheiro, eu bato em você pelo dinheiro, é louco pelo dinheiro. (Letícia)

Vimos, no item anterior, como o dinheiro e a posse de bens de consumo são importantes na vida dos jovens, perspectiva coerente com a sociedade de consumo com grande oferta de produtos, amplamente difundidos via propaganda.

Continuamente somos bombardeados por mensagens de compre: a roupa da moda, o último modelo daquele eletrodoméstico, o novo aparelho eletrônico, o carro mais confortável ou potente, o curso de atualização profissional, o melhor plano de saúde, o título de capitalização mais rentável etc. (ROMAN, 2007, p. 7).

Os meios para conquistar esses bens podem ser lícitos, comprados com o dinheiro ganho no trabalho, ou ilícitos, roubados. O esforço para conseguir dinheiro com o trabalho é grande, e a tentação para roubar chega até a assustá-los. São duas vias que se cruzam: a de conquistar as coisas com a submissão ao trabalho, e o risco, a intensidade, a tentação e a adrenalina envolvidos no roubo.

Ao mesmo tempo em que os bens são desejados, no presente e para o futuro, também são percebidos como perigo. O ser humano, “louco por dinheiro”, pode chegar a matar, e o desejo de consumo pode levar ao crime. Estaria aí presente a “objetificação” das relações humanas, do ter para ser?

Roman (2007) aborda detalhadamente a questão do fetiche da mercadoria. O ser humano, para ter valor, tem que possuir objetos que devolvam-lhe as características humanas:

[...] A equação que se anuncia é entre valor de alguém e poder renovado de propriedade: tem valor quem sempre pode ter objetos valorizados [...] o valor relativo do objeto atribui valor a seu portador. Portanto, nessa relação entre sujeito e objeto, o valor está primordialmente relacionado ao objeto, que em relação com outros objetos, tem seu valor relativizado e transferido ao sujeito. (p. 6).

Os fetiches, objetos mágicos capazes de enfeitiçar os seres humanos, interpõem-se até nas relações entre homens e mulheres. “[...] a ostentação da grife ou da mercadoria é quesito importante para sua aproximação em relação ao sexo oposto, para sua boa performance.” (idem).

Ganhar dinheiro fácil e possuir bens são valores sociais presentes na vida dos entrevistados, mas seus efeitos colaterais são o risco de prisão, tortura e morte. O que buscam com o dinheiro e os bens é valorizar-se, a fim de obter reconhecimento e respeito. É o que afirma Luciano, em entrevista concedida a Renato Fagundes, do *Jornal do Brasil*, quando Michael Jackson visitou a favela Santa Marta no Rio de Janeiro:

[...] Mais que um videocassete, mais que uma bicicleta... eu queria que as pessoas tivessem respeito... Eu queria mais ser respeitado do jeito que sou hoje do que ter uma bicicleta novinha. (JORNAL DO BRASIL, 11/02/1996 citado por PERALVA, 2000, p. 138).

Leis que regem a vida e a morte

Os jovens repetem frases que funcionam como leis e servem como proteção à vida ou como punição severa que leva à morte:

Ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém. (João)

[...] quem mata morre. [...] a partir do momento que você tá fazendo coisa errada, né, é caixão ou cadeira de rodas (João).

A primeira lei, de direito à vida e valorização dela, carrega um valor moral consolidado nas constituições de vários países e na Declaração Universal dos Direitos

Humanos, que em 2008 fez sessenta anos; no Artigo II desta Declaração, consta que “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.”¹⁹.

Em São Paulo, os índices de violência extrema, que leva à morte, ainda são altos. O desrespeito ao direito de viver é maior na periferia e faz parte do cotidiano dos jovens entrevistados, constantemente expostos a violências, mortes de pessoas próximas e sujeitos a perder a própria vida.

Quando desrespeitada a lei de direito à vida, na voz dos jovens, passam a vigorar a Lei de Causa e Consequência, a Lei de Talião, a do “olho por olho e dente por dente”.

Sem a mediação do Estado ou do Sistema Judiciário, cujos poderes não são considerados legítimos, por abuso ou ineficiência, a população recorre à vingança e à justiça particular, num ciclo de violência. (CALDEIRA, 2000)

As leis de vida e de morte falam da inevitabilidade de um destino ruim para quem comete atos infracionais e para quem mata, que é a morte ou a paraplegia, sendo que viver numa cadeira de rodas é considerado pior que morrer, pois a dependência envolve outra pessoa, que passa a ser responsável pelos cuidados relativos à sobrevivência do portador de necessidades especiais.

Numa moral heterônoma, vida e morte ficam polarizadas, não havendo mediação possível; por mais que sofram com as injustiças, os jovens reproduzem o mesmo julgamento retaliador de punição e vingança, e não questionam aquilo que apresentam como sendo “a lei”.

[...] As experiências de incerteza e contradição que vivenciam produzem também um discurso maniqueísta, próprio de uma moral heterônoma, linear e pouco flexível, que recorre sempre a polarizações — sangue bom/sangue ruim; ladrão/polícia; rico/pobre —, com base em um padrão radical de julgamento e de conduta. (GUARÁ, 2000, citado por VICENTIN, 2005, p. 204).

¹⁹ Declaração Universal dos Direitos Humanos, acessado em 21/04/2009 na página <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>

5.2 Trajetórias de vida

Os jovens entrevistados relatam que, na infância e na adolescência, passaram por muitas situações de risco, mas também tiveram experiências positivas e sensações prazerosas; gostariam de prolongar esse período, mas trabalhar torna-se necessário, e tanto as mortes presenciadas como o cumprimento de medida socioeducativa trazem mudanças em suas vidas.

Infância

Na infância, as brincadeiras, muitas vezes, eram perigosas:

La para salão, subia nos ônibus, ficava surfando, estourava vidro do ônibus, altos bagulhos, só que eu era coisa ruim, né, tem as boas também. (Diego).

Os colaboradores associam a infância à brincadeira, ao riso e ao laser; sentem saudades desse período bom. Para Winnicott (1975), brincar é o principal sinal de saúde de uma criança.

A despreocupação e as aventuras da infância são também associadas a coisas ruins, feitas sem pensar e sem medo: contravenções, desrespeito às leis, prisão e risco de vida. Um exemplo recorrente na infância dos colaboradores e que envolve de situação envolvendo risco é o surfe de ônibus, moda que surgiu no Rio de Janeiro na década de 1980, chegando rapidamente a São Paulo, onde perdurou por bastante tempo.

Peralva (2000) considera o surfe ferroviário uma forma de reação ao risco social. Surgido A autora aponta que, acostumados a viajar pendurados nas portas dos trens, constantemente lotados, jovens passaram a subir neles, desafiando a vida como forma de reação, controlando, assim, a incerteza do futuro e o risco de morte constante no contexto violento em que vivem.

[...] O sujeito assume a ideia de uma espécie de face a face com o risco. Mas nunca sozinho. Está sempre apoiado nos pares. E manifesta ao mesmo tempo uma revolta, ou procura mediante seus atos traduzir um protesto contra suas difíceis condições de vida, em geral, e contra os riscos específicos do trem, mais particularmente. (PERALVA, 2000, p. 167).

O surfe de ônibus tem, provavelmente, a mesma origem e o mesmo sentido que o surfe ferroviário. Bruno conta ter sido preso ao surfar em ônibus. Seus colegas tiveram medo de saltar para fugir, e ele, renunciou à fuga para ser preso junto a eles.

Com relação ao risco e a contravenção como principal opção de lazer, Minayo et al (1999) trazem dados referentes à pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro. Jovens cariocas foram entrevistados a respeito dos significados atribuídos à juventude, violência e cidadania. A pesquisa revela que a falta de acesso à cultura e ao lazer, assim como a exclusão dos bens de consumo, leva, muitas vezes, a uma socialização por meio da violência.

Apesar de a adolescência ser a faixa etária com os maiores índices de mortes por causas externas, segundo o levantamento feito por Peres, Cardia e Santos (2006), indicando que foi no grupo etário de 10 a 14 anos que ocorreu, proporcionalmente, o maior aumento de índices de violência fatal nos últimos vinte anos. Os colaboradores desta pesquisa passaram por riscos de vida quando estavam nesta faixa etária.

Adolescência

Os jovens desta pesquisa consideram estar na adolescência, mas tiveram já muitas experiências para as quais nem mesmo adultos têm preparo para viver:

Eu vi muita coisa já que não era pra ter visto, não era o tempo não. É. Eu comecei tudo muito cedo, fumar, namorar, ia pra escola, não ia pra escola. Ia para as baladas, com doze anos indo no salão, enganando minha mãe. Era pra eu estar com dezessete anos aí indo pra minha primeira balada. Com doze anos eu fui pra minha primeira balada, à noite, noitada. (Letícia).

A adolescência é avaliada pelos colaboradores como plena de intensidade, um período de “muita loucura”, de não se preocupar com nada, de ir a festas, salões e baladas, fumar, namorar, cabular aula, enganar os pais, jogar bola, participar de gangues, curtir.

Porém, junto aos prazeres, testemunharam precocemente cenas de violência para as quais não estavam preparados. Consideram ter muito para aprender com os mais velhos e a ensinar para os mais novos, revelando que a vida não é bonita como pode parecer ser.

Afirmam que transitam entre o universo dos adultos: trabalho, e o das crianças: brincadeira. Querem ainda “curtir” muito, mas as experiências que viveram deixaram marcas profundas e trouxeram mudanças.

A principal mudança é o medo causado pela proximidade da morte. À noite as lembranças emergem e as cenas traumáticas se repetem em suas mentes. O medo impede ou dificulta a realização de novos atos infracionais.

Todos estão cumprindo medida socioeducativa em meio aberto. Na casa de Liberdade Assistida recebem orientação e auxílio para voltarem a estudar e conseguirem trabalho. Alguns passaram por internação na Fundação CASA, o que, em todos os casos foi uma experiência traumática que não querem repetir.

O risco imaginado e o desafio cedem lugar à concretude da morte e à perda da invulnerabilidade. Os traumas, medos e a atuação dos técnicos da casa de LA fazem com que hoje estejam “mais de boa”, sossegados, avaliando as ações passadas e refletindo antes de agir, adquirindo o que chamam de uma “visão”. Mas a tentação de roubar ou de envolverem-se com o tráfico continua presente. Há dificuldade em conseguir emprego e o salário é baixo, aparecendo então as “fitinhas grandes”²⁰, com dinheiro “fácil” (que veremos adiante que não é tão fácil).

O contexto macro-social violento em que vivem se manifesta em suas biografias pessoais revelando:

[...] mutações, transformações da cultura, dos padrões de relações entre os humanos, da fragilidade dos vínculos amorosos, do modo de pensar, sentir, agir – estar no mundo – dos indivíduos, neste momento histórico. Revela o que é comum e o que é singular, o que permanece e o que flutua, o estrutural e o conjuntural. (TRASSI, 2006, p. 205)

²⁰ Oportunidades de roubo que sejam bastante lucrativas.

Devemos evitar enquadrar as experiências de vida desses jovens em qualquer patologia social, entendendo o que manifestam como revelação e denuncia deste contexto em que “[...] conflito e criminalidade, violência e protesto compõem, muitas vezes, fronteiras indiscerníveis” (VICENTIN, 2005, p. 19) e fazem parte de suas estratégias de sobrevivência e subjetivação.

“Trata-se de abordar os adolescentes autores de atos infracionais como um desafio social e não como um dano social.” (idem, p. 40). Ou seja, evitar focar o olhar nas faltas ou dificuldades, para observar os caminhos possíveis e as perspectivas de sair do aprisionamento de profecias auto-realizadoras.

Um exemplo de pesquisa com esse tipo de abordagem é o trabalho realizado por Castro *et al* (2001). Enfocando o cotidiano de jovens que vivem em bairros populares, pesquisador mostra que, apesar da restrição em que vivem os jovens em relação ao acesso a bens culturais, eles detêm modos expressão, como por exemplo, o rap, que é canal de expressão de revoltas, de oposição à violência, e fortalecimento da identidade juvenil. Esta é também a possibilidade de resgatar a cidadania e a valorização da vida, pela educação, cultura e reconhecimento, por parte dos jovens, de que são sujeitos dignos de terem seus direitos respeitados.

Futuro

Os colaboradores mais jovens desta pesquisa relataram nunca ter pensado no futuro. Já os mais velhos fazem algumas projeções com relação a trabalho, conquistas materiais e família.

“Nunca pensei nisso...” (Bruno)

Dois dos colaboradores (os mais novos, com quatorze e quinze anos), afirmaram nunca terem pensado no futuro. Quando questionado, um deles disse preferir pensar apenas

no presente, deixando a vida acontecer e o outro imagina em cinco anos já ter obtido os bens materiais que deseja conquistar como moto e carro.

Para alguns o futuro ainda vai demorar (mais dez anos) para chegar.

Quase todos associaram o futuro a trabalho, a ter uma profissão, constituir família e ter uma casa. Desejam ter vida normal.

É o mesmo que os 1.541 brasileiros entre 16 e 25 anos relataram quando entrevistados pelo Datafolha: 33% sonham em ter trabalho, 14% querem casa própria, 12% terminar os estudos e 10% ter boa família (FINOTTI, 27 jul 2008).

Mas, ao mesmo tempo em que há esperança que este futuro projetado se realize, os jovens têm dúvidas: “será que chego lá?”; “Será que consigo?”. A fala de Letícia sintetiza esse sentimento de incerteza.

A dúvida expressa a frágil relação entre procurar emprego e conseguir uma vaga; entre conseguir a vaga e manter-se trabalhando; entre ganhar pouco e ter que esperar até o final do mês para receber o salário e a tentação de ganhar um montante muito maior de dinheiro em pouco tempo no tráfico ou num assalto; entre ficar sossegado e a pressão da gangue por voltar; entre os sonhos de consumo estimulados pela mídia e pela fetichização da mercadoria e a realidade do possível; entre o futuro sonhado e o futuro negado através da morte.

Qual futuro é possível para crianças e adolescentes que vivem, no presente, de modo tão radical a experiência da violência? Qual futuro é possível com o passado incrustado na memória que não se reconhece e coexiste com a vivência não-elaborada da violência – os fantasmas? Qual a possibilidade de não repetir como agente a violência que o vitimou?” (TRASSI, 2006, p. 249).

São questionamentos sobre possibilidade de viver e sobre a fragilidade da existência em meio ao risco. Na mesma direção, Braga Neto et al (1992, p. 182) citado por Vicentin (2005, p. 217) interpreta o lema “não nasci pra semente” repetido por internos da Fundação CASA:

Esta frase era repetida quando se perguntava sobre seus planos para quando saíssem da Febem. Eles respondiam: ‘não nasci para semente....’ Então, ‘posso morrer mesmo’. Eu não tenho futuro, não posso crescer, não tenho como me desenvolver, não sou planta que vai vigorar e se sustentar.

Soares, Miranda e Borges (2006) pesquisaram os efeitos da vitimização indireta (perda de familiares ou amigos por mortes violentas) na elaboração de planos para o futuro. Constataram que um em cada cinco entrevistados não tinha planos para o futuro.

5.3 Conflito com a lei

Os conflitos sociais urbanos são dramatizados pelos jovens entrevistados. Através de seus comportamentos contraventivos que envolvem risco e violências eles transitam entre a exclusão social imposta e a busca por inclusão.

O ato infracional

Roubar, traficar e surfar em ônibus. Esses foram os atos ilegais que relataram ter cometido e que os levaram a ser presos. Essas atividades são percebidas como prazerosas até que o risco chega excessivamente próximo e as mortes e dores passam a predominar.

Às vezes até me assusta aquele, a pessoa com celular, com dinheiro, você vai ficar tentado com aquela coisa, aí vai ter que catar aquela mulher ou aquele cara, aí sair correndo, que a briga é dura também. (Diego).

O ato infracional é associado em alguns casos ao lazer, como forma de brincadeira (surfe de ônibus) e à diversão (adrenalina da fuga quando roubam e saem correndo). Em outros, é vivida como ocupação, dentro da hierarquia do crime organizado.

A relação com o crime é ambígua. Os benefícios advindos dele são desejados, como o dinheiro, o status e o reconhecimento pelo grupo, mas as consequências são muito dolorosas, pois envolvem exposição à violência, perda de colegas e risco de morte. Por isso, sempre que falo em dinheiro “fácil”, como os colaboradores denominam os ganhos do tráfico, o faço entre aspas.

As violências a que são expostos antecedem o crime. Elas ocorrem em suas vidas diariamente pela exclusão, discriminação e risco, na falta de acesso aos bens culturais, de oportunidade para frequentarem boas escolas e terem empregos em que possam desenvolver seus potenciais e exercer cidadania. Estão também presentes nas brigas entre vizinhos, vinganças, acertos de contas, tiros e mortes. Os entrevistados relataram inúmeras situações violentas como essas, em que conhecidos, amigos e familiares frequentemente estão envolvidos, como vítimas e/ou agressores.

No crime, os jovens desta pesquisa são vítimas de violência policial, de humilhações, torturas e execução, de desrespeito à integridade física e ao direito à vida. Correm riscos também no processo de fuga, em que podem sofrer graves acidentes ou ser baleados por policiais. Por último, sofrem violências dentro das próprias gangues, em que o chefe da biqueira²¹ bate e mata quando há algum desentendimento, disputa por local de venda de drogas, ou quando algum membro cagüeta²² as atividades ilícitas desenvolvidas pelo grupo.

Em oposição aos “Manés” e “Zés Povinhos”, pessoas muito certinhas que trabalham em atividades lícitas, Leticia fala dos “Largados”, aqueles que não tem patrões e que podem faturar em um dia no tráfico ou no roubo o que um “Mané” leva o mês inteiro para conseguir. No entanto, percebe que no tráfico há também um patrão, o chefe, que enriquece à custa da exploração do trabalho dos funcionários como numa empresa, preocupando-se com o próprio bem estar e de sua família. Mas, diferente do chefe da empresa regular, o chefe do tráfico espanca e mata.

A lógica perversa do capital está presente no mundo do crime, com a diferença que nesse, as regras são claras, a dominação é explícita e a punição não é o desemprego ou a humilhação, mas a perda da vida. Até para servir de exemplo para outros...(BOMBARDI, 2008, p. 54).

No caso dos roubos e furtos “de ocasião”, quando o jovem não está inserido em organização criminosa, a adrenalina envolvida nos momentos de perseguição e fuga é sentida como algo prazeroso. Roman (2007) descreve essa sensação relatada por seus colaboradores, adolescentes cumprindo medida socioeducativa em regime de internação:

²¹ Local de comércio de drogas ilegais.

²² Denúncia.

Frequentemente, há nos relatos desses adolescentes a menção a um sentimento de excitação prazerosa, a uma ‘adrenalina’, que acompanha as situações de perigo e se relaciona a uma atuação rápida, destemida, parecendo intensificar o sentimento de se estar vivo e ser potente. Por vezes, em contextos de vida em que a humilhação e o esvaziamento do ser preponderam, esse sentimento pode ganhar intensa relevância para o jovem, chegando mesmo a proporcionar-lhe sensação de realização e identidade. (ROMAN, 2007, p.25).

Dado o contexto em que são socializados, a vida do crime seria uma forma de resposta ao risco, de antecipá-lo para ter controle?

Esta é a hipótese com que trabalha Peralva (2000):

O engajamento de jovens favelados no narcotráfico parece-me em grande medida ligado a essa familiaridade com o risco de que o cotidiano deles é fabricado. Não se trata tanto de obter recursos capazes de lhes permitir uma melhor integração à sociedade de consumo, (...), mas sim de responder ao risco do entorno, mediante condutas de risco. (p.126).

De fato, na fala dos colaboradores o dinheiro nem sempre aparece como o motivador das infrações.

Dados da Fundação Telefônica (2008, p.171) sobre pesquisa com adolescentes que cumpriram medida sócio-educativa em meio aberto em cidades da grande São Paulo em 2005 mostram que apenas 22,1% dos colaboradores assume ter cometido o ato infracional para ganhar dinheiro. As demais motivações apresentadas são: “curiosidade, vontade, coisa de momento”; “influência das amizades”; “drogas”; “falta de diálogo na família”; e “ser laranja de um crime”.

Mas como foi apontado por João – colaborador desta pesquisa-, o desemprego pode levar ao roubo e ao risco de morte. Ou seja, não se pode descartar a importância do dinheiro e dos bens de consumo para a realização do ato infracional. Segundo Roman (2007), no momento do roubo

[...] o adolescente arrebatava a coisa como se ela representasse a garantia de satisfação. Nesse momento, ele não sabe, porém, que a roupa de marca, o carro, a arma, as mulheres, as drogas, nada disso substitui as relações humanas enquanto constituintes do ser e dos valores. A desilusão, ou percepção da coisa oca, é o sentimento de ser enquanto esvaziado de si. (ROMAN, 2007, p.28).

[...] A vinculação entre os tráficos de arma e drogas e falta de perspectiva das populações jovens, diante dos altos índices de desemprego e do

abismo entre as classes sociais, contribuem sobremaneira para o incremento da violência urbana e criminalidade no país. (idem, p.37).

Internação

Em relação à internação, os jovens cometam:

Eles batem. Batem. Não pode nem fumar um cigarro, nem nada (rindo), tem que ficar parado, quieto, cabeça baixa, daí isso daí não rola, não gostei não. (João)

Ao serem autuados, em todos os casos os jovens entrevistados relatam terem sido vítimas de violência policial.

O percurso que seguem logo após a apreensão, é, como descrito por Roman (2007), o confinamento num tipo de cela chamada de “corró”, seguida pela passagem pela UAI (Unidade de Atendimento Inicial), onde deveriam permanecer por até 72 horas aguardando a deliberação do juiz. Então são soltos ou são encaminhados para uma UIP (Unidade de Internação Provisória) para ficarem reclusos até 45 dias enquanto o Poder Judiciário decide se haverá ou não imposição de medida socioeducativa liberdade assistida, semi-liberdade ou internação.

Segundo Roman (op cit), nas UAIs ocorre superlotação e os jovens permanecem lá mais tempo que o previsto e são proibidos de olhar para os lados. Nas UIPs já são autorizados a erguerem a cabeça, mas são obrigados a dizer “licença senhor” ou “licença senhora” cada vez que passam por um funcionário. Caso alguma norma não seja respeitada, ou por acabam sofrendo agressões físicas.

Trassi (2006) traz detalhes sobre essa realidade:

[...] Na UAI, todos os meninos, entre 12 e 18 anos, têm as cabeças raspadas e a mesma roupa – calção azul, camiseta branca e chinelo. Quando se deslocam pelo interior da unidade, o fazem em fila indiana, com as mãos para trás e a cabeça para baixo. Nenhum deles possui autorização para falar. A violência é muda. Qualquer palavra (...) é o equivalente a uma infração disciplinar (...) e é punida sumária e prontamente pelos atentos monitores [...]. (TRASSI, 2006, p. 186).

Na Unidade de Internação, Fundação CASA, antiga FEBEM, há relatos de que apesar da mudança de nome a estrutura e a rotina continuam sendo as mesmas, ou seja, a ordem é mantida pela violência.

Assim, em cada etapa do processo de reclusão os jovens sofrem violências físicas constantes, num ritual de disciplina exercido pelo terror.

Dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República mostram que em janeiro de 2004, dos 25 milhões de adolescentes brasileiros, apenas 0,2% eram autores de ato infracional e cumpriam medida socioeducativa. Deste total, 26.089 estavam em unidades de internação e 13.489 cumpriam medida em meio aberto (liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade). (BOMBARDI, 2008, p. 184).

De acordo com o Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD/BRASIL, 2007), em novembro de 2006 havia 40.356 jovens cumprindo medidas socioeducativas em todo o país. São Paulo aparece com aproximadamente metade do total de casos.

Os jovens entrevistados, afirmavam que passaram por internação e sofreram violência física dentro da instituição. Não fica claro se esta foi impingida por funcionários ou por outros internos, mas provavelmente ocorre pelas duas vias. Segundo Noguchi (2006), os adolescentes internos na FEBEM acabam reproduzindo o funcionamento das relações de poder hierárquicas autoritárias e a educação heterônoma recebida, criando regras próprias legitimadas pelo poder e pela força.

Pesquisa realizada por Vicentin (2005), investiga os significados das rebeliões nas vidas dos jovens internos. Para eles as rebeliões são a única forma de expressão possível, a conquista de visibilidade e a possibilidade de denúncia dos maus tratos sofridos.

[...] paradoxalmente, os jovens em conflito com as leis – e portanto, através das mediações do mundo do crime e do controle social – reivindicam na forma extrema da violência, que inclui mortes, agressões e depredação de patrimônio público, o direito a ter direitos – isto é, o direito à existência, ao reconhecimento, à dignidade e à participação na vida coletiva, civil e pública.²³

²³ Trecho do prefácio de Sérgio Adorno ao livro “A vida em rebelião” de Maria Cristina Vicentin (2005, p. 12).

Cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

A Liberdade Assistida é valorizada pelos jovens em oposição à internação, mas em alguns casos as técnicas utilizadas pelos técnicos sociais são sentidas como invasivas:

[...] estou sentindo medo, acho que deve ser esse negócio que eu venho aqui, fico falando, esses atendimentos aí, essas mulheres aqui entram na nossa mente, que não serve nem para roubar. (Diego).

Os entrevistados valorizam o atendimento que recebem nas casas de Liberdade Assistida onde cumprem medida socioeducativa em meio aberto, especialmente por que os auxilia a voltar a estudar, encontrar emprego e pela orientação dada aos familiares.

Apesar da obrigatoriedade, que pode ser incômoda, quando a relação estabelecida com o orientador social é positiva, os jovens relatam ocorrem mudanças em suas vidas: saída do ciclo de roubar e ser preso e a diminuição dos riscos de vida. Por outro lado, a mesma orientação por vezes é percebida como invasiva e doutrinadora, pois impõe formas de comportamento desadaptadas ao mundo do crime.

Os jovens demonstram certa conformidade com o fato de terem de cumprir medida socioeducativa, afirmando terem feito “coisa errada”, aprontado, e por isso estão ali.

Roman (2007) afirma que a auto-responsabilização exclusiva pode levar a desconsiderar o contexto mais amplo em que os jovens estão inseridos. Com esta conformidade, assumem a associação imposta socialmente entre pobreza e violência presente no discurso do crime. Nas palavras de Caldeira (2000): “A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos” (p.10).

5.4 Violência

Neste item, parto do aspecto macro-social, coletivo, da manifestação da violência para chegar a vivência da mesma nas biografias pessoais dos colaboradores.

Geral

A violência geral é a do nível macro-social, percebida da seguinte forma:

Ah, tá sem limites. Violência, já não tenho o que falar, tá sem limites. Todo mundo, ninguém consegue mais. Se você fez aquilo, eu vou querer fazer pior que você, mas sem pensar. Não pára. E aí continua violência gerando violência. (Letícia).

A violência sem limites apresentada tem a ver com as leis que regem a vida e a morte. A lei de causa e consequência de “olho por olho”, “dente por dente”, é intensificada. Quem parte para vingança quer fazer para o outro algo pior que aquilo que sofreu, num ciclo em que a violência vai aumentando e não pára.

Qual o limite para a violência? Seria a morte? No relato dos jovens aparece a morte de um levando a morte de outro. E não são apenas os jovens envolvidos, mas também os familiares são alvo de forma direta ou indireta, na situação são assassinados como parte da vingança ou sofrem com a perda de seus parentes. Desta forma, a violência vai ficando sem limites.

As instituições públicas responsáveis pela manutenção da ordem e pela mediação de conflitos são desacreditadas e deslegitimadas por sua ineficiência, ou contribuem para dar continuidade ao ciclo de violência.

Como as fronteiras entre o legal e o ilegal são instáveis e como os abusos policiais são cometidos impunemente, não só a polícia é temida, mas também, o sistema judiciário é deslegitimado e percebido como recurso não confiável para a justa resolução de conflitos. (CALDEIRA, 2000, p.155).

Nas gangues

Os jovens relatam que há violência das gangues e entre grupos rivais:

Rivalidade. O produto que você vende tá melhor que o meu. Então por isso a concorrência tá ruim pra mim, porque tão indo na sua e não tão vindo na minha comprar, entendeu, aí eu faço o que? Te elimino. Por que? Porque é dinheiro. Envolveu dinheiro, são loucos por dinheiro, entendeu? Vou e mato você, fico com o dinheiro, seus clientes passam pra mim e assim eu vou crescendo. Aí eu vou botando outros em outros lugares e vou fazendo nome, nome e dinheiro, né. (Letícia)

De acordo com o relato de Letícia, as gangues funcionam como uma empresa. Além de haver um chefe que enriquece e explora seus funcionários, há a disputa pelos melhores pontos de venda, pela qualidade do produto e por clientes.

A competição é levada às últimas conseqüências e o concorrente não baixa o preço, como nas leis de mercado, para se manter competitivo, mas elimina literalmente o outro, assumindo seus clientes e ampliando o negócio.

No Rio de Janeiro, uma organização criminosa como o comando vermelho se expande pela violência e morte, dominando os morros (PERALVA, 2000), da mesma forma em São Paulo ocorre a expansão do PCC (Primeiro Comando da Capital). O PCC surgiu dentro das cadeias com a promessa de defender os direitos dos presos e hoje tem muitos “associados” dentro e fora das cadeias. Com a expansão do crime organizado e o estabelecimento de acordos entre as gangues ou a unificação delas é possível que as mortes por concorrência diminuam. Esta pode ser uma das razões para a diminuição do número de jovens mortos por causas externas na última década.

Em São Paulo, observa-se algo que pode ser comum a outras metrópoles brasileiras onde o crime organizado está se instalando: em um bairro típico da produção de adolescentes para a Febem – Cidade Tiradentes – os meninos morriam enquanto o território era disputado e, quando a disputa cessa, o número de homicídios cai. Os trabalhadores de um programa de liberdade assistida na longínqua zona leste da cidade relatam, em 23/9/2005, que há uma ordem dos chefes locais do crime ‘de dois anos para cá’, que ninguém está autorizado a ‘matar’, só eles. (PERALVA, 2006, p.201).

Além da concorrência como fator gerador de violência entre gangues, o testemunho é outro fator de risco. Ter informações ou saber “coisas de mais” é algo que pode levar à morte, pois os envolvidos não esperam para ver se a testemunha irá delatar ou não, de acordo com Letícia, tiram sua vida antes que possa falar.

O crime não compensa pela certeza da punição e da morte, pela frustração de não alcançar a riqueza, perdida na efemeridade do consumo imediato e fugaz. Mas o crime também não admite falhas para os que assumem seus códigos, e a principal falha é a delação. (GUARÁ, 2000, p. 185 citada VICENTIN, 2005, p. 203).

Há também as regras de conduta para circulação na “biqueira”. Não se deve chamar a atenção, deve-se falar baixo e ser discreto. A punição para quem desrespeita essas regras é apanhar.

Ser um devedor para traficantes é outro fator de risco que pode levar à violência e à morte. Letícia já compreende as regras deste “comércio”. As armas de fogo são utilizadas como símbolo de poder e são elas as maiores responsáveis pelos elevados índices de mortalidade por causas externas no país.

[...] Para o tráfico, armas de fogo são ferramentas indispensáveis, pois é a lei da força que está em jogo: é preciso defender os negócios da investida violenta dos concorrentes, é preciso cobrar com eficiência os viciados que compram fiado, é preciso deter recursos para uma mínima intimidação das forças policiais, para negociarem a propina em algum pé de igualdade, para medirem forças quando o pacto de suborno é rompido. A violência potencial é assumida não só como meio de sobrevivência, mas também como atributo de masculinidade, como insígnia de poder e virilidade, como chamariz ao sexo. (ROMAN, 2007, p.18).

Policia

A polícia tem participação significativa na reprodução da violência:

Ah, a policia tá matando mais do que... do que a própria morte (Bruno)

Todos os colaboradores relatam terem sido vítima de violência policial. As agressões ocorreram quando estavam na rua, cometendo ou não algum ato de contravenção.

Os jovens relatam que todas as vezes em que foram presos apanharam e nesta ocasião foram enquadrados, tiveram que ajoelhar e colocar a mão na cabeça, “ou é isso ou morte” (Leticia).

Bruno fala de uma situação em que estava usando drogas na madrugada e foi flagrado por policiais. Os mesmos ameaçaram-no de morte e ele se livrou acenando para uma mulher que observava a cena enquanto passava de carro. Ainda assim os policiais colocaram em sua mão e na mão de seu colega uma arma que havia sido apreendida de bandidos, para que os dois fossem responsabilizados por crimes que não cometeram.

Os xingamentos e humilhações são também constantes. Frequentemente são chamados de vagabundos por estarem na rua.

O abuso do poder policial deixa marcas psíquicas que são guardadas e, como um dos colaboradores descreveu, são levadas para seu dia a dia.

Os colaboradores criticam a ineficiência da ação policial. Segundo seus relatos, os policiais “pegam” (prendem, torturam) apenas os “mais fracos” (aqueles que têm menos poder na hierarquia do crime). E o fazem por incompatibilidade, de forma arbitrária, não detendo os “mais fortes”, os chefes das quadrilhas, por medo de terem ameaçadas as famílias e a própria vida. Desta forma, contribuem para manter a mesma estrutura e reproduzir a violência.

Para os jovens que participaram da pesquisa de Castro et al (2001), policiais e bandidos se confundem. “Os jovens se dizem vítimas de maus-tratos dos policiais, por isso não os percebem como agentes da sua segurança” (p. 76).

Dados compilados pelo Núcleo de Estudos sobre a Violência da Universidade de São Paulo mostram que a “incompatibilidade” não é aleatória. Os que mais sofrem com a violência policial são os moradores das periferias, pobres, do sexo masculino e, na maioria dos casos, negros (apesar de brancos e negros cometam crimes na mesma proporção) (ADORNO, 1996).

Além da violência física, dos xingamentos, humilhações e ameaças, a polícia é responsável pela morte de milhares de civis todos os anos.

O Jornal “Correio Braziliense” publicou em 27/07/2008 reportagem com o título “A morte veste farda” com informações do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM): em 2006 a cada dois dias, três pessoas foram mortas pela polícia. São 46 mortes por mês e 560 por ano. Como afirmou Bruno, a polícia mata mais do que a própria morte.

Entre janeiro e maio de 2008, foram 221 mortes causadas por Policiais Militares no Estado de São Paulo registradas na Corregedoria da PM e publicados no “Diário Oficial”. Em 2007, no mesmo período, foram registrados 182 casos (FOLHA DE SÃO PAULO, 16 jul 2008).

Jornal eletrônico da Human Rights Watch, organização não governamental Norte Americana, situa as práticas abusivas policiais como um dos principais problemas de direitos humanos do Brasil²⁴.

Para cada grupo de aproximadamente 40 civis mortos em supostos tiroteios, morre um policial, “quatro vezes o índice tolerado mundialmente” (BELCHIOR, 26 set. 2008).

Raphael Gomide, repórter do jornal “Folha de São Paulo” freqüentou por um mês o curso de Formação de Soldados da Polícia Militar do Rio de Janeiro para escrever a reportagem “O infiltrado – Por dentro da PM” (publicada no caderno Mais! do Jornal Folha de São Paulo, no dia 18 de maio de 2008). Das frases que ouviu de seu instrutor no curso e publicou no jornal destaco duas: “Se você entrar na PM com essa de ‘prender’, é bom rezar muito! Direitos Humanos é para quem é humano!” e “Vocês vão aprender na rua: deu tiro pelas costas, pega arma, põe na mão do cara, dá um tirinho e alega legítima defesa.”.

No ciclo de violência extrema ocorre desumanização e privação do direito à vida. Esta mortalidade que beira o extermínio segue os mesmos padrões de distribuição espacial, gênero e classe social que a violência na escolha de seus alvos:

[...] a maioria das mortes ocorreu em bairros pobres da periferia da região metropolitana de São Paulo, longe dos lugares em que os supostos crimes aconteceram. A maioria das pessoas que morreram eram jovens: 71,5% eram homens entre 15 e 25 anos. A proporção de negros entre aqueles que morreram é muito maior do que a proporção de negros na população. (CALDEIRA, 2000, p. 162).

²⁴Human Rights Watch: <<http://www.hrw.org/en/news/2008/04/06/universal-periodic-review-brazil>>, acessado em 20/04/2009.

Segundo Caldeira (2000), existe uma representação social de quem são os responsáveis pelos problemas de violência que a sociedade enfrenta. Esta representação se expressa no que a autora chama de “fala do crime”, que culpabiliza pobres por tais problemas. “A fala do crime constrói sua reordenação simbólica do mundo elaborando preconceitos e naturalizando a percepção de certos grupos como perigosos” (p.10).

O medo acaba justificando a construção de muros altos, a reclusão em condomínios fechados e a contratação de seguranças particulares. Estas ações, porém, reforçam a exclusão, segregando espacialmente e fisicamente o pobre, considerado como perigoso. Esta percepção do outro como diferente, passível de segregação, é, segundo a autora o oposto da democracia, e representa um ato de violência que faz com que sejam aceita e até defendida a chamada “linha dura” policial.

A polícia, enquanto instituição carrega histórias de autoritarismo que são antigas. Desde os tempos do Brasil colônia, seu papel é repressivo mais que preventivo. As torturas e detenções sem julgamento continuam existindo apesar do processo de democratização por que passou o país, ultrapassando os limites impostos pela legislação.

Uma fonte importante de informações sobre o cotidiano interno da polícia é o livro de Guaracy Mingardi (1992), investigador da Polícia Civil na década de oitenta, citado por Caldeira (2000). No livro, o autor mostra que há sub-notificação de casos de violência graças a suborno e corrupção. Quem não paga o “acerto” é torturado: “Quem apanha é pobre; colarinho branco não apanha, faz acerto” (MINGARDI, 1992, p.57, citado por CALDEIRA, 2000, p.107).

O apoio da parcela da população que não quer perder os privilégios por ter uma polícia corrupta além da impunidade, levam à manutenção dos índices de letalidade da ação policial em São Paulo. “De todos os crimes registrados pela Polícia Civil no município de São Paulo em 1993 (389.178 boletins de ocorrências) apenas 20,4% resultaram na instauração de inquérito” (CALDEIRA, 2000, p.189).

O livro de Caco Barcelos (2001) sobre a atuação da ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) de São Paulo em 1991 aponta que:

Os criminosos não representam a maioria entre as pessoas mortas pelos policiais militares. O resultado de minha investigação, que abrange o período de 22 anos de ação de matadores, mostra que a maior parte dos

civis mortos pela PM de São Paulo é constituída pelo cidadão comum, que nunca praticou um crime: o inocente. (BARCELOS, p. 257, citado por ENDO, 2005, p. 41).

Medo, fragilidade, impotência. São Observados diante de tantos abusos cometidos pela polícia. A entrada para o tráfico pode ser uma forma de defesa, proteção, vingança e de restabelecimento da auto-estima. “A violência policial é um indutor, ou produtor, de sujeitos violentos, tornando os jovens, pela revolta, agentes de violências.” (CASTRO et all, 2001, p. 77).

Estamos profundamente convencidos de que essa forma de intervenção policial violenta ao extremo, e também de uma enorme ambivalência, posto que sua outra face é a corrupção, constitui um elemento fundamental na formação do sentimento de risco de morte que afeta de forma constante todo jovem favelado. Ora, uma das modalidades possíveis de se responder individualmente a esse risco é justamente o engajamento no narcotráfico [...] E a força de atração do narcotráfico é tanto maior, à medida que a polícia não é um elemento de proteção; ela, é ao contrário, causa de revolta. (PERALVA, 2000, p. 133).

Violência doméstica

Sobre violência doméstica relatam:

Em casa também já apanhei muito porque eu sempre fui rebelde. [...] Troquei minha mãe pra ficar com homem pra apanhar. Novinha, dezessete anos, apanhar de homem. Aí também não é violência? (Letícia)

A violência doméstica é entendida como provocada pelo próprio jovem, como se devido a seu comportamento de rebeldia merecesse o castigo físico. Este, apesar de já ser considerado por muitos como técnica educativa ultrapassada, ainda é utilizado como punição ou recurso disciplinador:

Não raro, a violência não-fatal contra crianças e adolescentes é justificada como forma de disciplina. Um estudo empreendido no ambulatório pediátrico do Hospital das Clínicas da Unicamp (Davoli, 1994) com uma amostra de 130 entrevistas a acompanhantes de crianças de 0-13 anos, vítimas de agressão física, identificou odds ratio (OR) de 8,55 para o desejo de mudar o comportamento da criança quando esta é

considerada diferente. O mesmo estudo observou que, em 69,2% dos casos, o entrevistado havia sido disciplinado com o uso da força física; 64,1% aprovavam a maneira como haviam sido disciplinados. Embora 96,9% dos entrevistados tenham alegado não utilizar a força física como atitude preferencial no disciplinamento das crianças, 42,3% dos entrevistados referiram fazer uso desta medida. (PERES; CARDIA; SANTOS, 2006, p. 27).

É interessante notar como os entrevistados da pesquisa citada acima consideram a punição física justificada como medida disciplinar quando foram reproduzem o que viveram com seus filhos.

De acordo com Maria Amélia Azevedo, coordenadora do Laboratório de Estudos da Criança, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Lacri/Ipusp), a violência doméstica

[...] implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma ‘coisificação’ da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento” (Moura *et al.*, 2008, p. 22).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, seguindo deliberações da Declaração Universal de Direitos Humanos proíbe qualquer tipo de violência, crueldade e opressão contra crianças e adolescentes.

Este tipo de violência deixa marcas psíquicas e, segundo Castro et al (2001), pode ocasionar rebaixamento da auto-estima gerando insegurança e ambigüidade em relação aos pais, que são ao mesmo tempo referencias e algozes.

Letícia relata que antes apanhava da mãe, agora do namorado, uma troca de que se arrepende, pois percebe sua escolha por um “namorado errado” como fator de risco que poderia levá-la à morte como foi o caso de Eloá²⁵.

Estes são elementos que compõem o contexto violento de vida destes jovens.

²⁵ Caso amplamente divulgado pela mídia de garota de 15 anos que foi seqüestrada e assassinada pelo ex-namorado em outubro de 2008.

5.5 Morte

A morte é tema central deste trabalho. Para chegar a ele passamos pelos assuntos correlatos que auxiliam na compreensão do fenômeno. Seguem abaixo os significados, vivências e testemunhos dos jovens a respeito do assunto.

Significados

Para os colaboradores a morte repentina de pessoas queridas causa estranheza e impacto:

Ah, morte é uma coisa estranha também, sei lá, a pessoa morre do nada. Morte, morte. Eu nem sei te explicar. (Bruno)

Todos os colaboradores relatam terem perdido amigos e familiares de forma repentina e violenta, sem aviso ou chance de despedida e preparo, como se viesse do nada. A morte é “escancarada” e invade a vida de forma estranha e sem explicação. (Kovács, 2003)

Morrer é o fim, acaba tudo ali, “apagar e já era” conforme relato dos jovens. Mas, apesar da vida parecer, neste contexto, sem sentido e sem valor - “morreu, morreu” – apontam que aqueles que sobrevivem, as vítimas indiretas/ocultas (Soares, Miranda e Borges, 2006), não conseguem esquecer a morte de alguém querido, perdem “tudo”, as referências, o chão, a ação, não podem “fazer mais nada”.

Para alguns, as pessoas estão banalizando o crime e se acostumando com a violência, entre tanto, [...] o luto é difícil, principalmente quando a morte é violenta. Os parentes e/ou amigos reagem com tristeza, medo e dor pela perda, associados a impotência diante da morte. A elaboração da perda se torna mais complicada, pois a morte vem de forma inesperada, e as vítimas são, em geral, pessoas jovens que tinham um futuro pela frente. (SOARES, MIRANDA; BORGES, 2006, p. 123)

A morte é percebida como algo “ruim”, uma coisa feia. As cenas que testemunharam realmente não são belas: Bruno relata ter perdido um amigo eletrocutado

em fio de alta tensão; Letícia, Diego e João viram pessoas sendo assassinadas com armas de fogo; Carlos viu um morador de sua rua logo depois de sua morte, estendido no chão.

Os colaboradores relatam não estarem preparados para todas estas experiências por serem muito jovens. Efetivamente talvez não haja preparo possível para estas situações em qualquer idade.

A noite é o período em que os jovens pensam na morte. É o momento em que não estão ocupados com outras atividades e não conseguem evitar que as cenas que presenciaram sejam lembradas e os medos revividos.

A exposição ao risco e à morte são apresentadas como escolha pessoal ao falarem: “procurou”. A morte seria então uma consequência a ser arcada em nível individual. Por isso, morrer é considerado melhor que ficar aleijado e dar trabalho a outros, pois com a morte tudo acaba.

Porém, esta escolha se dá como forma de reação à violência com que os jovens se deparam no dia a dia e quando o risco imaginado se torna real, traz sentimentos de medo e vulnerabilidade. Eles afirmam que a fórmula da responsabilidade individual não funciona, pois todos os que estão envolvidos sofrem com a violência de forma direta ou indireta. Não estão sozinhos no sofrimento.

De acordo com Amaya (2000), antropólogo colombiano, as representações sobre a morte são influenciadas pelo contexto social, pela condição de classe, gênero e as experiências de vida. O autor entrevistou grupos de jovens em Bogotá na Colômbia, para verificar o efeito do conflito armado do país em suas concepções de vida e morte. Constatou que devido à proximidade concreta com a violência e a morte no país, ocorre uma “saturação” nos jovens: como forma de sobrevivência diante da inevitabilidade da morte a que são constantemente expostos, eles se “impermeabilizam”, distanciando do que sentem como imutável e se re-conectam ao contexto global de forma não politizada, individualista, direcionada ao consumo e às identidades convertidas em aparência.

Esta explicação é coerente com os dados obtidos nesta pesquisa: a saturação pelo excesso de exposição à morte leva ao desejo de evitar o tema e as lembranças desagradáveis.

Risco

Os jovens relatam terem passado por diversas situações de risco de morte:

Então, na hora que caiu, todo mundo saiu correndo. Todo mundo saiu correndo. Eu parei! Eu tava aqui e ele tava ali, ó. Eu sou tão burra que eu tava do lado. Eu tava do lado. [...] ²⁶ Se atirasse errado acertava em mim. Quem tava mais próximo dele era eu. Eu morria ali, sem saber. Podia ter sido eu. [...] Se disparasse vários tiros ali... ou se errasse a mira. Foram três tiros. (Letícia).

O risco está presente em diversos momentos da vida dos jovens entrevistados. Eles convivem diariamente com múltiplas formas de violência que constituem ameaça ao desenvolvimento psíquico, físico e emocional, fazendo com que estejam em risco de morte.

As situações de risco vividas e relatadas são: surfe de ônibus, assaltos, fuga de policiais, fuga de assassino, testemunho de morte e participação no tráfico de drogas.

Estas situações podem ser consideradas como forma de reação ao contexto social violento em que estão inseridos, principalmente na periferia. Os jovens fazem escolhas por controlar os riscos no presente, já que o futuro é a morte.

Os riscos ligados à violência repartem-se de forma desigual e os diferentes estratos da população não dispõem de recursos equivalentes para enfrentá-los. Mas a experiência da violência, enquanto tal, se generalizou de forma ampla. Isso fez com que se desenvolvesse no seio da juventude, e mais particularmente da juventude pobre (posto que para ela a cota de riscos associados a violência é mais elevado), o sentimento de que as condutas de risco talvez constituíssem, elas próprias, uma modalidade eficaz de resposta ao risco. Tratar-se-ia de antecipar o risco, de se apropriar dele, para melhor subjugar-lo. (PERALVA, 2000, p. 126).

Esta intensificação do presente pelo risco é vivida, num primeiro momento, de maneira onipotente e prazerosa: “nada acontece comigo, o que acontece com você não acontece comigo, não” (Letícia). Este é o caso da adrenalina sentida nos momentos de roubo, fuga e no surfe de ônibus. “[...] Incorporam o medo como dado de uma experiência geral – a da oposição antropológica entre a vida e a morte. Mas constroem ao mesmo tempo

²⁶ Trecho de difícil compreensão na gravação.

a afirmação da vida como prazer ligado à superação do medo.” (PERALVA, op cit., p. 169).

Está também presente na pertença ao tráfico: “[...] Muitos sabem que vão morrer ou serão presos. Mas a qualidade de vida, ainda que momentânea, trazida pelo crime faz com eles topem o risco.” (Antonio Carlos Malheiros, desembargador da Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo, ARANDA, 11 jul 2008).

Mas, quando o risco de morte chega próximo de mais, saindo do imaginado para concretude, passa a ser fonte de sofrimento. Os jovens já não se sentem seguros, não tem mais o sentimento de invulnerabilidade e o medo passa a ser impeditivo às antigas aventuras, como se percebe na seguinte constatação de Letícia: “podia ter sido eu”.

Relatos e testemunhos

Os colaboradores desta pesquisa relatam terem presenciado mortes de colegas, conhecidos e familiares:

Duas mortes que eu vi foi a coisa mais feia, que foi a do meu tio e do meu colega. [...] Meu colega tava indo roubar assim, aí ele caiu em cima, e tomou um choque de não sei quantos mil volts. Aí já estourou tudo, quebrou os dentes, estourou os olhos, quebrou todo. Era alto da onde ele caiu. [...] E a do meu tio, assassinaram com tiro. (Bruno)

Apesar da morte ter se tornado interdita (Ariès, 1977) com o desenvolvimento da medicina e porque a morte ocorre nos hospitais, muitas vezes de forma asséptica, sem serem vistas, os jovens entrevistados já testemunharam muitas mortes em suas vidas. A morte pessoal é interdita, a morte que os jovens presenciaram é escancarada.

A maioria das mortes relatadas ocorreu por homicídio com arma de fogo, em conflito com a polícia, por vingança ou como punição por desrespeito a regras de conduta socialmente impostas na comunidade. Houve relato também de casos de acidentes que ocorreram na fuga da polícia como descreveu Bruno na fala transcrita acima.

A análise das motivações por tipo específico de violação põe em evidência algumas especificidades. Inicialmente, chama atenção que os casos motivados por vingança e acerto de contas ocupem a primeira posição nos casos de execução sumária (...) representam 34,2% (n. = 379). Juntamente com limpeza e defesa da área, quarta posição com 8% (n. = 89), os casos que indicam ação de justicamento e vigilantismo representam 42% das motivações para execução sumária de crianças e adolescentes no Brasil. (PERES; CARDIA; SANTOS, p. 183).

Os jovens presenciaram mortes violentas, por causas externas, não naturais, de amigos, parentes e conhecidos. Na maioria dos casos estavam realizando a mesma ação que teve desfecho fatal para seus entes, mas também houve casos em que estavam despreocupados, dançando ou assistindo a Tv.

Um dos entrevistados teve que fugir para não ser assassinado junto ao tio, que estava sendo perseguido por vingança a outro tio com quem os assassinos haviam se desentendido.

Letícia fala sobre a morte de um primo seu, que roubou um carro em sua comunidade, se desvencilhou da policia, mas depois foi assassinado, não chegando a comemorar seu aniversário de dezoito anos. Ela também testemunhou a morte de uma vida intrauterina. Enquanto estava numa balada, presenciou uma cena de morte violenta muito impactante, levou um susto, ficou paralisada e como consequência teve um aborto espontâneo.

Diego conta sobre colega seu que foi baleado e morto por policiais enquanto praticavam roubo e Carlos fala sobre um vizinho, punido com a morte por ter roubado roupas de um varal.

Ver os colegas e parentes em caixões é um evento traumático, que faz com que fiquem pensando e não consigam dormir. Todas essas mortes trazem aos jovens traumas e sintomas do que é definido por Soares, Miranda e Borges (2006) como estresse pós-traumático: dificuldade de dormir, *flash backs* e medo de ir ao local onde a pessoa foi morta ou de morrer da mesma forma.

A violência letal é sempre traumática para o psiquismo e o obriga a uma contra-ação que expulse do corpo e do psiquismo sua presença indelével. Isso não só para aquele que foi atingido diretamente por um ato violento, mas muitas vezes para um número imenso de pessoas que gravitam em torno do acontecimento e da vítima.” (ENDO, 2005, p. 230).

Os testemunhos trazem a proximidade da morte, a possibilidade de morrer sai da dimensão do risco e entra na concretude. Todos presenciaram muitas mortes, mas nenhum deles deu testemunho em juízo. A entrevista concedida para esta pesquisa pode ser considerada depoimento.

Em situações de crime e violência, os trabalhadores sentem-se impotentes. Ficam paralisados entre o medo da polícia, o medo da vingança do criminoso, e como veremos, a crença de que o sistema judiciário é incapaz de oferecer justiça. Sem proteção, adotam o silêncio como uma maneira de manter boas relações com os criminosos que podem até conhecer pessoalmente. (CALDEIRA, 2000, p. 185).

Falar para alguém que não vai julgar ou condenar pode ser muito importante para eles.

Compartilhando o assunto

Falar sobre morte é considerado pelos jovens como algo desagradável:

Não [falo com ninguém sobre morte], fica só para mim só. (Carlos)

Não falar sobre o assunto morte, algo tão freqüente e doloroso na vida desses jovens, pode ser uma forma de proteção psíquica. A dor é muito intensa para ser revivida e lembrada. Porém, o assunto evitado retorna nos sonhos, medos e traumas. A evitação não ajuda a curar as feridas. Logo que tiveram a oportunidade de falar, nas entrevistas, aproveitaram o espaço aberto.

Todos afirmaram não gostar de falar ou ouvir sobre morte. A maioria relata preferir guardar os próprios sentimentos, permanecendo quietos e sozinhos com seus pensamentos. Uma vez que a morte é significada pelos colaboradores como algo ruim, parece natural que falar sobre ela seja igualmente desagradável.

Um fator que pode dificultar a comunicação é a identificação com os parentes e amigos cujas mortes eles presenciaram ou acompanharam indiretamente, sentindo-se

culpados ou responsáveis por terem-se exposto aos mesmos riscos, e um ter morrido e o outro não.

Como caberia esperar, o trauma associado aos casos de homicídio é aparentemente superior ao das mortes acidentais, pois naqueles, além da tragédia e da perda, é mais difícil encontrar uma lógica e identificar a 'vontade de Deus' com a da mão homicida. Mortes por homicídio são, quase que por definição, mortes evitáveis, mortes que não deveriam ter acontecido e que, por isso, desafiam o raciocínio e o espírito. Nelas, por outro lado, é preciso lidar com as questões da culpa e da punição. (SOARES; MIRANDA; BORGES, 2006, p. 13).

Há medo do julgamento e da incompreensão. Muitos jovens atribuem as causas de morte entre eles ao seu próprio comportamento, por fazerem coisas sem pensar, entrando assim precocemente no mundo do crime. Temem condenação por suas escolhas. Crêem que alguém que não teve a mesma experiência e que não presenciou as mesmas cenas não pode saber o que é tê-las vivido, e assim não poder acolher.

Sem os rituais tradicionais, rompidos na modernidade, não há roteiro para a expressão da dor, fica a cargo de cada um expressá-la ou não.

Caso um dia queiram compartilhar o assunto, escolhem como interlocutores os amigos, aqueles que estão do lado no dia a dia, e os próprios pais.

O que a experiência deste trabalho demonstra é que a comunicação sobre a morte demanda uma postura de abertura, de aceitação e não julgamento, características que Rogers (1961) descreve como essenciais ao entrevistador.

Endo (2005, p.266) fala sobre a narrativa elaborada no momento da entrevista como uma oportunidade de transformar imagens e pensamentos em palavra, numa troca viva entre duas pessoas e cita Hartman (1994, p.212,213):

[...] A narrativa que emerge pelo encontro da testemunha com o entrevistador não apresenta, por mais sinistro que seja seu conteúdo, nem uma série de imagens fixas que atacam os olhos, nem um manual de impessoal história. A narrativa assemelha-se à mais natural e flexível forma de comunicação humana, a história [story] – uma história que, mesmo quando descreve um universo de morte, é comunicada por uma pessoa viva, que responde, que rememora, pensa, chora, leva adiante.

A importância da comunicação se dá à medida que o sofrimento deixa de ser apenas individual para passar a ser inscrito na história, inserido num contexto sócio-cultural mais amplo. Passa a constituir um documento que dá cor e vida aos dados estatísticos, é a história vivida e que pode ser utilizado para melhorar a qualidade de vida de todos daqueles de quem os colaboradores são porta vozes.

[...] a imperiosa repetição traumática de dores vividas em reclusão e silêncio, se impõem e se ordenam às milhares de mortes aleatórias, arbitrarias e indigentes, que subitamente passam a ter história, memória e lugar e, por fim, se encena o projeto de uma cidade justa e segura, onde predominam os vínculos solidários. (ENDO, 2005, p. 282).

5.6 Reflexões sobre a morte na adolescência

Este item trata sobre as reflexões dos jovens acerca das causas de morte de adolescentes e possíveis soluções para diminuir o número de vidas desperdiçadas partindo daquilo que já viveram e presenciaram.

Causas apontadas

Em relação às causas de morte de adolescentes afirmam:

Acho que os jovens que procuram a morte, né (Bruno)

A morte de adolescentes é apontada pelos colaboradores desta pesquisa como responsabilidade do próprio jovem, pelas suas condutas de risco. Não levam em consideração, no entanto, o contexto sócio-histórico violento, que suas ações de risco e de conflito com a lei denunciam ao mesmo tempo em que reproduzem.

Parte das situações que podem levar à morte são avaliadas como “coisas erradas”, que o jovem faz sem pensar, como: o envolvimento com brigas, começar precocemente na

vida do crime e a usar drogas, não conseguir sair de “burradas”, escolher namorado errado, sair à noite, ir para a balada e não dar valor à própria vida. Citam também como causas os atropelamentos e a violência policial.

Talvez o jovem seja levado a não dar valor à própria vida quando é tratado com desrespeito, ao não ter valorizada e reconhecida sua singularidade, ao ser excluído do consumo de bens culturais e materiais, e de lazer, e quando é vítima de violência, tortura e extermínio. Vidas sem valor são vidas descartáveis.

[...] o *descarte* de tudo aquilo de que uma sociedade quer se desvencilhar porque a incomoda ou perturba. Mas os jovens infratores constituem o *descarte da sociedade: descartável* passou a ser também a projeção, sobre a vida das pessoas, da rápida obsolescência que caracteriza, hoje, a maioria dos objetos produzidos pelo mercado. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 10).

Soluções

Como solução os jovens apontam:

Sei lá, se não tivesse arma. Se não tivesse arma, acho que ia diminuir, não ia ser assim não. Não ia ter tráfico... Não ia ter morte... Morte ia ter, mas natural, né. Nós ía viver até mais tempo. (Diego).

As sugestões que os jovens oferecem para a diminuição dos índices de mortes de adolescentes situam-se em três níveis: o macro-social, o social e o individual.

Em relação ao nível macro-social, apontam como solução acabar com o acesso ou fabricação das armas de fogo; com as favelas; e ter mais acesso a empregos.

No nível social acreditam que a solução seria que todos fossem mais humildes, e se contentassem em ficar “cada um com o seu”; além de acabar com as pessoas “ruins”.

Já no âmbito pessoal, apontam que os jovens deveriam ter ações mais conscientes e atentas, dando mais valor à vida. Recomendam que os mais novos gastem seu tempo com brincadeiras, realizando atividades que promovam progresso, que os leve “adiante”. Outra sugestão é se afastar de riscos por meio da reclusão domiciliar.

Alguns disseram não ter nada a dizer a esse respeito por não enxergar soluções, ou não saberem como seria possível mudar a realidade que é imposta. “(...) morrer todo mundo vai morrer”, essa fala de Carlos traz a inevitabilidade da morte, ou das mortes prematuras, antecipadas pela violência. Esta percepção pode estar associada às condutas de intensificação do presente e do risco na tentativa de controlá-lo (Peralva, 2000).

Passo neste momento a comentar cada uma dessas sugestões:

1º) No âmbito social, acabar com as armas é segundo as pesquisas da UNESCO (Waisenfisz, 2005), um caminho que leva comprovadamente a diminuição dos índices de mortes. E acabar com armas significa mudar de mentalidade, e deixar de dispor de um instrumento projetado para tirar a vida das pessoas.

2º) As armas são associadas ao tráfico e às mortes, então acabar com o tráfico também pode ser apontado como solução para diminuir as mortes violentas.

3º) Acabar com as favelas pode se referir a acabar com a exclusão e com as extremas desigualdades sociais e dar acesso à cultura, lazer, bens, proteção e direito à vida.

4º) Ter mais vagas de emprego está relacionado também à inclusão social. Mas, além de vagas, é necessária boa remuneração e o reconhecimento da importância de cada um dos cargos.

5º) Humildade e ficar cada um com o seu é uma recomendação interessante, importante para pessoas de vários contextos e classes sociais. Vale tanto para políticos, como para patrões, e tem a ver com respeito e cidadania. Pode estar relacionado também com uma maior valorização do ser humano, em oposição ao valor dado aos objetos fetichizados, à imagem que gera cobiça e ganância; e com a necessária transformação do padrão de vida consumista que está se tornando insustentável em âmbito planetário.

6º) Em relação a acabar com as pessoas “ruins”, o que é possível fazer é tentar eliminar ou diminuir o que há de maldade que cada um carrega em si, com o intuito de tornarmos-nos mais humanos.

7º) A atenção voltada para ações mais conscientes dos jovens é também uma recomendação interessante. A consciência crítica, o conhecimento da própria história, das forças que afetam cada um e de suas possibilidades de agir é elemento importante nas biografias individuais. Pode levar à diminuição do risco de morte, mas também em sentido mais amplo, esta consciência é a base para a transformação social.

8º) Por fim, a reclusão domiciliar é forma indicada de prevenção de mortes. Devido à violência experimentada pelos jovens nas ruas, permanecer em casa pode ser uma forma de se proteger dos riscos, da violência, de si mesmos, de suas necessidades de expressão e denuncia. “Muitas crianças estão agora proibidas de brincar fora de casa e a preocupação com as saídas dos adolescentes parece que se intensificou” (CALDEIRA, 2000, p.317). Não ficar na rua para evitar a morte. Hoje a rua não é mais espaço livre, tornou-se imprópria para pedestres. Poder brincar e poder ter liberdade, no entanto, é um direito de crianças e de adolescentes. Do ECA (Brasil, 1991), Título II, Art. 16: é direito do jovem “I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais”. Portanto, cabe executar ações preventivas para tornar as ruas locais mais seguros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões de violência e morte que envolvem os jovens numa sociedade não dizem respeito apenas a eles e a seus familiares, são sintomas sociais que explicitam e dramatizam a forma como, em dado momento histórico, uma sociedade estabelece seus valores e conduz seus conflitos.

Na cidade de São Paulo, o número de jovens mortos de forma violenta, apesar de ter diminuído nos últimos anos, ainda é significativamente alto. O alvo da violência extrema não é aleatório, atingindo principalmente jovens com idade entre 15 e 25 anos moradores da periferia.

Cada morador da cidade participa deste processo de extermínio direta ou indiretamente, por meio da omissão e da reclusão em condomínios fechados, do apoio à ação policial dura e do suborno ou do recurso à justiça e à segurança particular.

Muitas vezes, adolescentes pobres são responsabilizados pelos males sociais, num discurso preconceituoso que reproduz o medo social; assim, indiretamente, as pessoas autorizam ações repressivas violentas que os desrespeitam em sua integridade moral e física. Tais ações privam estes jovens de seus direitos, mostrando que a democracia brasileira ainda não foi totalmente estabelecida, ficando restrita às classes sociais mais favorecidas.

O contexto de violência se materializa na vida dos jovens entrevistados na morte de seus amigos, familiares e conhecidos. Ao se aproximarem da morte, aumenta o sentimento de dor, medo e vulnerabilidade. Já que o futuro é incerto ou que nele a morte é certa, assumir o risco pode ser uma forma de controle da própria vida.

Os assaltos e o tráfico preenchem o imaginário desses jovens, que criam a expectativa de obter dinheiro fácil, poder e reconhecimento, mas, quando abandonam o nível do imaginado e passam para o plano da realidade, o preço dessas ações, na maioria das vezes, é pago com a vida.

Os jovens colaboradores desta pesquisa, após terem entrado em conflito com a lei, passaram a atores e vítimas do cenário social de violência e exclusão, e, ao se manifestarem, são porta-vozes que denunciam as injustiças sofridas, desigualdades e

anseios. Entretanto, por não terem articulação política, não modificam a realidade que vivem, reproduzindo a violência de que são alvo.

Aponto agora, a partir do que foi exposto, algumas considerações e encaminhamentos possíveis de cuidados e políticas públicas destinados aos jovens, que busquem a prevenção da violência, o desenvolvimento social e a valorização da vida:

- Escola e educação

A escola foi valorizada pelos jovens, apesar da crise por que passam as instituições de ensino e as instituições responsáveis pela transmissão de valores, num momento de transformações e mudanças sociais.

Os jovens valorizam a escola, daí a importância de pensar formas de melhorar a qualidade do ensino. Como exemplo, podemos pensar em aproximar os conteúdos escolares ao cotidiano do aluno, à suas demandas e necessidades; incluindo nas grades curriculares a diversidade cultural brasileira, valorizando as manifestações culturais da comunidade, como uma das formas de fortalecimento da auto-estima dos alunos.

- Trabalho

Trabalhar foi apresentado pelos colaboradores como aspecto relevante em suas trajetórias de vida. Esperam conseguir, no trabalho, o dinheiro necessário para comprarem bens que desejam adquirir. Dessa forma, é necessário que sejam disponibilizadas vagas de trabalho para os jovens, que ofereçam reconhecimento e valorização social, além de boa remuneração.

Os jovens não especificam com que gostariam de trabalhar; por isso, seria interessante que pudessem ter acesso a orientação vocacional e profissional, como forma de contribuir para a conscientização das relações sociais e de possibilitar uma gama de opções de atividades, apesar das limitações ainda impostas pela sociedade.

- Cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto (Liberdade Assistida – L.A.)

Este trabalho mostrou o potencial de transformação na vida do jovem das instituições de L.A., opção valorizada como alternativa à internação. Quando internados, os jovens sofrem diversas formas de violência, já nas casas onde cumprem medida socioeducativa em meio aberto, recebem orientação e auxílio.

Seria muito interessante que as casas de L. A. pudessem utilizar este potencial não apenas para promoverem adaptação, mas também para o desenvolvimento do pensamento crítico, auxiliando os jovens a pensar sobre formas possíveis de inserção social, com vantagens e desvantagens, sem cunho moralista, e sim esclarecedor, trazendo dados de pesquisas realizadas e promovendo reflexão.

Já que a morte afeta diretamente os jovens em conflito com a lei, cabe abordar, nos grupos de orientação, este tema, criando espaço para que possam lidar melhor com seus traumas. É importante que possam se expressar, compartilhar suas vivências, refletir e perceber que a morte não os afeta individualmente, pois trata-se de um fenômeno social.

- Polícia e Sistema Judiciário

Cabe destaque à necessidade de mudanças nas estratégias de atuação policial e de reformas no sistema judiciário, para que haja aproximação da sociedade com respeito aos direitos civis, principalmente desses jovens, contrariamente a uma longa história de abusos, impunidade, privatização da justiça e a mescla entre o legal e o ilegal.

- Educação sobre a morte

Visto que a morte “escancarada” ainda é tão presente em São Paulo, os estabelecimentos de ensino que se propõem a oferecer educação mais abrangente devem incluir em seus debates a dimensão social e política da morte.

Os psicólogos, que lidam com questões existenciais, envolvendo vida e morte, devem estar familiarizados com o assunto, e é importante que olhem também para questões sociais.

- Políticas públicas

Os itens citados devem, ser configurados em políticas públicas que ofereçam diretrizes para o desenvolvimento e implantação de projetos voltados aos adolescentes. É essencial que seja fomentada uma cultura de paz, respeito, cooperação e solidariedade, sensibilizando a opinião pública contra a violência e contra o desrespeito aos direitos humanos.

Já que os jovens trazem denúncias nas suas condutas de risco, pode-se aproveitar o seu potencial de liderança, criando canais de expressão de suas insatisfações, sofrimentos, para a compreensão do que precisa ser modificado. Os adolescentes devem ser envolvidos na formulação dos projetos que dizem respeito à suas vidas.

As políticas públicas devem alcançar a periferia, promovendo qualidade de vida, acesso à cultura e lazer, num esforço em prol da diminuição das desigualdades sociais e da exclusão.

- Novas pesquisas

O fenômeno da morte na adolescência demanda a realização de pesquisas que aprofundem a reflexão e tragam para o meio acadêmico informações para discussão que embasem políticas públicas para cuidar e integrar jovens em risco. Como contribuição para pesquisas futuras, destaco a importância da escuta atenta, acolhedora e sem julgamentos prévios.

Este trabalho contribuiu significativamente para a ampliação de minha compreensão sobre a morte de adolescentes em contexto de violência e exclusão social. Espero que, ao trazer a perspectiva do próprio jovem numa abordagem qualitativa, a pesquisa realizada possa ser útil aos que buscam elucidações sobre o assunto, e que instigue a realização de novas pesquisas e intervenções.

Pensamos demasiadamente
Sentimos muito pouco
Necessitamos mais de humildade
Que de máquinas.
Mais de bondade e ternura
Que de inteligência.
Sem isso,
A vida se tornará violenta e
Tudo se perderá.

Charles Chaplin

REFERÊNCIAS²⁷

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ADORNO, S. A gestão urbana do medo e da insegurança (violência, crime e justiça penal na sociedade brasileira contemporânea). 1996. 282 f. Tese (Livre Docência em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1996.

_____. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*, p. 7-8, abr./jun. 2002a.

_____. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Dossiê: Sociologias*, Porto Alegre, v.4, n. 8, p. 84-135, jul./dez. 2002b.

AMAYA, J. F. S. “Menos querer más de la vida”. Concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos. *Revista Nómadas*, Bogotá, D.C.: Fundación Universidad Central, n.13, p. 10-28, out. 2000.

ARANDA, F. Mais crimes e menos internações de jovens - Dados mostram crescimento de 39% de participação de menores em crimes e 24,4% de queda em detenções na Fundação Casa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.C5, 11 jul. 2008. [Caderno Cidades/Metrópole]

ARIÈS, P. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

BELCHIOR, L. Bala perdida mata estudante dentro do próprio quarto no Rio – Jovem de 17 anos foi atingido durante operação da PM em Cordovil (zona norte). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 2008. [Colaboração para a Folha online, no Rio]

BLEGER, J. *Temas de Psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

²⁷ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

BOMBARDI, V. M. *A rebelião do dia-a-dia: uma leitura sobre adolescentes autores de atos infracionais*. 2008. 342 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

BRASIL. Ministério da Justiça. *Estatuto da criança e do adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990*. Brasília, 1991.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>> Acesso em: 24 mai. 2009.

CALDEIRA, T. P. do R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARAMANTE, A.; SPINELLI, E. Mapa do crime revela as áreas perigosas – informações inéditas da polícia de São Paulo mostram que periferia tem mais crimes contra a vida e áreas ricas, mais crimes contra o patrimônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p.C2, 06 ago. 2008. [Caderno Cotidiano 2].

CARDIA, N. Os impactos da exposição à violência: aceitação da violência ou horror continuado? O caso de São Paulo. Cuernavaca, México, 1999. Disponível em: http://www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=884&Itemid=96. Acesso em 15 abr. 2009.

CASTRO, M. et al. *Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza*. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

CHAUÍ, M. Programa Roda Viva: depoimento. [1989] São Paulo. Entrevista concedida à Tv Cultura.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.

CORREIO BRAZILIENSE. “A morte veste farda”. Disponível em: <<http://www.hrw.org/en/news/2008/04/06/universal-periodic-review-brazil>>. Acesso em: 27 jul 2008.

DANTAS, P. Miséria e sonhos uniam jovens mortos – Wellington, David e Marcos Paulo viviam em situação de risco desde o nascimento e muito perto do mundo do crime. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p.C3, 22 jun 2008. [Caderno Cidades/Metrópole]

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php>. Acesso em 21 abr. 2009.

DOLTO, F. *A causa dos adolescentes*. Uma nova abordagem das inquietações dos adolescentes, numa linguagem acessível a jovens e adultos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DUARTE, N. A geografia da cidade. *Revista SP*. Prefeitura da Cidade de São Paulo. São Paulo: IMESP, 2008.

DRUMOND JR., M. *Vida e morte em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ENDO, P. C. *A violência no coração da cidade*: um estudo psicanalítico sobre as violências na Cidade de São Paulo. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2005.

ESSLINGER, I. *De quem é a vida final*. Descortinando os cenários da morte no hospital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FINOTTI, I. (Ed.) Datafolha define quem é o brasileiro entre 16 e 25 anos. *Jovem século* 21. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jul 2008. [Folhateen]

FOLHA DE SÃO PAULO. “*O infiltrado – Por dentro da PM*”. São Paulo, 18 mai 2008. [Caderno Mais!].

FOLHA DE S.PAULO. Número de mortos por policiais cresce em SP e no Rio. São Paulo, p.C3, 16 jul 2008.

FOLHAONLINE. Caderno Imprescindível da Semana. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/imprescindivel/semana/gd110302a170302.htm>>. Acesso em 21 abr. 2009.

FÓRUM NACIONAL DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: <<http://www.forumdca.org.br>>. Acesso em 22 abr. 2009.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA: *Vozes e olhares: uma geração nas cidades em conflito*. São Paulo: [s.n.], 2008.

FUNDAÇÃO CASA. São Paulo. Disponível em: <<http://www.casa.sp.gov.br/site/home.php>>. Acesso em: 12 set. 2008.

GARBIN, L. Nem guerra bate violência do Brasil – Um brasileiro morre de tiro a cada 14 minutos no País, como mostra estudo relativo ao período 1979-2003 feito pela UNESCO. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 jun 2005. [Caderno Metrópole].

ILANUD/BRASIL. Mapeamento Nacional de Medidas Sócioeducativas em Meio Aberto – Relatório Resumido – dezembro 2007.

Editorial. Redução da maioria penal penaliza o jovem. Matéria aprovada no Senado é criticada por estudiosos dos direitos humanos. *JORNAL PSI do CRP SP*. São Paulo, mai – jun 2007. Editorial, 26p.

KOVÁCS, M. J. et al. *Falando de morte com o adolescente*. Insight Produções. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999. 1 videocassete (15 min), VHS/NTSC, son., color, 1999.

_____. *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins fontes, 1996.

LEITE, P. M.. Os paulistanos. *Revista SP*. Prefeitura da Cidade de São Paulo. São Paulo: IMESP, 2008.

- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarrola, 2004.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, S. H. S. e FREIRE FILHO, J. *Culturas juvenis do século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008, p.9-32.
- MEAD, M. *Adolescencia y cultura en samoa*. Buenos Aires: Abril, 1945.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. Disponível em: <www.mds.gov.br/>. Acesso em 15 ago. 2008.
- MINAYO, M. C. de S. et al. *Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- _____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MINAYO, M. C de S.; SOUZA, E. R. de. (Org). *Violência sob o Olhar da Saúde. A Infrapolítica da Contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: FioCruz, 2003.
- MOURA, A. C. M. M. et al. *Reconstrução de vidas: como prevenir e enfrentar a violência doméstica, o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes*. São Paulo: SMADS. SEDES Sapientae, 2008.
- NOGUCHI, N. F. de C.. *Seguro na FEBEM-SP: universo moral e relações de poder entre os adolescentes*. 2006. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo. São Paulo. 2006.
- PERALVA, A. *Violência e democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- PERES, M. F. T.; CARDIA, N.; SANTOS, P. C. *Homicídios de crianças e jovens no Brasil: 1980-2002*. Universidade de São Paulo, São Paulo: NEV/USP, 2006.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano – Brasil 2005: Racismo, pobreza e violência*. Edição PrimaPagina: São Paulo, 2005.

RODRIGUEZ, C. F. *O que os jovens têm a dizer sobre a adolescência e o tema da morte?* 2005. 258 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

ROGERS, C. R. *On Becoming a person. A Therapsit's View of Psychotherapy*. EUA: , 1961.

ROMAN, M. D. *Psicologia e Adolescência Encarcerada: a dimensão educativa de uma atuação em meio à barbárie*. 2007. 285 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SMADS. Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/assistencia_social>. Acesso em: 15 ago. 2008.

SEMPA, Secretaria Municipal de Planejamento Olhar São Paulo – Contrastes Urbanos. São Paulo: SEMPLA, 2007.

SOARES, G. A. D.; MIRANDA, D.; BORGES, D.. *As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

TRASSI, M. de L.. *Adolescência-violência: desperdício de vidas*. São Paulo: Cortez, 2006

TURATO, E. R. *Tratado da Metodologia da Pesquisa clínico-qualitativa*. Construções teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *A voz dos adolescentes*. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brazil/voz.htm>>. Acesso em: 07 ago. 2007.

UNIVERSAL PERIODIC REVIEW OF BRAZIL. Human Rights Watch's Submission to the Human Rights Council. Disponível em: <http://www.hrw.org/en/news/2008/04/06/universal-periodic-review-brazil>. Acesso em 06 abr. 2008.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência de São Paulo*. Brasília: UNESCO, 2005.

WASELFISZ, J. J.; ATHIAS, G.. *Mapa da violência de São Paulo*. Brasília: UNESCO, 2005.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência dos municípios Brasileiros 2008*. Brasília, Ideal Gráfica e Editora: 2008.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

VICENTIN, M. C. G. *A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei*. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 - ROTEIRO TEMÁTICO DE QUESTÕES PARA ENTREVISTA

- Quando se fala no assunto morte, o que lhe vem à mente?
- Conversa sobre isso com alguém?
- O que é a morte para você?
- Em sua opinião, porque acontecem mortes de adolescentes?
- Conhece alguém que passou por alguma das situações apontadas? Pode contar como foi?
- Considera ter passado por alguma situação de violência? Pode contar?
- Considera já ter passado por situação de risco de morte? Pode contar qual?
- Como acha que essa realidade poderia ser transformada, para menos jovens morrerem?
- O que acha de falar sobre esse assunto? Se precisar falar dele com alguém, com quem seria?
- Como se vê no momento atual? Você se considera criança, adolescente ou adulto?
- Você pensa no futuro? Como se vê em cinco anos?

ANEXO 2 - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS ENTREVISTADOS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Meu nome é Clodine Janny Teixeira (CRP 06/86334). Sou psicóloga e estou realizando uma pesquisa de mestrado sob a orientação da Profa. Dra. Maria Júlia Kovács, docente do Instituto de Psicologia da USP, no programa de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. O tema de minha pesquisa é “O adolescente e sua visão sobre a morte”. Os objetivos do estudo são compreender como os adolescentes lidam com a questão da morte. Você está sendo convidado a participar como voluntário desta pesquisa. Sua participação não é obrigatória. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista. Caso esteja de acordo, a entrevista será gravada e o material será usado exclusivamente para a pesquisa. Será garantido seu anonimato e sigilo sobre quaisquer informações que possam identificá-lo(a) ou outras informações confidenciais. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em qualquer momento.

Clodine Janny Teixeira

Mestranda pelo departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP. Instituto de Psicologia – Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – CEP 05508-030 – Cidade Universitária - São Paulo. Telefone: (11) 3091-4356 ramal 201 - Secretaria de Pós-graduação do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Eu _____ (nome, assinatura e data) declaro que entendi os objetivos da pesquisa “O adolescente e sua visão sobre a morte” e concordo em participar dessa pesquisa como entrevistado e que o material desta entrevista seja utilizado para trabalho escrito. Quero que minha identidade seja preservada. Posso interromper a entrevista em qualquer momento sem necessidade de justificar o motivo.

ANEXO 3 - MODELO DE TCLE PARA AS INSTITUIÇÕES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – INSTITUTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) diretor(a) ou coordenador(a),

Meu nome é Clodine Janny Teixeira (CRP 06/86334). Sou psicóloga e estou realizando uma pesquisa de mestrado sob a orientação da Profa. Dra. Maria Júlia Kovács, docente do Instituto de Psicologia da USP, no programa de Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. O tema de minha pesquisa é “O adolescente e sua visão sobre a morte”. Os objetivos do estudo são compreender como os adolescentes lidam com a questão da morte. Venho, por meio desta, solicitar permissão para realizar minha pesquisa nesta instituição. A instituição não será identificada. O foco da pesquisa serão entrevistas a serem concedidas por jovens usuários da instituição que se voluntariarem a participar. Os adolescentes não serão identificados e será garantido sigilo sobre quaisquer informações que possam identificá-los(as) ou outras informações confidenciais. Serão tomados todos os cuidados éticos. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou em qualquer momento.

Clodine Janny Teixeira

Mestranda pelo departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano da USP. Instituto de Psicologia – Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – CEP 05508-030 – Cidade Universitária - São Paulo. Telefone: (11) 3091-4356 ramal 201 - Secretaria de Pós-graduação do departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Eu _____

(nome, assinatura, carimbo da instituição e data)

declaro que entendi os objetivos da pesquisa “O adolescente e sua visão sobre a morte” e aceito que ela seja realizada nesta instituição.

ANEXO 4 - ENTREVISTA COM LETÍCIA

Clodine – entrevistadora

Letícia - colaboradora

Clodine: Então, Letícia, quando você pensa nesse assunto morte, o que te vem à mente?

Letícia: Ah, muitas. Muito adolescente morre hoje por muitas besteiras, muitas coisas erradas. Ninguém morre a toa e nem de graça. Eu penso assim. Tem casos e casos. Mas pra mim adolescente morre cedo porque procura, agente colhe o que agente planta.

Clodine: Então pensando nisso, por que você acha que morrem os adolescentes hoje em dia?

Letícia: Namorado errado, vida do crime, entendeu? Coisas que não levam agente a lugar nenhum, só à morte mesmo... Confusão, balada, noite. Tudo isso. Drogas. Tudo isso resulta em morte. É o que hoje eu mais vejo, eu tô falando do meu ponto de vista, o que eu vejo aqui.

Clodine: E acontece...

Letícia: É, diariamente. Numa semana duas pessoas morrem, ou... amigos não. (...) ²⁸ ‘Nossa morreu? O que aconteceu?’ ‘Ah, morreu na mão de bandido. Morreu de overdose’. Ou o namorado matou por ciúmes, igual o caso da Heloá. Ela perdeu tudo, por quê? Não era o cara certo. Ela quis ficar com ele e foi justo quem ela mais quis que tirou a vida dela.

Clodine: E isso, além de estar na TV...

Letícia: É, está no mundo real. Tá real e o real está mais pior. Aqui agente vê na real, não é na televisão, aqui é o mundo.

Clodine: E já aconteceu com alguém que você conhecia?

Letícia: Já, muita gente. Muita gente.

Clodine: Tem alguma história que você possa contar?

Letícia: Tem a história do meu primo. Morreu. Foi roubar, roubou, foi pra casa, só que roubou aqui na região mesmo. Ele conseguiu. Tinha vendido. Chegou, tava no portão e

²⁸ Sempre que houver (...) se refere a trecho de difícil compreensão na gravação.

mataram. Ele achava que ninguém sabia de nada. Ele se livrou dos polícia, se livrou de tudo. Morreu. Tinha dezoito anos, ia fazer dezenove três dias depois. Tava certo? Não, tava certo. Tava errado. Ele procurou e morreu. Né? ... E é isso.

Clodine: E a parte de violência, como você acha que está?

Letícia: Ah, tá sem limites. Violência, já não tenho o que falar, tá sem limites. Todo mundo, ninguém consegue mais. Se você fez aquilo, eu vou querer fazer pior que você, mas sem pensar. Não pára. E aí continua violência gerando violência.

Clodine: E na sua história, você acha que já passou por alguma situação de violência?

Letícia: Já. Violência com namorado. Troquei minha mãe pra ficar com homem pra apanhar. Novinha, dezessete anos, quer apanhar de homem. Aí também não é violência? Né. Em casa também já apanhei muito porque eu sempre fui rebelde. É, a polícia também... Tive que ajoelhar. Se manda você colocar a mão na cabeça, você coloca. Ou é isso ou morte. Você guarda aquilo, leva aquilo para o seu dia a dia. Tem gente morrendo do seu lado. Você é muito nova, não está preparada para ver aquilo. Na balada teve um cara que morreu do meu lado. Aí hoje eu deito e escuto o barulho do eco, dos tiros, sabe? Que foi muito perto, eu não tava esperando aquilo. À noite, balada. O cara morreu de olho aberto, do meu lado, aquilo ficou na minha mente. Fixou, sabe? Às vezes eu deito e me dá uns tremeliques? É isso. A violência gera violência, não tem essa, não vai parar.

Clodine: E violência policial?

Letícia: Policial, tem. Se eles têm alguma incompatibilidade, pegou. Entendeu? Eles não pegam ninguém que é pra pegar. Eles pegam quem não tem nada a ver, os mais trouxas. Porque se for pegar os mais fortes eles morrem, porque eles têm família também. Eles não são bestas também, né. São ruins, né. Se é pra pegar, pega o bandido mesmo, né, que está acabando... Que bandido faz bem o quê? Faz bem a ele, não a nós. Ele pensa nele, no dinheiro dele, na família dele. Bota você pra trabalhar lá ó, não ganha nada e ele tá enricando. Ele pensa nele, né? É isso que eu penso.

Clodine: Você acha que hoje em dia tem brigas entre gangues ou grupos diferentes?

Letícia: Tem. Claro. Tem sim. Rivalidade. O produto que você vende tá melhor que o meu. Então por isso a concorrência tá ruim pra mim, porque tão indo na sua e não tão vindo na minha comprar, entendeu, aí eu faço o que? Te elimino. Por que? Porque é dinheiro. Envolveu dinheiro, são loucos por dinheiro, entendeu. Vou e mato você, fico com o

dinheiro, seus clientes passam pra mim e assim eu vou crescendo. Aí eu vou botando outros em outros lugares e vou fazendo nome, nome e dinheiro, né.

Clodine: E isso envolve morte...

Letícia: Aí vem morte e violência. Porque se você vai comprar e você não paga, ou do jeito que você chega lá pra comprar, se os caras estiverem loucos e te estranharem, você toma um pau. Além de comprar e pagar, você apanha. Só pelo fato de você chegar do jeito que você chega. Se você chega numa biqueira gritando, você vai apanhar. Chega lá com o carro acelerando, você vai apanhar. É violência, né? Sem querer acabou procurando violência. Sem querer não. Foi na biqueira, foi procurar o que? (rindo).

Clodine: E você com essa experiência de vida que tem, e com as coisas que conhece, acha que está em que fase da sua vida?

Letícia: Ah, eu penso em mim agora. Eu penso em mim porque eu acho que o ser humano é louco por dinheiro. Louco por dinheiro. Eu mato você pelo dinheiro, eu bato em você pelo dinheiro, é louco pelo dinheiro. Eu não sei se eu tô querendo que fique todo mundo muito humilde, ou, entendeu? Deve ser por isso. Que não tem condições nenhuma. Fica cada um com o seu que fica bem melhor, né? Vou querer tirar de você, que não tem? (ri)

Clodine: E se você pensar em fase, infância, adolescência ou vida adulta, em qual acha que está?

Letícia: Eu? Sei lá. Eu vi muita coisa já que não era para ter visto, não era o tempo não. É. Eu comecei tudo muito cedo, fumar, namorar, ia para a escola, não ia para a escola. Ia pras baladas, com doze anos indo no salão, enganando minha mãe. Era pra eu estar com dezessete anos aí indo pra minha primeira balada. Com doze anos eu fui pra minha primeira balada, à noite, noitada. É meio esquisito, não é a mesma coisa, as meninas da minha idade tão falando coisas que pra mim não tem mais a ver, elas falam ‘nossa, meu, fiquei um menino ontem, ele pegou na minha cintura’ (rindo). É mó ruim, eu nunca estou no meio deles, sabe? Para mim, não está mais no meu ritmo. Nem eu me achei ainda. Não me achei mesmo. Com os mais velhos eu aprendo. Com os mais novos se eu puder dar alguma informação, eu vou passar o que? Que o mundo é cruel, que nada é bonito. Que tudo que agente vê que é bonito, não é bonito, entendeu? E com os adolescentes (...), vai namorar, vai cabular, balada, é isso. Aprendo um pouquinho de todos os lados.

Clodine: E com relação a esse assunto, de falar sobre morte, você conversa com alguém?

Letícia: Não.

Clodine: Você já sentiu necessidade de falar disso com alguém, por exemplo, quando aconteceu o negócio da balada?

Letícia: Ah não, não falo, não gosto de lembrar. Às vezes em casa antes de dormir eu fico agonizando, minha mãe acha que é abstinência por causa da droga, pra ela, a mente dela é essa e ninguém muda. Só que eu não vou falar ‘mãe, eu tava lá no meu canto na balada, um menino caiu morto do meu lado e eu sonho com ele à noite. E eu vou fazer o que? Eu agonizo’. Sabe, eu faço ‘humm humm’, minha mãe fala que eu to gemendo. Toda noite que eu vou dormir eu vejo. Aí eu levanto, vou para o sofá, e o medo de dormir de novo e ver? Sabe? (...) Que eu to na mente, barulho que ficou no meu ouvido, tem um eco aqui. Que foi muito perto, muito perto mesmo, que dá até medo de lembrar. Entendeu? É uma coisa que você não sabe. Eu posso até contar pra você, mas tava no meu lugar pra você saber? Do jeito que eu estou contando pra você, caiu, morreu e já era. Agora e eu? Eu nunca vi ninguém nem nascer! Vou ver morrer? Não é?

Clodine: Principalmente...

(interrompeu para continuar falado)

Letícia: Então, na hora que caiu todo mundo saiu correndo. Todo mundo saiu correndo. Eu parei! Ou tava aqui e ele tava ali, ó. Eu sou tão burra que eu tava do lado. Eu tava do lado. (...) Se atirasse errado acertava em mim. Quem tava mais próximo dele era eu. Eu morria ali, sem saber. Podia ter sido eu. (...) Se disparasse vários tiros ali... ou se errasse a mira. Foram três tiros.

Clodine: Foi uma coisa que te traumatizou?

Letícia: É, tanto que eu não consigo esquecer.

Clodine: Você acha que aquilo mudou a sua vida de alguma forma?

Letícia: Ah, mudou meu modo de pensar. Eu saída de balada, sem me preocupar com nada. Era muita loucura. Minha mãe falava ‘cuidado, minha filha, de repente acontece alguma coisa, alguém pode te pegar, cuidado com droga...’ E eu: ‘pára, que chata, que que a pessoa vai fazer, eu com um monte de gente’. Eu vou falar o que? ‘Mãe, eu fiquei parada porque eu fiquei assustada. Me assustei, fiquei pálida, verde, não sabia o que fazer.’ Entendeu? Aí eu pensei que minha mãe falou, ó para você ver, na mesma noite ela tinha falado para mim ‘filha, ai, não vai filha, não vai’ e eu ‘mãe, para de ser chata’ (...)

Morrer, tudo bem, e ficar aleijada, dando trabalho para os outros? Sai para curtir e voltar aleijado ou morto. Morto tudo bem. Não é? Eu penso assim.

Clodine: Mudou o jeito de pensar?

Letícia: Mudou o jeito de pensar, porque para mim eu tava segura, ‘nada acontece comigo, o que acontece com você não acontece comigo, não’. Foi até bom, Deus falou: ‘ó, vamos pegar essa menina e vamos mostrar para ela que não é assim’ (...).

Clodine: Faz tempo?

Letícia: Tem seis meses agora. Eu tava grávida. Perdi.

Clodine: É?

Letícia: Tava de quatro meses. Sei que eu perdi, eu tive aborto espontâneo. Minha mãe acha que eu matei o meu filho. (...) ‘mãe eu não matei não’. Só que eu teria que falar pra ela umas coisas que ela não sabe, até eu dizer pra a minha mãe ‘mãe, um cara morreu do meu lado, eu tava dançando, eu não contei pra você, guardei isso até hoje, toda noite eu sonho com isso, quando eu tava grávida eu não perdi o neném porque eu matei’, porque para mim, eu não faria isso. ‘Não, você tá assim por causa da droga’ Mas acha que eu não perdi por causa do susto? Porque eu parei. Eu fiquei pasma. Sei lá, esquisita. Eu não conseguia nem ir pra frente nem pra trás. Não conseguia nem falar. Eu não tava esperando. Você acha que eu ia esperar ver um cara morrer do meu lado? Né? Eu acho que foi isso.

Clodine: (nesse momento comento que ao terminar a entrevista e quando não estivéssemos mais gravando, eu ia falar com ela um pouco sobre essas coisas, oferecendo acolhimento e os encaminhamentos possíveis).

Clodine: O que você acha que pode ser feito pra diminuir os índices de mortes na adolescência?

Letícia: É difícil, ehim. Difícil. Tá cada vez pior. Não tá melhorando, tá piorando. Ou algum problema tem aí, na violência. O que que seria bom para diminuir? Acabar com as favelas... acabar com as pessoas ruins. Eu não sei quem é bom e quem é ruim (...) Não tem como eu te falar como agente pode acabar com as mortes. Agente acaba procurando a morte sem, né, acaba não dando valor à própria vida. Agente faz escolhas sem saber pensar: se eu posso morrer, se eu não posso, se eu volto, se eu não volto. ‘Eu sei que eu

saio, mas não sei se eu volto’. Como agente acaba com as mortes? Não tem como. Não existe. Eu acho que não tem o que falar.

Clodine: Pensando nas mortes violentas de adolescentes.

Letícia: É de adolescentes. Em geral, é geral, em geral mesmo. Se é para morrer é para morrer. (...) Mas, às vezes agente também não dá valor. (...).

Clodine: Para você o que é a morte?

Letícia: A morte, o que eu acho sobre a morte, a morte pra mim é um caminho sem volta. É uma pessoa que vai e não volta mais. Em vida, né.

Clodine: O que acha de falar sobre isso?

Letícia: O que que eu acho de falar sobre esse assunto... Ah, vem saudades. Eu acho que a morte significa saudades. Por mais que você pense que aquela pessoa está bem, você sente falta. Você sente, você lembra de alguém, seu pai, sua mãe, seu irmão, um amigo que morreu, se você fala na morte você lembra daquelas pessoas, das suas pessoas. A morte significa o quê? Saudades. Você perde tudo. Você pensa ‘por que que foi?’, ‘por que que não podia viver mais?’ Até você compreender, né, mas mesmo assim está com saudades. Morte significa saudades.

Clodine: Você pensa em futuro?

Letícia: Penso. Eu quero muito, assim mesmo, conquistado por mim. Eu quero tudo comprado. Sabe? Eu quero fazer uma profissão que eu goste, que eu me sinta bem. Estudar, sabe, eu odeio escola. Sinceramente eu não gosto de escola. Eu to indo, né. Eu parei esse ano, mas eu vou ter que terminar, falta um ano, que eu vou ter que fazer. E eu já vou logo fazendo faculdade. Eu morro de vontade. É igual escola... É... Ah, casar eu não vou casar, vou ser mãe solteira. É isso, eu vou ter uma profissão, vou ter uma vida normal. (rindo) Pouco a pouco.

Clodine: E você pensa daqui a cinco anos? Como que é?

Letícia: Como eu imagino? Imagino ‘será que eu chego lá?’ ‘Será que eu consigo?’

Clodine: Chegar até lá que você diz é conquistar essas coisas ou viver?

Letícia: Então, as duas coisas. (...) Será que eu vou ter aquele jogo de cintura? Sem entrar para o tráfico? Sem querer ganhar dinheiro fácil? Entendeu? (...) Vou ficar aqui, nem que eu for contando os dias, mas eu vou trabalhar. Eu quero conseguir. Espero que eu consiga.

Quando desligo o gravador Letícia continua falando sobre assuntos relacionados à entrevista e pergunto se algo do que ela havia dito poderia ser gravado. Ela diz que sim, então a entrevista segue mais um pouco.

Clodine: O que acontece quando uma pessoa já fez ‘corre’ com alguém e depois sai?

Letícia: Ó, o adolescente consegue entrar numa burrada. Ele consegue entrar numa balada, ele consegue entrar em muitos lugares. Mas aí é que está, sair ele não consegue. Ele não tem uma idéia, para poder falar, poder sair sem ter que morrer. Fácil é entrar, o difícil é sair, sem apanhar, sem morrer. É, agente vive num mundo em que agente sabe muitas coisas que não deveria saber. Ou agente tem que ser eliminado para não contar pra ninguém, pra mim não me prejudicar, ou eu vou ver, mas quem espera pra ver? Eu vou e te elimino porque você sabe de coisas que não era pra você saber. Eu vejo uma coisa que não era pra eu ter visto, eu vou ser obrigada a morrer. A minha vida era ficar andando junto com as outras pessoas. Agente assaltava, agente roubava, agente fazia aquelas gangues, agente fazia tudo o que você imaginar. Tudo por terrorismo. Tudo por terrorismo. Hoje, para o grupo eu sou “Zé Povinho”, eu posso contar o que a gente já fez, entendeu? Só que sabe por que eles não me eliminam? Porque (...) e outra, eu sou sempre assim, (...) ‘Ela era boa, agora ela não é mais boa’, ‘agora ela pode ferrar com todo mundo’.

Clodine: “Zé Povinho” é o que?

Letícia: “Zé Povinho” é quem pode contar o que vê, o que sabe. “Zé Povinho” para eles é quem prejudica eles. E “Zé Povinho” para eles é aquela pessoa muito certinha, também. Para eles muito certinho é quem trabalha. Se você trabalha você é “mané”. ‘Trabalha o mês inteiro para ganhar quatrocentos contos, sendo que eu ganho quatrocentos contos em dois dias, você é trouxa? Você é “Zé Povinho”. Fica ganhando dinheiro para os outros? O patrão que está enricando’. Eles pensam isso, só que eles são tudo “largado”, também. “Largado” é... tem o patrão e tem o empregado. O patrão faz o que faz com o empregado, então, os traficantes, e para eles tá bom (...) Agente trabalha e tem um patrão, só que nosso patrão não bate nem mata, tem essa diferença, né, é bem melhor. Entendeu? E é isso, é o que eu te falei, o mundo louco e o mundo mais regular.

Ao final da entrevista conversei com Letícia dizendo que ela tinha o direito de cuidar de seu trauma e que não precisava passar por tudo aquilo sozinha. Como na casa de Liberdade Assistida havia um psicólogo na equipe que fazia atendimentos do tipo plantão (não para laudo) expliquei que ela poderia procurá-lo para conversar, se certificando de que a conversa seria sigilosa.

ANEXO 5 – ENTREVISTA COM BRUNO

Clodine – entrevistadora

Bruno - colaborador

Clodine: Bom, Bruno, primeiro eu queria que você falasse um pouquinho para mim, alguma coisa da sua história de vida, como o que te trouxe a estar aqui nesse serviço, né, na casa.

Bruno: No LA?

Clodine: É no LA.

Bruno: É, fiz coisa errada, né. Aprontei. Aí to aqui mesmo.

Clodine: O quê que é coisa errada?

Bruno: É roubei.

Clodine: Hum?

Bruno: Tinha roubado.

Clodine: E aí foi pego?

Bruno: Fui preso por roubar.

Clodine: Aí você ta aqui porque você já passou antes... quando é preso tem que ir pra uma casa fechada?

Bruno: Não, não cheguei a ir pra uma casa fechada.

Clodine: Não? Veio direto pra cá.

Clodine: E por quê? O quê que acontece para você vir direto?

Bruno: O juiz passou uma medida, (...) ²⁹ deu autorização pra eu sair (...) tudo certinho.

... ³⁰

Clodine: Então eu vou dar uma olhadinha aqui ³¹. É, em que fase você considera estar, da adolescência ou vida adulta?

²⁹ Trecho de difícil compreensão.

³⁰ Período em silêncio.

³¹ Consulta ao roteiro de questões da pesquisa.

Bruno: É, adolescência ainda, né.

Clodine: É?

...

Clodine: Você consegue perceber quando houve a mudança da fase anterior para a atual?
Da infância para a adolescência?

Bruno: Consigo.

Clodine: O quê que foi? O quê que marcou essa mudança?

Bruno: É, algumas coisas passadas, né. Isso daí não sai da mente um pouco, né... Não consigo esquecer.

...

Clodine: Hum.

Bruno: Só isso.

Clodine: Não entendi.

Bruno: Aconteceu umas coisas naquele instante pra poder eu ir preso, né, hoje eu procurei uma coisa melhor pra mim.

Clodine: Mas ser preso você acha que é o que mudou da infância para a adolescência?

Bruno: É, porque no momento que eu fiquei preso, pensei fazer parte dessas coisas, se não, ia continuar depois só curtindo. Saiu né, preso ontem, aí sai hoje, aí rouba depois tudo de novo. Deus o livre.

Clodine: Mas você já tinha sido pego outras vezes?

Bruno: Já

Clodine: Não foi a primeira vez.

Bruno: Já fui preso surfando, é, eu quase matei um motoqueiro, eu era terrível.

Clodine: Mas quase matou como?

Bruno: Surfando com um amigo. Estourou o tampão lá, você sabe o tampão? Daí o tampão caiu e o passou raspando na cabeça do motoqueiro (riso). Aí eu subi num ônibus, pra poder pular, para os policiais não me pegarem, mas os moleques ficaram com medo de medo pular, daí, eu não ia deixar eles...

Clodine: Aí foi pego?

Bruno: (balançou a cabeça afirmativamente)

Clodine: E eles foram pegos junto também?

Bruno: (balançou a cabeça afirmativamente)

Clodine: Tem algum deles aqui junto com você?

Bruno: Só um que está cumprindo medida.

...

Clodine: Entendi. Tem alguma coisa dessa situação que você queira falar?

Bruno: nuth nth (negativa)

Clodine: Por quê?

...

Clodine: É algo que você tenta esquecer?

Bruno: É, eu tento esquecer isso.

...

Clodine: E como que é pra você nesse momento estar aqui, nessa fase da sua vida?

Bruno: É, nem sei te explicar...

Clodine: Se você então analisar, o que era antes, que nome você daria para essa fase?

... ..

Bruno: Nem tem nome essas coisas. Mas é uma coisa estranha, né, o que eu fazia antes.

Não tinha, não tinha medo das coisas antes. Fazia as coisas sem pensar.

Clodine: E agora?

Bruno: Ichi, agora tô mais de boa. Voltei a estudar, tô agora estudando.

Clodine: Você está com quantos anos?

Bruno: Quinze.

Clodine: Quinze? Parece mais velho.

Clodine: E aí voltou a estudar...

Bruno: Hãhã.

Clodine: E aí o fato de ter que vir aqui, como é que é pra você?

Bruno: Ah, uma parte é... bom, outra parte é mais ou menos. Que eu to vindo aqui é bom pra técnica³² me orientar mais. Acho até melhor vir aqui. Melhor ficar aqui do que ficar preso.

Clodine: Humhum. Mas elas orientam coisas que são úteis pra você? Coisas que dá pra usar?

³² Orientadora Social.

...

Clodine: Ou mais pro lado emocional? Que quê elas trabalham?

Bruno: Í ó, ela me ajudou com a escola, ajudou lá em casa, uma par de coisa. Muitas coisas mudaram na minha vida.

Clodine: Ai que bom.

Clodine: Agora vem outra parte das perguntas do meu trabalho.

Clodine: Você considera já ter sido vítima de violência?

Bruno: Como assim?

Clodine: Você já sofreu alguma violência?

...

Bruno: Na rua assim, na rua?

Clodine: Em qualquer lugar.

Bruno: Em qualquer lugar. Não.

Clodine: Não?

... ..

Clodine: É... (me interrompeu para falar)

Bruno: Só quando eu fui preso os policiais me bateram.

Clodine: É uma violência.

...

Clodine: Todas as vezes eles bateram?

Bruno: Batem e enquadram também. Se parasse eles iam querer bater já. Principalmente o (...) e a (...). Esses policiais folgados. Gravei até o nome deles.

Clodine: Mulher também bate?

Bruno: O moleque foi preso comigo, aí ele pegou, ela foi bater nele e ele deu um murro na orelha dela. Ela mandou chamar o cabo, pro cabo bater nele. Ela vai batendo sem motivo. Agente tava lá sentado, né mano, ela chegou e falou “porque você não vai trabalhar, seu vagabundo”. Daí ele tinha um bastão. Aí o moleque falou: “larga a arma” pra ela e bateu nela.

...

Clodine: É, mesmo que estivesse fazendo alguma coisa, não é direito da pessoa, né, bater...

...

Clodine: Bom, o quê que você acha sobre o assunto morte?

Bruno: Morte.

Clodine: É.

Bruno: Ah, morte é uma coisa estranha também, sei lá, a pessoa morre do nada. Morte, morte. Eu nem sei te explicar.

Clodine: Mas o quê que você sente, desse assunto dessa palavra, mesmo sem saber explicar.

Bruno: Hum, sei lá, tipo você perde uma pessoa que você gosta, aí tem..., não tem como você esquecer. Eu perdi várias pessoas que eu gosto assim, né. Não tem como esquecer.

Clodine: Mas são pessoas mais velhas ou da sua idade?

Bruno: Mais velhas.

... ..

Clodine: E, mas você acha que a morte faz parte da sua vida?

Bruno: Acho que não. Quando morreu não pode fazer mais nada, morreu.

Clodine: Humhum. E por que você acha que tem tantas mortes na adolescência, tantos jovens morrem?

Bruno: Acho que os jovens que procuram a morte, né.

Clodine: Como?

Bruno: Ah, várias situações. Morte, é, os jovens querem fazer as coisas que..., sem pensar... Muitas coisas. Que nem, muita, como se fosse uma brincadeira minha, empinando pipa, muita gente é atropelado empinando pipa. Procurou. Em vez de ficar em casa, fazendo alguma coisa boa, não.

Clodine: Mas não tem um lugar pra empinar pipa que a pessoa não seja atropelada?

Bruno: Não, mas e se tiver cortado, daí tiver caindo, aí sai um monte de moleque atrás, é diferente.

Clodine: Que mais de situações assim, que acontecem, você acha?

Bruno: Briga, muitas coisas. ...

Clodine: Que a pessoa faz sem pensar?

Bruno: É... Só ameaça a pessoa, a pessoa só está perto, a pessoa só vai lá e pega o que vê.

Clodine: Hum.

... ..

Clodine: mais alguma coisa que você lembra?

...

Bruno: Só isso.

Clodine: Você pensando como um todo, de situações que levem à morte, pode ser de pessoas que você conhece ou não.

Bruno: É, qualquer pessoa. Até atravessando a avenida aí é capaz de um doido entrar e ó... muitas mortes.

Clodine: E nessa situação do policial, tal.

Bruno: Ah, a policia está matando mais do que... do que a própria morte.

Clodine: E como que acontece isso?

Bruno: Ah, eles levam pros lugares, matam, sei lá.

Clodine: E se tiver uma testemunha?

Bruno: Se tiver testemunha tem que mandar matar.

Clodine: E isso acontece?

Bruno: Acontece.

Clodine: Todo mundo sabe?

Bruno: Todo mundo. Passa no jornal em todo lugar.

Clodine: E o quê que as pessoas fazem?

Bruno: Fazem nada, vai saber quem que é o policial?

Clodine: Entendi. Então, você já teve alguma situação de proximidade, que você acha que já esteve em alguma situação de risco, que poderia ter levado à morte?

Bruno: De risco? É, uma vez eu tava usando droga na madrugada, daí os policiais me enquadraram, aí vieram me matar. Daí, a mulher passou, daí a mulher parou o carro e ficou olhando. Daí virou. Eu vi a mulher parada, daí olhei pra mulher e dei tchau para mulher (rindo), daí ele “é se é esperto ehim moleque”, daí não pegou nada.

Clodine: Daí nesse momento, naquele local era uma situação que você achou que tinha algum risco.

Bruno: É eles colocaram a arma na minha mão.

Clodine: Quem?

Bruno: Os polícia colocaram a arma na minha mão e na mão do moleque. Era a arma dele, a arma dele já tinha disparado bala já. Daí ia falar que nós implicamos com ele, era legítima defesa.

Clodine: Entendi, como se vocês tivessem pegado a arma dele, trocado tiros...

Bruno: Não, isso aí é a arma que eles pegam dos bandidos, isso aí, qualquer coisinha que der, já coloca a arma na nossa mão, nós que somos responsáveis. Qualquer um, nós pega trinta homicídios.

Clodine: Se a bala daquela arma tiver matado trinta pessoas...

Bruno: Que nem, eu mato dez pessoas aqui, daí eu te dou a arma pra você, daí quem vai se complicar é você. Foi pra sua mão e já era.

Clodine: Entendi, esta com a digital... E... Você sente que dá pra falar desse assunto da morte com alguém?

Bruno: Esse negócio de morte eu nem gosto de falar.

Clodine: Por que você não gosta de falar, por que é ruim falar disso?

Bruno: Ah, morte é nem..., morreu morreu, só isso que eu penso. Morreu morreu.

Clodine: Mas aí morreu e a pessoa que ficou fica, né.

Bruno: Fica esperando a morte dele. Não é que todo mundo vai morrer?

Clodine: Humhum, um dia. Mas enquanto espera, fica triste?

Bruno: É fica triste. Será que quando a pessoa morrer vai encontrar com a pessoa que esta morta?

Clodine: Depende do que você acredita, né. Se tem fé em alguma religião, acredita que vai encontrar.

Bruno: Então, se a pessoa gosta mesmo de uma pessoa que morreu, é só ela ter fé, que quando ela morrer ela vai encontrar a pessoa. Deus tarda, mas não falha.

Clodine: Hum. E, por exemplo, se você sentir necessidade de falar, por exemplo: você lembrou de um assunto, ou você teve medo de alguma situação, ou está triste que alguma coisa aconteceu... (me interrompeu).

Bruno: Duas mortes que eu vi foi a coisa mais feia, que foi a do meu tio e do meu colega. Meu colega tava indo roubar assim, aí ele caiu em cima, e tomou um choque de não sei quantos mil volts. Aí já estourou tudo, quebrou os dentes, estourou os olhos, quebrou todo. Era alto da onde ele caiu. E a do meu tio, assassinaram com tiro.

Clodine: E você viu as duas situações?

Bruno: Não, eu vi meu tio depois que ele já estava morto, já pegaram a mulher que matou ele, foi a mulher dele que matou.

...

Clodine: E o quê que acontece nesse momento, vocês conversam sobre esse assunto ou vira, ninguém pode falar.

Bruno: É, na verdade se alguém vinha falar ou chorar perto de mim eu saía pra fora. Não fico pra ouvir. Eu gostava muito dele.

Clodine: Humhum. É, é que em geral é difícil mesmo falar sobre esse assunto, só que se você precisar falar, você acha que tem pra quem falar?

Bruno: É tem o momento certo, né.

Clodine: Hum.

... ..

Clodine: O momento certo de...

Bruno: O momento ideal, né, se tiver alguém do lado, aí eu falo.

Clodine: Tipo, quem que seriam essas pessoas?

Bruno: Qualquer pessoa. Se deu vontade de falar eu falo.

Clodine: Você já falou com alguém desse colega seu?

Bruno: Já, ichi, todo lugar eu falo isso aí.

Clodine: Mas você falou do que você sentiu? Do que foi difícil para você?

Bruno: É, foi difícil, né.

...

Clodine: É, tem o lado da perda, da pessoa que agente perde, e nessa hora acho agente acaba pensando na nossa própria vida...

...

Clodine: Teve a ver, essa coisa que você falou que antes não se preocupava, e depois que aconteceu isso com seu amigo, você começou a pensar mais?

Bruno: Não, nem penso.

Clodine: Você acha que mudou alguma coisa?

Bruno: Comecei a pensar, né, nas coisas passadas, tudo quanto é momento eu lembro, se tá certo ou se tá errado, deu mais uma visão, né.

Clodine: O quê que você acha que poderia fazer pra mudar essa situação? Pra menos jovens morrerem, quê que você acha que deveria mudar?

Bruno: Ah, o jovem tem que se cuidar mais, prestar mais atenção no que ele for fazer.

Clodine: São só os jovens que tem que prestar atenção?

Bruno: Não, não é só o jovem, adulto também, qualquer pessoa.

Clodine: Como?

Bruno: Qualquer pessoa pode ter risco de morte

Clodine: Mas o quê que o jovem tem que fazer pra não se expor a situações de risco de morte?

...

Bruno: Ah, devia ficar... brincando. Melhor do que fazer coisas que vai se atrasar. Em vez de fazer alguma coisa errada, faz coisa que só se adianta.

Clodine: E como é pra fazer essa mudança? É fácil?

Bruno: Acho que é (com ênfase).

Clodine: Você conseguiu viver isso?

Bruno: É que nem, ficar na madrugada. Madrugada é briga atrás de briga. Tantas coisas eu já vi na madrugada, que... difícil.

...

Clodine: Quer falar alguma coisa que você já viu na madrugada?

Bruno: (negativo com a cabeça)

...

Clodine: Última pergunta. Você tem planos pro futuro?

Bruno: Trabalhar.

Clodine: Trabalhar. Em que?

Bruno: Não sei, só penso só em trabalhar só.

Clodine: Mas você tem um gosto, alguma coisa que você gosta de fazer?

Bruno: Não, eu gosto de trabalhar de qualquer coisa. No que surgir, pra mim, me chamar, tá bom.

Clodine: Já é um bom começo, essa disposição. Mas acho que é bom também você ir descobrindo o que você gosta de fazer, mesmo que seja na prática. Aqui eles não tem orientação vocacional?

Bruno: Como assim?

Clodine: Orientação vocacional é pra você saber as profissões que têm, que existem, pra você saber o que você gosta de fazer.

Bruno: Não, tem, mas prefiro na hora que surgir um emprego eu vou falar que não tem.

Clodine: Como você se vê daqui a cinco anos?

...

Bruno: Não sei. Não me vejo...

Clodine: Não?

Bruno: Nunca pensei nisso...

Clodine: O quê que você sente, que você se vê fazendo...?

Bruno: Daqui a cinco anos eu, já dá pra estar com meu carro e com minha moto, já, né. Só, o que eu penso, daqui a cinco anos ter meu carro e minha moto e bóra.

Clodine: Ta bom. Tem alguma coisa mais que você queira falar, ou que você queira perguntar?

Bruno: É só isso que eu penso.

Clodine: Então tá. Se você quiser falar alguma coisa, se quiser me procurar, vou voltar aqui pra fazer um encontro em grupo, como vocês queriam (antes da entrevista, queria ser entrevistado em dupla com o colega), se você tiver alguma coisa pra falar, eu espero, se tiver a possibilidade, que eu volte aqui.

ANEXO 6 - ENTREVISTA COM JOÃO

Clodine – entrevistadora

João - colaborador

Clodine: Por que você acha que acontecem hoje em dia as mortes na adolescência?

João: Ah, muitas coisas, né, muitas coisas, drogas, envolvimento com algumas pessoas, tudo, né, algumas coisas.

Clodine: E como você acha que poderia mudar isso, menos adolescentes morrerem?

João: Ah, isso eu não sei... (rindo)

Clodine: Na sua opinião...

João: É... não sei.

Clodine: Quer pensar um pouquinho?

João: Pra não ter mais morte, é?

Clodine: Ou diminuir.

João: Ah, ter mais empregos, né. A falta de empregos. Muita gente sai pra roubar aí por causa que não tem emprego. Tá difícil emprego.

Clodine: Entendi.

João: Se tivesse mais emprego ia ter bem menos morte.

Clodine: E qual que é a relação entre roubar e morrer?

João: Ah, a partir do momento que você tá fazendo coisa errada, né, é caixão ou cadeira de rodas.

Clodine: Como acontece isso?

João: Ah, é a lei. É a lei do... quem entra pra isso o futuro é a morte ou cadeira de rodas.

Clodine: Por que o futuro é a morte ou a cadeira de rodas?

João: Ah, por que o crime não leva a nada, né, aí, você vai fazendo as coisas erradas, aí acho que é assim.

Clodine: Mas o que acontece quando a pessoa está no crime?

João: Ah, acontece muitas coisas. Inimigos, tudo, né.

Clodine: Inimigos?

João: Ah, não sei explicar, mas sei como é que é, né.

Clodine: Sabe?

João: Não sei colocar em palavras.

Clodine: Você conhece algum exemplo, alguma situação de alguém que passou por isso?

João: Que morreu?

Clodine: Ou que conhece alguém que morreu.

João: Meu tio, meu pai. Meu tio. Eu vi ele morrendo, eu tava na hora que mataram ele. Eu só não morri porque eu corri.

Clodine: Sério?

João: É porque a treta dos caras era com meu outro tio. Aí foram roubar lá e meu tio não deixou. Aí, arrumaram treta com ele. Aí depois não encontraram meu tio, acharam o outro e mataram. Eu só não morri porque eu corri, se não tinha morrido também.

Clodine: E você falou que seu pai também.

João: Meu pai também morreu. Não sei quem matou não. Meu pai era ruim. Não gostava dele.

Clodine: Ele tinha algum envolvimento com...

João: Com drogas, com... matava pessoas, só de os outros olharem torto pra ele já era motivo pra ele matar.

Clodine: Isso você sabia?

João: Sabia. Seis anos.

Clodine: Você tinha seis anos quando ele morreu?

João: Eu já sabia já muitas coisas já.

Clodine: Você acha que a morte dele teve a ver com esse envolvimento?

João: Lógico, né, ele matou tanto que a família de quem ele matou até vingou, porque quem mata morre, né. Ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém.

Clodine: Seu pai tinha quantos anos?

João: Tinha 29.

Clodine: Você conhece algum adolescente, ou a história de algum adolescente que morreu?

João: Só a história de uma menina, né, que... lá onde que eu morava também, quando eu tinha 10 anos. Daí essa mulher, a mãe dela, era amiga do meu pai. E meu pai tinha judiado da mulher do cara, tinha dado um tiro na barriga da mulher do cara, aí essa

mulher tinha ajudado também. Aí a filha dela e o cara foi lá e matou a filha dela de dez anos.... é vingança.

Clodine: O que você acha que te levou a não ter esse destino?

João: Parei de fazer coisa errada. Fazer mais não, roubar, essas coisas parei, para mim trabalhar que é melhor. Ah, pensar mais, né. Não gostei da onde que eu fiquei não, lá na Fundação (rindo). Aí não quero mais, quero ficar de boa, curtindo, só.

Clodine: Você acha que já foi vítima de violência em algum momento?

João: Não.

Clodine: E você acha que já passou por alguma situação de risco?

João: Ah, só foi essa daí (rindo) que eu quase... se eu não tivesse corrido eu tinha morrido, já era.

Clodine: O que você não gostou lá na Fundação (CASA) que te leva a não querer voltar lá?

João: Eles batem. Batem, não pode nem fumar um cigarro, nem nada (rindo), tem que ficar parado, quieto, cabeça baixa, daí isso daí não rola, não gostei não.

Clodine: Se você pensar no seu passado, no presente e no futuro e você fosse usar uma palavra para definir, qual seria?

João: Só superação, só.

Clodine: E da sua infância, o que você acha?

João: Curti muito, também. Brinquei muito, isso eu não posso negar.

Clodine: Em que fase considera estar?

João: Adolescência. 14 anos só. Tenho muito pra viver ainda, pra aprender. Ainda curto, saio de vez em quando, vou pra a balada, jogo bola, faço um monte de coisa.

Clodine: E você já pensou no futuro, você tem algum plano, alguma meta?

João: O futuro é o futuro. Não penso no futuro.

Clodine: Não?

João: Não, só no presente.

Clodine: E o que você pensa no seu presente?

João: Ah, em tudo que acontece, daí eu penso. As coisas que acontecem no dia a dia.

Clodine: No dia a dia de onde?

João: Da rua. Eu fico na rua o dia inteiro, jogo bola, tenho que ficar cuidando do meu irmão mais novo.

Clodine: E daqui a cinco anos?

João: Não sei, né, deixa a vida acontecer.

Clodine: O que você acha desse assunto morte?

João: Morte é... Todo mundo um dia vai morrer, né. Vou esperar para ver (rindo). Eu acho. A morte... Não tem que ficar pensando na morte, só ela chegar. Quando ela chegar. Todo mundo tem dia pra morrer (rindo).

Clodine: O que é a morte para você?

João: A morte é morrer! (rindo) é morte. Apagar, e já era!

Clodine: E o que você acha de falar desse assunto?

João: Sobre a morte?

Clodine: É.

João: Normal, né.

Clodine: Conversar sobre isso.

João: É interessante falar, é umas coisas diferentes, né, muita gente não fala sobre esse assunto. Diferente. É bom.

Clodine: Então, se um dia você quiser falar sobre esse assunto, você tem com quem falar?

João: Com meus amigos.

ANEXO 7 - ENTREVISTA COM CARLOS

Clodine – entrevistadora

Carlos - colaborador

Clodine: Quando você pensa nesse assunto morte, o que vem à sua cabeça?

Carlos: Ah, eu fico triste.

Clodine: Triste?

Carlos: É.

Clodine: E você conversa sobre isso com alguém?

Carlos: Não, fica só para mim só.

Clodine: E você já pensou nesse assunto mais vezes antes?

Carlos: Já, penso na hora de dormir.

Clodine: Por que na hora de dormir?

Carlos: Sei lá, é o momento que eu estou assim, descansando, não estou fazendo nada, aí bate aquele negócio sobre a morte.

Clodine: O que é para você a morte?

Carlos: É o fim da vida, né, acaba tudo ali.

Clodine: E por que você acha que acontecem tantas mortes de adolescentes?

Carlos: Violência.

Clodine: Violência?

Carlos: É.

Clodine: Que tipo de violência?

Carlos: De tiro, esses negócios. Quem mora na vila ouve isso, de tiro.

Clodine: Você conhece alguém que passou por uma situação dessas?

Carlos: Lá perto de casa teve.

Clodine: E você pode contar como foi a situação?

Carlos: Eu tava dentro de casa nesse dia, né, aí tava vendo televisão, aí eu ouvi um barulho. Aí minha mãe falou assim: ‘é bombinha’, eu falei: ‘acho que não é não’. Aí deu três disparos. Aí na hora que agente saiu na rua já estava aquela multidão. Aí falou: ‘o

(...)³³ morreu”. Aí os caras que mataram já estavam do outro lado. Aí ele morreu. Morreu dentro da casa da vizinha, desceu do lado, aí os caras desceram atrás dele e mataram ele. É assim, morreu. Acabou (muito triste).

Clodine: E você sabe por que aconteceu isso?

Carlos: Me disseram que ele estava roubando roupas no varal.

Clodine: Você lembra de mais outras situações assim?

Carlos: Não, é que esse daí foi mais próximo de casa, foi a três ou quatro casas.

Clodine: E você já sentiu em algum momento que passou por risco de vida?

Carlos: Não, que eu saiba não. Acho que não.

Clodine : E já foi vítima de violência?

Carlos: Só de briga, de arma não, sempre tem uns moleques que querem brigar, mas de arma acho que não.

Clodine: E como você acha que poderia mudar essa realidade?

Carlos: Acho que não tem como mudar não, morrer todo mundo vai morrer. Pode não ser por violência, mas (...)³⁴.

Clodine: Mas e a realidade das mortes na adolescência?

Carlos: Aí, é menos violência.

Clodine: Como que poderia fazer para diminuir a violência?

Carlos: Arma você encontra em qualquer lugar hoje em dia. É a coisa mais fácil. Acha em qualquer lugar.

(...)³⁵

Clodine: Se você pensar no seu momento agora, onde acha que está, infância, adolescência ou vida adulta?

Carlos: Estou no mesmo lugar. Acho que vou ter que mudar, né. Criança é só brincadeira, só que com o tempo vai mudando. Depois adulto é outra coisa, família, trabalho.

Clodine: E você está em qual deles?

Carlos: Estou só na adolescência

Clodine: E para você como é a adolescência?

Carlos: Eu saio aqui um pouco só, vou para salão, para festa.

³³ Nome omitido para manter o sigilo.

³⁴ Trecho de difícil compreensão na transcrição.

³⁵ Momento de silêncio.

Clodine: E você pensa em futuro?

Carlos: Trabalhar, família e profissão. Comprar casa...

Clodine: Então, você se vê daqui a cinco anos como que você vai estar?

Carlos: Daqui a cinco anos, não, vou estar novo. Vou estar com menos que vinte, vinte e dois anos, vou estar novo, acho que eu vou ter família só com uns trinta (tem 17).

Clodine: E tem alguma coisa que você queira comentar do seu momento hoje, por que você está aqui?

Carlos: Não, acho que não.

Clodine: Se quiser falar do assunto morte, sente que tem alguém para falar?

Carlos: Minha mãe, os pais.

ANEXO 8 – ENTREVISTA COM DIEGO

Clodine – entrevistadora

Diego - colaborador

Clodine: Primeiro eu queria saber um pouquinho de você, da sua história, como você veio parar aqui, tal.

Diego: Sempre eu ia roubar, lá na Barra Funda. Aí nós fizemos uma volta em frente à escola, aí nós vimos umas três moças com máquina digital, bolsas, dinheiro. Aí nós seguimos elas até o viaduto, aí pegamos elas, demos uma voz, aí o milico chegou, pegou nós, mandou nós soltar a bolsa. Fui preso mais porque foi parte minha, porque fiquei no ponto esperando, esperando um ônibus que nunca passava, que não ia passar nunca. Aí fui preso. Aí de lá fui pra FEBEM, fiquei três dias na UAI (Unidade de Atendimento Inicial), aí depois fui pra UIP 8 (Unidade de Internação Provisória), fiquei sete dias lá, aí de lá já peguei vaga pra mim.

Clodine: Quantos anos você tinha?

Diego: Eu tinha 17 anos. Agora estou com 18.

Clodine: Então foi recente?

Diego: Foi, foi esses tempos. Não faz nem, acho que nem sete meses, eu era de menor.

Clodine: Então primeiro você ficou três dias num lugar, depois mais sete dias em outro.

Diego: Eu fiquei três dias na UAI, aí da UAI lá fui pra UIP, fiquei sete dias lá, esperei o julgamento, aí o juiz deu (...) ³⁶ pra eu sair, e cumprir prestação de serviço...

Clodine: Há quanto tempo você está aqui?

Diego: Aqui, tem cinco meses. De prestação de serviço peguei quatro meses, ainda falta lá um mês e meio pra eu concluir.

Clodine: Quê que tem que fazer na prestação?

Diego: Ah, eu trabalhava com papel, trabalhava com secretaria, aí eu colocava em ordem os papel, as matrícula, assim, toda vez que chegava lá fazia isso, toda semana.

Clodine: E foi a primeira vez que você foi pego?

³⁶ Trecho de difícil compreensão na gravação da entrevista.

Diego: Que eu fui pego foi a primeira vez, mas que eu já roubei não. Eu já tinha roubado outras vezes também. Não foi a primeira vez que eu roubei.

Clodine: E, em que fase você considera estar, adolescência ou vida adulta?

Diego: Acho que um pouco dos dois, né. Às vezes eu penso que adulto, eu to numa fase de crescimento (riso), eu volto a ser criança às vezes, eu dou muita risada. Aí eu não sei se eu estou na vida adulta ou criança.

Clodine: Você percebe quando que houve a mudança da fase anterior para a fase que você está agora?

Diego: Percebo, agora. Antigamente eu ainda conseguia roubar. Antigamente. Tinha, eu ia só por, diversão, poder da mente - fala aí - adrenalina, pegar sair correndo. Hoje não, hoje em dia eu tentei ir, mas dava aquele medo, sabe. Às vezes o mano que estava comigo falava “vamos pegar lá, vamos, vamos”, e eu falava “não, não é a hora certa, melhor esperar”. Aí nós íamos pra pegar outra. Sei que eu voltava sem pegar nada. Aí eu falei: “to sentindo medo”. Acho que deve ser esse negócio que eu venho aqui, fico falando, esse atendimento aí, essas mulheres aqui entram na nossa mente, que não serve nem para roubar. Eu acho que é isso.

Clodine: Você está sentindo medo?

Diego: Estou sentindo, não consigo roubar mais.

Clodine: Qual você acha que é o papel do medo na sua vida?

Diego: Papel do medo? Não sei, eu nunca tinha tido medo, agora, essa pergunta eu não sei te dizer não.

Clodine: Tudo bem, depois se surgir a resposta você fala.

É, o quê que você acha do assunto morte?

Diego: O que eu acho, ruim, muito ruim, pra mim, não é bom a morte (com voz triste), ver uma pessoa morta no caixão. Uma vez eu fui num enterro de um amigo meu, cheguei em casa e não consegui dormir, fiquei pensando nele, toda hora vinha ele no meu pensamento, assim, caixão... E aí, teve uma hora que eu tava deitado na cama e pulou logo um gato na minha cara, eu virei assustado fazendo assim (movimento de puxar as cobertas) e fechei o olho. Aí, minha mãe tinha um gato na minha casa e voou na minha cara, eu tomei o maior susto e tava só, com a cabeça a mil pensando nos bagulhos. Aí eu

pulei, fui lá do lado da minha mãe, abracei ela, aí ela acordou, contei para ela do sustão... Foi isso.

Clodine: Humhum.

Clodine: Pra você o quê que é morte?

Diego: Pra mim... Ninguém gosta da morte... Não sei te dizer também, só sei que ela é ruim.

Clodine: Tudo bem.

Clodine: Você considera que você já foi vítima de violência em algum momento?

Diego: Se já fui vítima, já, já fui vítima sim. Quando era pequeno apanhava. Quando é pequeno assim na escola, sabe como é isso, quando é pequeno sempre tem situações, aí você cresce, ninguém meche mais. É isso.

Clodine: Por que você acha que tantos jovens morrem?

Diego: Ah, porque começa na vida do crime cedo, começa a ir pra bandidagem cedo, começa a usar droga cedo, aí começa a roubar, às vezes vai fazer um assalto e acaba morrendo também... Sei lá. Sempre tem menor que vai roubar... Já teve um menino que morreu comigo, um mano, quando eu fui roubar. Eu tinha feito uma cena lá dentro, aí eles roubaram, o cara deu um tiro no menor que estava com ele. Aí o menor morreu. Ele tomou tiro também, ele e outro cara, e até hoje ele está aí, ele nunca foi preso, já passou por vários bagulhos. A polícia já chegou a colocar soco na cara dele... Passou vários bagulhos. Depois ver ele crescendo, esse bagulhos, e hoje está aí, mó forte, vai ser pai. Eu gosto dele para caramba.

Clodine: Você acha que a morte faz parte da sua vida?

Diego: Não. Eu quero é ficar bem longe.

Clodine: Por exemplo, voltando com relação ao seu amigo, o que aconteceu, se você sentir necessidade...

Diego: Ah, eu senti muito, que ia ver ele lá no caixão, porque na hora você vê uma pessoa que você gosta muito morta no caixão, bate vários pensamentos, o que vocês já passaram juntos, tem uma cena que vocês fizeram, que vai passar pela sua cabeça... Se vai ver ele ali, no caixão ali, pode até chorar... Aí, acho que é isso.

Clodine: Você teve a chance de falar sobre isso com alguém?

Diego: Para ele, com alguém?

Clodine: Qualquer pessoa. Falar dos seus sentimentos, das coisas que você estava pensando.

Diego: Não, eu fico quieto... Eu fico sozinho... Aí fico pensando... Mas falar é ruim.

Clodine: Mas tinham outras pessoas também, que eram amigos dele.

Diego: Tem, tem vários amigos que eu considero. Tem aqueles amigos falsos também. Falsos, que é melhor destacar. Melhor ficar com aquele que você considera. Eles podem fazer intriga, eles podem acabar brigando até com aquele cara que você considera por causa daquele cara que é falso, que fala coisa que não tem nada a ver com você, e eles acabam até brigando.

Clodine: E como que você acha que poderia mudar essa realidade, da morte na adolescência?

Diego: Sei lá, se não tivesse arma. Se não tivesse arma, acho que ia diminuir, não ia ser assim não. Não ia ter tráfico... Não ia ter morte... Morte ia ter, mas natural, né. Nós ía viver até mais tempo.

Clodine: E como você se vê agora, nesse momento?

Diego: Nesse momento. Ah, eu to bem, mano, to bem. Mas às vezes eu sinto até falta daquele tempo que eu roubava, mas às vezes eu pra e penso “não, não vou roubar não”. Melhor ficar assim... Qualquer hora eu vou arrumar um trampo, e vou ficar suave. Melhor ficar aqui... A não ser se aparecer uma fitinha grande, às vezes o coração até atende, posso até ir. Mas acho que se continuar do jeito que está aqui, não vou mais não. Às vezes, lá dentro lá pensando: caí por causa de um bagulho assim, por causa de uma máquina digital, bolsa... e dinheiro. Às vezes até me assusta aquele, a pessoa com celular, com dinheiro, você vai ficar tentado com aquela coisa, aí vai ter que catar aquela mulher ou aquele cara, aí sair correndo, que a briga é dura também. É muita adrenalina, você vê uma pessoa correndo atrás de você, você olha pra trás, corre mais ainda, passar no meio de uma avenida, ficar cara a cara com um motoqueiro. Que vem muita gente que vai de carro atrás de nós, aí veio o comando da polícia armada, aí passaram dois motoqueiros, veio até mendigo atrás de nós, num dia. Aí veio o milico atrás de nós, nós soltou as bolsas... aí vieram meus amigos, saí correndo lá para a frente, aí voltei para trás, tudo o que eu corri eu voltei, aí o taxista me pegou, me deu uns murros, eu também dei nele... aí saí correndo e aí fui para o ponto, ele nem ia querer me render, só queria só dar uns

toques, por que tem muita gangue aí na (...)³⁷, muita mesmo, que vai aí e toma uns porres. Aí aconteceu que eu fiquei esperando o ônibus e... fui preso, por vacilo meu... ..

Clodine: E como é que você se vê daqui a cinco anos?

Diego: Ah, tomara que seja pra melhor... Eu estou outra pessoa. Tomara que pra mudar, mas do que eu já to.

Clodine: Você pensa com que você quer trabalhar?

Diego: Se eu arrumasse um trampo estável pra mim tava à pampa, seja do que fosse, se fosse registrado, pra mim tava bom.

Clodine: E daqui a mais tempo, daqui a dez anos. Como você se vê?

Diego: Daqui a dez anos. Ah, a mesma coisa. Trabalhando... Chegando em casa, ficar com a família, se divertir também com os amigos, fazer uma festinha de vez em quando, que é bom, pra lembrar os velhos tempos... Assim.

Clodine: Relembrar os velhos tempos?

Diego: É que quando agente ficar velho agente quer lembrar sempre, agente vai sentir saudades do tempo em que nós era menor, uns quinze anos, assim. Eu ia muito para o salão. Hoje em dia eu estou sossegado. Ia para salão, subia nos ônibus, ficava surfando, estourava vidro do ônibus, altos bagulhos, só que eu era coisa ruim, né, tem as boas também.

Clodine: Você sente falta das boas e das ruins?

Diego: Das boas, né, das ruins não.

...

Clodine: Eram essas as perguntas. Você quer falar de mais alguma coisa que você tenha lembrado ou que queira perguntar?

Diego: Falei tudo. Perguntar... Só aquilo, no comecinho, que eu queria saber sobre o que ia ser... É que às vezes é ruim falar disso daí, de morte, fica pensando altos bagulhos.

Então parei de gravar e dei uma acolhida, me oferecendo para conversar mais caso ele quisesse ou sentisse necessidade, que procurasse a coordenadora da casa, que tem o meu contato e poderia agendar. Agradei e encerramos.

³⁷ Trecho omitido para manter o sigilo.